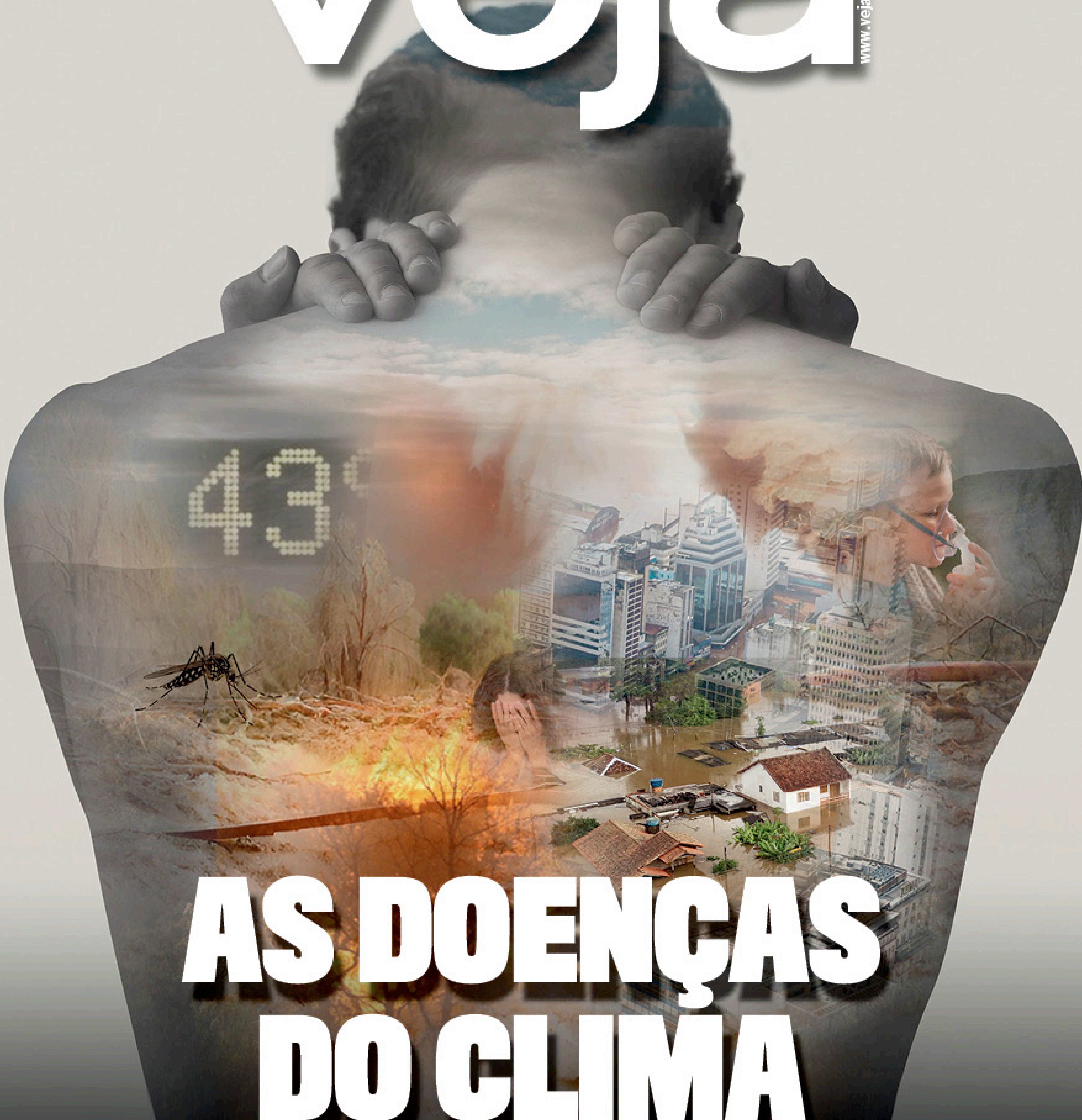
Editora ABRIL
edição 2895 - ano 57 - nº 22
31 de maio de 2024

veja

www.veja.com



AS DOENÇAS DO CLIMA

Pesquisas revelam os males de saúde relacionados aos extremos do aquecimento global, entre pandemias, distúrbios cardiovasculares e traumas psicológicos. Dá ainda para reverter esse quadro, mas é preciso agir rápido

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Adriana Ferraz, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Giovanna Bastos Fraguito, Gisele Correia Ruggero, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA FINANCEIRA (CFO)** Marcelo Shimizu, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 895 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 22. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

CARTA AO LEITOR



CBS/GETTY IMAGES

PIONEIRA Rachel Carson, autora de *Primavera Silenciosa,* de 1962: "Guerra sem tréguas contra a vida"

UM GRITO DE ALERTA

A POSTURA INEPTA das autoridades políticas diante das tragédias ambientais parece ser atávica, sinônimo de irresponsabilidade. As ações lentas — quando não o desdém a alertas preliminares e o descaso com os investimentos em contenção — resultam em cenas dramáticas como as do Rio Grande do Sul, coberto de água e lama desde o início de maio. Não é exclusividade brasileira, como a jabuticaba — basta lembrar dos estragos do furacão Katrina, que varreu a região metropolitana de Nova Orleans, nos Estados Unidos, em

agosto de 2005. A letargia amplia os desastres naturais. Não se trata de afirmar que reações rápidas e adequadas, associadas à prevenção, sejam capazes de sempre frear a força inigualável da natureza. Não. Mas há um aspecto ainda mais terrível na imprudência oficial — a falta de controle e de regras tem acelerado, no mundo industrializado movido a combustíveis fósseis, as mudanças climáticas que empurram a humanidade para o precipício.

Já passou da hora, portanto, de atitude urgente. Há tempo de correção, caminhos sobejamente conhecidos para mitigar os estragos, e não vivemos o fim dos tempos. Os resultados desastrosos, contudo, se espraiam com rapidez — os efeitos já não se resumem à inaceitável morte de pessoas fragilizadas, multidões sem casa, plantações arruinadas pela chuva ou pela seca, aeroportos inundados. Na era dos extremos, uma série de pesquisas





HISTÓRIA
Capas de VEJA das décadas de 80 e 90: retrato do clamor da sociedade, num tempo em que se dizia "ecologia"

aponta para os malefícios que o desequilíbrio climático causa à saúde, como mostra a cuidadosa reportagem a partir da pág. 58. Hoje, mais de 525 milhões de pessoas são vítimas de insegurança alimentar em decorrência do impacto do clima nas safras. Chegará a 370% o crescimento do número de fatalidades relacionadas ao calor se o aumento da temperatura global atingir 2 graus na metade do século, como tristemente previsto.

É preocupante — sobretudo vergonhoso — imaginar que, apesar de alguns avanços, como a constituição do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), e sucessivos eventos em forma de cúpulas internacionais, tenhamos caminhado de lado. É clamor que VEJA tem acompanhado desde seu início, em 1968, em reportagens de capa, ao refletir os humores da sociedade — clamor que recebeu ouvidos moucos dos poderosos de mãos dadas com a ganância, como se os militantes da ideia de preservação e conservação fossem lunáticos. Não pode ser assim. A vagareza deve ser interrompida. Convém lembrar o grito da filósofa e bióloga marinha americana Rachel Carson (1907-1964), autora de *Primavera Silenciosa*, de 1962 — de 1962! —, denúncia inaugural na defesa da ecologia, como se dizia naquele tempo, e revelação da nocividade dos inseticidas, antes celebrados como a salvação da lavoura. Eis o que disse Rachel, em trecho que parece ter sido escrito hoje: “A questão consiste em saber se alguma civilização pode levar adiante uma guerra sem tréguas contra a vida, sem destruir a si mesma e sem perder o direito de ser chamada de civilização”. ■


JHSF
SURPREENDENTE
DM9
JHSF RESIDENCES NO BOA VISTA VILLAGE



DEMETRIUS PHILP/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

“É PRECISO REGULAR”

Um dos maiores especialistas do mundo em inteligência artificial, vice-presidente do Google defende a criação de boas normas para evitar riscos e preservar os benefícios da tecnologia

ALESSANDRO GIANNINI

VICE-PRESIDENTE de Pesquisa, Tecnologia e Sociedade do Google, James Manyika, de 58 anos, é um dos mais conhecidos especialistas em inteligência artificial (IA) do mundo. Nascido no Zimbábue, formou-se engenheiro elétrico em seu país e, depois, seguiu carreira acadêmica pela Universidade de Oxford, na Inglaterra. Atuou também como consultor de tecnologia do governo dos Estados Unidos na gestão do presidente democrata Barack Obama, foi cientista-visitante na Nasa e consultor da McKinsey & Company. No evento Google for Brasil, convenção da empresa que acontece no próximo dia 11 em São Paulo, Manyika falará sobre a tecnologia e seus impactos na sociedade moderna, além de trazer uma reflexão mais ampla sobre as oportunidades e riscos dos saltos tecnológicos. Os riscos podem ser traduzidos por um recente imbróglio do próprio Google, que tirou do ar, para depois aperfeiçoá-lo, o Gemini, ferramenta de IA que gerava imagens com imprecisões históricas e raciais. As oportunidades, por óbvio, são infinitas. “A IA pôs um espelho diante de nós como sociedade”, disse Manyika em entrevista exclusiva a VEJA, por videoconferência, antes de sua chegada ao Brasil. “O que significa ser justo e ter valores humanos?” A seguir os principais trechos da conversa.

A inteligência artificial (IA) gera imensas questões éticas, em busca do uso adequado da ferramenta. O que o Google tem feito nesse caminho? Estamos levando isso

muito a sério. A abordagem do Google é, a um só tempo, ousada e comprometida. Tentamos garantir a utilidade da tecnologia para a sociedade. Mas não podemos deixar de ser responsáveis. Em 2018, estabelecemos sete princípios para o uso de IA, que começam por beneficiar os cidadãos, passam pela segurança do sistema e compromisso com os usuários. Em essência, todos estão sempre fazendo duas perguntas simultâneas: se determinado recurso pode ser benéfico e se pode ser prejudicial. Não paramos de pesquisar e pensar nesses dois aspectos.

Como é possível ter certeza de que os princípios de responsabilidade serão observados? É um questionamento relevante. À medida que tecnologias como a da IA ficam ainda mais poderosas, é fundamental acompanhar as mudanças. As perguntas que devemos nos fazer tam-

> **“Com a IA, provavelmente alguns empregos serão obsoletos. Mas também haverá novos postos de trabalho, a combinação de algumas profissões existentes e novos ofícios”**

bém precisam mudar. Como podemos, enfim, torná-las seguras? Como ter certeza de que abordaremos todos os danos? Em nossa conferência anual de programadores, em São Francisco, e também no encontro que faremos no Brasil, apresentamos novidades incríveis nas buscas e nas ferramentas de IA. Ancorados em estudos de mais de um ano publicados em revistas científicas reputadas, como a do MIT e a *Nature*, de modo a entendermos o aspecto ético da IA. Precisamos avançar, torná-la cada vez mais útil, mas sempre com a certeza de estarmos oferecendo o uso de maneira correta.

Mas as falhas são inevitáveis, especialmente nos aplicativos usados pelos consumidores com um smartphone em mãos. A regulamentação do uso da IA, permanente fantasma para as big techs, seria uma saída?
Em primeiro lugar é preciso alertar que a inteligência artificial é muito mais do que apenas a IA generativa, presente nos robôs, nos chatbots. Sabemos, no entanto, que eles têm algumas limitações. Às vezes, há as chamadas "alucinações". As máquinas podem ser tendenciosas a partir dos dados com que foram treinadas, pois não trabalham só com dados factuais. Portanto, é muito importante ter em mente essas limitações. Desenvolvemos constantemente técnicas para avaliar o desempenho e os resultados desses modelos. Nem sempre acertamos, mas trabalhamos duro para resolver o nó. A propósito, apren-

demos muito com usuários que nos dão retorno e com nossas próprias pesquisas e avaliações.

Afinal, cabe a regulamentação? A IA não só deve ser regulamentada, como deve ser bem regulamentada. Quando pensamos em regular, temos em mente dois aspectos: atacar os riscos sociais e, simultaneamente, preservar os benefícios sociais. É fato que já temos ganhos na economia, na ciência, na saúde e em escala urbana, prevenindo inundações, incêndios florestais etc. Mas, é claro, os desenvolvedores devem trabalhar para melhorar a tecnologia de modo a garantir que possam também melhorar as pessoas.

"Melhorar as pessoas" é ensiná-las a fazer as perguntas certas, avaliar as respostas produzidas e checar se há alguma distorção no processo? O lado humano é crucial. É muito, muito decisivo. Gosto de citar o AlphaFold 3 *(ferramenta de IA do Google destinada a medir e estimar as proteínas de moléculas da vida, de relevante utilidade na bioquímica),* cujos resultados são utilizados por biólogos em doenças comumente negligenciadas. O AlphaFold 3 já está sendo utilizado por mais de 1,8 milhão de cientistas globalmente. O papel dos humanos é fundamental, tanto no uso quanto no desenvolvimento da tecnologia, na avaliação de seus resultados e na reflexão sobre questões éticas.

No ano passado, o *The New York Times* processou a OpenAI e a Microsoft por violação de direitos autorais, acusando as empresas de tecnologia de usarem milhões de notícias publicadas sem autorização. Em abril, outros oito jornais americanos entraram com uma ação semelhante na Justiça. Como o Google vê essas ações? É questão crucial. O "treinamento" dos grandes modelos de linguagem *(large language models,* em inglês), recurso que ajuda a educar as ferramentas de IA, é feito com base em informações disponíveis publicamente na internet. Os editores e detentores de direitos autorais têm a opção de não permitir o uso de seu conteúdo, mesmo que esteja em um banco de dados público. Além disso, uma prática nossa é licenciar algumas informações de bancos que não são públicos. É o caso, por exemplo, de parte dos livros didáticos. Para o ecossistema do Google é fundamental lidar com essas equações de forma sustentável. Ajudamos nossos parceiros editores e provedores de conteúdo direcionando tráfego para eles.

Há uma outra dúvida no ar, de olho no futuro da humanidade: a IA vai tirar nossos empregos? É uma questão muito antiga. Desde a década de 1960, pelo menos, há pesquisas em torno desse tema. A maioria dos levantamentos recentes, inclusive com a chancela da Organização Internacional do Trabalho (OIT), informa basica-

mente três coisas. Provavelmente, alguns empregos serão obsoletos, sim, porque as tarefas começarão a ser feitas pela tecnologia. Haverá também novos postos de trabalho, combinação de algumas profissões existentes que crescem devido à procura. E haverá novos ofícios.

Onde, então, pode haver maior repercussão? A maioria dos empregos mudará de desenho, porque trabalhadores e trabalhadoras estarão ao lado da IA. Será fundamental dotá-los de competências para saber utilizar a tecnologia. Não há dúvida: as novas habilidades, de mãos dadas com os saltos tecnológicos, são muito, muito relevantes.

O senhor citou o AlphaFold 3, de uso na medicina. Por que essa área do conhecimento é fundamental para o

“O papel dos humanos é fundamental nessa história, tanto no uso quanto no desenvolvimento da tecnologia, na avaliação de seus resultados e na reflexão sobre as questões éticas”

Google? Porque o impacto da IA na pesquisa científica é imenso, tem crescimento exponencial. Deixe-me dar outros exemplos, além do AlphaFold 3, todos consumados nas três últimas semanas. Criamos e lançamos recentemente uma variação do Gemini, nosso chatbot, ajustado especificamente para a saúde e os cuidados pessoais. Ele é capaz de compreender diagnósticos, dados de DNA e exames de imagem. Na área da neurociência, um novo método que usa IA foi desenvolvido para desvendar a estrutura do cérebro — a rigor, um pequeno pedaço dele. O estudo teve destaque em algumas das mais renomadas publicações científicas. No campo da ciência dos materiais, a IA possibilitou a descoberta de 2,2 milhões de novos cristais, com potencial para a sintetização de materiais inovadores. Além disso, outros avanços em áreas como genômica demonstram o impacto crescente da IA na pesquisa científica.

O mundo tem se debruçado, nos últimos anos, em tragédias atreladas a desastres climáticos. Esse também é um outro campo de trabalho fundamental, para o qual podemos vislumbrar avanços? Sim. Um exemplo notável é o sistema de previsão de inundações que minha equipe desenvolveu. Inicialmente testado em Bangladesh, ele agora está presente em 83 países, incluindo o Brasil — sabemos que, neste momento, o Rio Grande do Sul está sofrendo com chuvas, inundações e suas consequên-

cias trágicas. Por meio desse sistema, as populações são alertadas com antecedência, minimizando danos causados pelas inundações.

Mas como informar as populações para o bom funcionamento desses instrumentos? É crucial salientar que, muitas vezes, os cidadãos se beneficiam da IA sem compreender totalmente sua dinâmica. Eles recebem alertas nos telefones, novos materiais são descobertos, mas não sabem como acontece do ponto de vista prático. Creio ser crucial aumentar a conscientização sobre o impacto social positivo da ciência e da IA.

Para além das boas práticas da IA – e dos tropeções éticos –, há ainda desafios monumentais pela frente. Em recente entrevista a VEJA, o escritor norueguês Jon Fosse, Nobel de Literatura de 2023, disse ter ficado fascinado com as traduções de seus textos a partir de mecanismos do Google. Mas mostrou-se decepcionado com o resultado de um texto supostamente inspirado em seu estilo. Aonde chegaremos? O fundamental é entender como os humanos usam essas ferramentas. E os humanos estão constantemente evoluindo na forma como as usam. Isso me lembra a história da fotografia. Quando a fotografia apareceu pela primeira vez, no século XIX, as pessoas preocupavam-se com os artistas, os pintores — o que lhes aconteceria?

E o que lhes aconteceu? Eles seguiram em frente. Abraçaram a arte abstrata, explorando caminhos diferentes que uma câmera não poderia replicar. Os artistas não estavam mais limitados a simplesmente reproduzir rostos. Acho que veremos situações semelhantes acontecendo em outros campos criativos, até mesmo na escrita. Não são soluções excludentes. A propósito, minha mulher é escritora e ela também usa essas ferramentas de IA. Acredito, então, que as pessoas encontrarão maneiras incrivelmente inovadoras de usar essas ferramentas. É o que estamos vendo com artistas, escritores e jornalistas com quem trabalhamos. ■

IMAGEM DA SEMANA

O FUTURO É O HORROR



PARECE PROPOSITAL. Quanto mais a comunidade internacional pressiona pelo fim da matança de civis palestinos na Faixa de Gaza, mais o governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu despeja bombas no superpovoado e minúsculo território. Na noite de domingo 26, um suposto ataque de alta precisão contra líderes do grupo terrorista Hamas, com quem as Forças israelenses

ALI JADALLAH/ANADOLU/GETTY IMAGES

estão em guerra, depois dos atentados de 7 de outubro, descambou para um incêndio de vastas proporções em barracas na **cidade de Rafah, no sul de Gaza.** Em meio à correria e aos gritos desesperados, 45 pessoas morreram carbonizadas, a maioria crianças, mulheres e idosos. No dia seguinte, enquanto **meninos e meninas miravam com desesperança as ruínas da mais brutal cena do conflito até agora,** tanques israelenses se movimentavam. De acordo com um porta-voz das Forças Armadas, estilhaços do "ataque cirúrgico" atingiram um depósito de combustível. "Foi um trágico acidente", limitou-se a dizer Netanyahu, reiterando que vai seguir com os ataques na cidade onde ele afirma se localizar o QG da cúpula do Hamas. As pressões se multiplicam. Irlanda, Noruega e Espanha reconheceram o Estado palestino. O presidente Lula tirou de Jerusalém o embaixador Frederico Meyer — transferido para Genebra —, que fora constrangido pelas autoridades israelenses depois de o presidente brasileiro comparar as ações de Israel a crimes de Hitler contra os judeus. O drama está muito longe do fim. ■

Ricardo Ferraz



JOSÉ LUIS CEREIJIDO/EFE

CRÍTICA A especialista: "A regulação internacional é lamentavelmente fraca"

"MUITAS ESPÉCIES AINDA NÃO SÃO PROTEGIDAS POR LEIS"

Autora do livro *Justiça para os Animais* e uma das maiores autoridades no tema, a filósofa americana critica a indústria pecuária, o mercado de pets e o fracasso dos acordos globais

Em *Justiça para os Animais* (Editora WMF Martins Fontes), a senhora dá exemplos de lugares que avançaram em leis de proteção a várias espécies, como Índia, Colômbia e alguns estados americanos. Qual o melhor modelo? As nações que você menciona se saem bem em uma questão: a situação legal dos animais. Outros países e regiões se destacam em pontos como a defesa dos hábitats naturais, a regulação da indústria pecuária e as leis contra a crueldade animal. Mas nada substitui o estudo de toda a gama de leis de cada nação. E mais: muitos animais não são protegidos por leis nacionais, uma vez que vivem em regiões como o céu e o mar, que não são propriedade de um único território. As baleias são um exemplo.

E o que dizer dos acordos e regras de alcance global, que deveriam ser seguidos pelos países? A lei internacional é lamentavelmente fraca e subdesenvolvida, e isso é culpa da negligência de todas as nações.

A senhora postula que a senciência, a capacidade de uma criatura ter sensações ou sentimentos graças a um sistema nervoso desenvolvido, é um bom critério para apontar os animais que deveriam ser resguardados por leis. Mas não corremos o risco de ignorar espécies por desconhecê-las adequadamente? Não, devemos ser cautelosos e humildes e sempre seguir a ciência, mas, em al-

guns casos, nós já sabemos que o animal não possui o equipamento neurológico para ter senciência.

No livro, a senhora chama atenção para questões éticas envolvendo a posse e criação de animais de estimação. Considera que nossa sociedade, ainda que inconscientemente, deixa a desejar no cuidado com os pets? Acredito que as pessoas são cada vez mais respeitosas em relação aos animais de companhia. No entanto, ainda são muitas vezes desatentas quanto às necessidades deles.

Como assim? Por exemplo, amam cachorros, mas não se certificam de fazê-los exercitar-se o suficiente. É por isso que devemos considerar todas as capacidades de cada animal e buscar garantir que elas sejam respeitadas.

Qual é o grande desafio atual para que os direitos dos animais sejam amplamente respeitados? O maior desafio reside no lucro produzido pela indústria da carne, que tem uma enorme influência sobre os governos e as políticas estabelecidas ao redor do mundo. ■

Diogo Sponchiato


TIM
5G
TIM VIAGEM
SUA MELHOR EXPERIÊNCIA
EM ROAMING INTERNACIONAL
MESMA QUANTIDADE DE DADOS NO BRASIL E NO EXTERIOR
LIGAÇÕES ILIMITADAS DENTRO DO SEU DESTINO E PARA O BRASIL
COBERTURA GLOBAL AMÉRICAS, EUROPA E MUNDO
CONHEÇA OS PACOTES E APROVEITE O SEU DESTINO.
A quantidade de GB concedida mensalmente no Pacote Recorrente de Roaming Internacional (Américas, Europa e Mundo) contratado será igual à franquia do plano móvel principal contratado pelo cliente titular na ativação e na renovação mensal. Chamadas locais realizadas dentro do país visitado e para o Brasil, e chamadas recebidas serão consideradas ilimitadas no pacote desde que o país visitado conste da relação dos países pertencentes ao pacote recorrente contratado. Consulte a lista de países contemplados, os regulamentos dos pacotes e mais informações em tim.com.br.

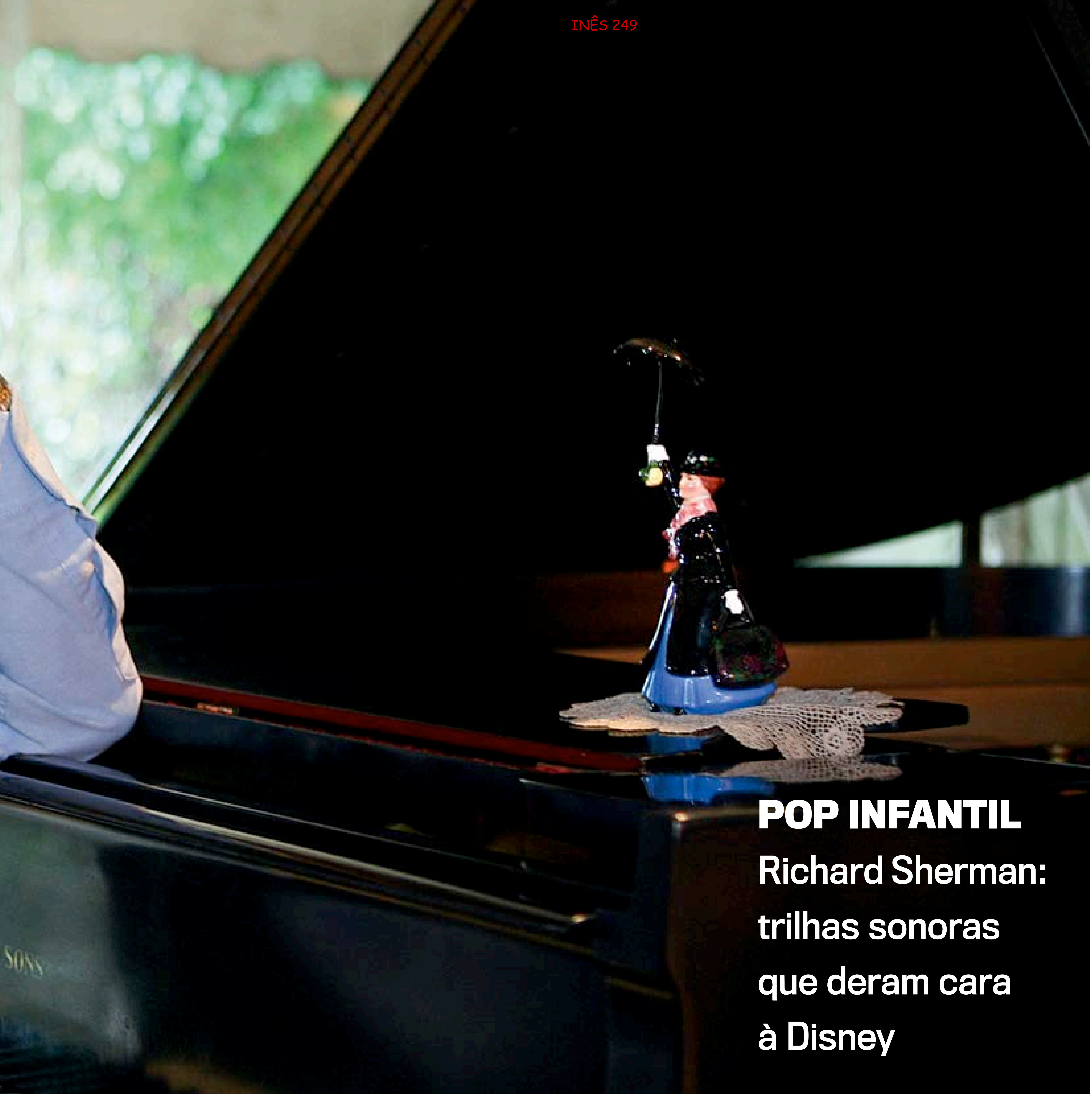
DATAS



KIRK MCKOY/LOS ANGELES TIMES/GETTY IMAGES

GRANDE MUNDO PEQUENO

Uma das atrações mais conhecidas dos parques da Disney — seja na Flórida, na Califórnia, em Paris ou em Tóquio — é o It's a Small World, passeio em que 300 robozinhos mecânicos representam crianças de todo o mundo, ao longo de um percurso de barco. Há quem goste, há quem ache tolice sem graça, na comparação com outras brincadeiras, mas quem quer que lá tenha estado nunca mais esquece da música a



POP INFANTIL
Richard Sherman: trilhas sonoras que deram cara à Disney

emoldurar a travessia. A açucarada *It's a Small World (After All)* foi composta pelos irmãos Robert e **Richard Sherman.** Eles as criaram logo depois da crise dos mísseis de 1962, entre EUA e URSS, como hino para a paz. Juntos, escreveram também alguns clássicos dos filmes e desenhos animados da Disney. Em 1964, ganharam o Oscar pela trilha sonora e pela canção *Chim Chim Cher-ee,* de *Mary Poppins.* Trabalharam também em *Mogli,* de 1967, e *Os Aristogatas,* de 1970, de refinada pegada jazzística. Robert morreu em 2012, aos 86 anos. Richard, aos 95, em 25 de maio, em Los Angeles.

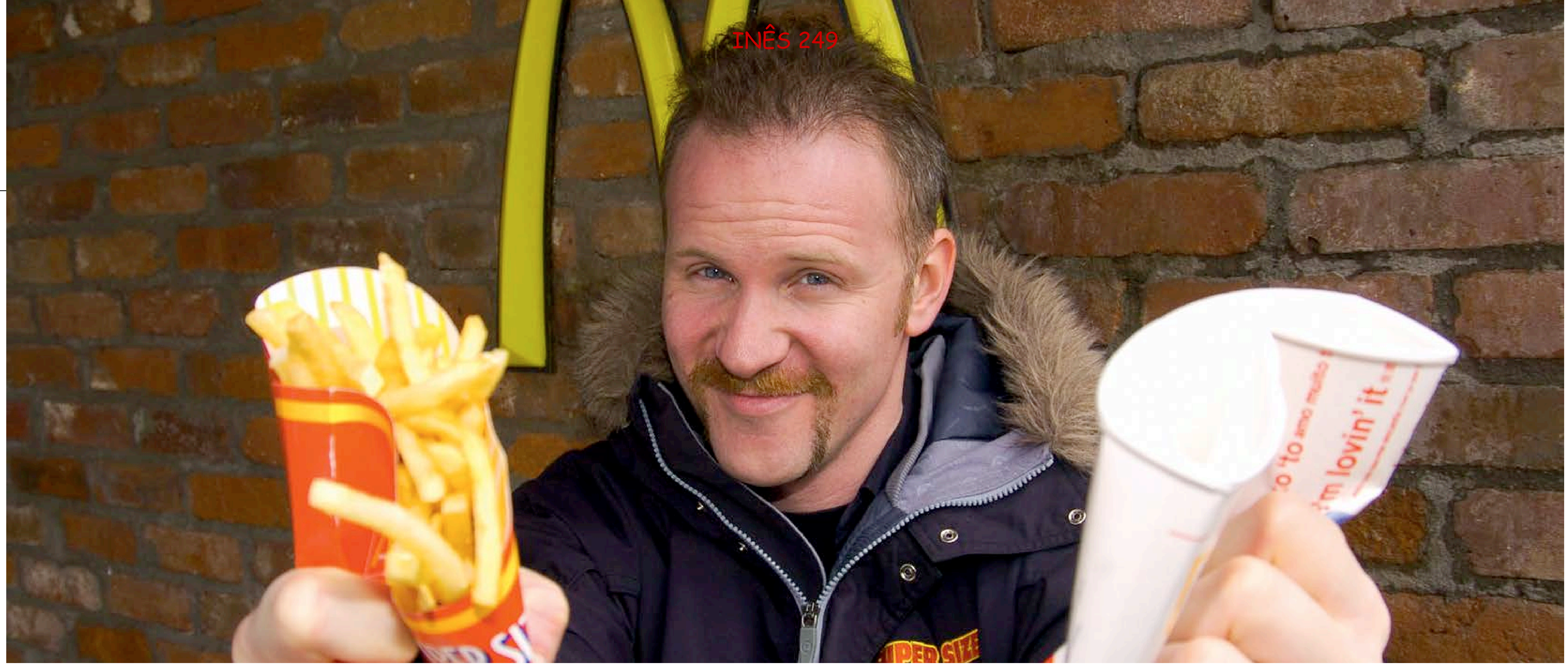


INSTAGRAM @MULLEMG

HIT DOS ANOS 80
Gustavo Mullem: guitarrista do Camisa de Vênus

ROCK BAIANO

A pegada da guitarra de **Gustavo Mullem** era uma das marcas registradas da banda baiana Camisa de Vênus, liderada por Marcelo Nova. Canções como *Eu Não Matei Joana d'Arc*, *Silvia* e *Bete Morreu* fizeram imenso sucesso nas rádios e nos programas populares de TV. As letras irreverentes e os acordes básicos sempre foram as marcas registradas do grupo, que tinha legiões de fãs na década de 80. Mullem morreu em 27 de maio, aos 72 anos, de câncer no pulmão.



JEFF KRAVITZ/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

HAMBÚRGUER COM FRITAS
Morgan Spurlock: McDonald's na mira

UMA CRÍTICA FAST-FOOD

O americano **Morgan Spurlock** era um zé-ninguém até lançar, em 2004, o documentário *Super Size Me: a Dieta do Palhaço,* que chegou a concorrer ao Oscar. O filme mostrava a deterioração da saúde de Spurlock, ao passar trinta dias se alimentando exclusivamente de refeições do McDonald's. Ele ficaria 11 quilos mais gordo, com o rosto seboso e em depressão. O trabalho teve imensa repercussão ao expor a má qualidade dos produtos fast-food. A indústria teve de se mexer, mas, para quem supunha a decadência fatal do negócio, deu-se o oposto, com o passar do tempo. As ações do McDonald's na bolsa de valores americana nunca estiveram tão altas, há mais de 42 000 lanchonetes em todo o mundo e, nos Estados Unidos, pelo menos 36% das pessoas comem os sanduíches da rede. Spurlock foi aplaudido, respeitado pelos seus pares e por especialistas em nutrição, até revelar, anos depois, uma dupla farsa: durante o mês da experiência gastronômica ele também enchia a cara de álcool, informação sonegada; contou ainda ter tido conduta sexual reprovável, em inúmeros casos de assédio. Ele morreu em 23 de maio, aos 53 anos, de complicações de um câncer. ■



FERNANDO SCHÜLER

PORQUE NÃO SOMOS ANJOS

O BRASIL se tornou um país obcecado pelo controle da "verdade". Nas enchentes no Rio Grande, um ministro do governo mandou pedir à PF e órgãos de Estado "providências" sobre possíveis "crimes de desinformação". Mencionou gente reclamando que o "governo não dá atenção à população" e, quem sabe ainda mais grave, pessoas "condenando a ida da primeira-dama ao show da Madonna". Na mesma toada, a AGU reuniu as plataformas digitais para fixar um "protocolo de combate à desinformação". Inútil perguntar o que poderia significar isso. Mas está lá. Por fim, o governo resolveu criar uma espécie de movimento anti-*fake news*. Está lá. Convocação aos cidadãos que queiram receber as informações "verdadeiras", do governo, e, mais importante, enviar "denúncias" contra quem falta com a verdade. Garantindo que tudo será devidamente "encaminhado para a apuração e responsabilização dos autores e propagadores de mentiras".

Quando li essas coisas todas, confesso, achei que era de algum portal humorístico. Mas não. No caso do "disque-mentiras", por um momento lembrei de minhas leituras

das distopias de Orwell, das histórias das pessoas denunciando vizinhos, e no fim me lembrei do macarthismo. Mas foi só um flash. Logo me dei conta de que nada disso iria funcionar aqui pelos trópicos. Imaginem se funcionasse. Milhões de pessoas dedurando as mentiras dos outros para o governo. E edifício com funcionários do governo selecionando as que valem ou não abrir um processo. Nossa inépcia, e uma pitada de senso do absurdo, nos salvará dos dedos-duros, ao menos nesse caso.

Tudo isso aí é caldo de galinha. Complicado é a notícia dando conta de que o governo Lula, em apenas um ano e quatro meses, mandou abrir três vezes mais processos e pedidos de "investigação" na PF contra jornalistas, cidadãos e parlamentares do que Bolsonaro durante seu mandato. Foram 159 pedidos em dezesseis meses, ante 44, em 48 meses. Dez processos mensais, agora, contra coisa de um no governo anterior. Perto de dois terços são supostos "crimes contra a honra" de dirigentes do governo, a começar pelo próprio Lula. Na prática, opiniões. Críticas mais ácidas de opositores do governo. Se o governo achar que alguém fez uma crítica que "passou do ponto", põe sua máquina jurídica para investigar ou processar o sujeito. Mas o que exatamente "passa do ponto"? Pode ser chamar o presidente de "cabra da peste" ou dizer que a Janja foi a um show no Rio. Basicamente, é o que dá na telha dos ocupantes do próprio governo. O problema é a regra: se o atual governo acha que passa do ponto chamar o presidente de "ladrão" e aciona a PF, por



PERIGO A mão do Estado: uso de processos judiciais para intimidar pessoas

que um eventual próximo governo de "direita" não faria o mesmo se alguém chamar o presidente de "genocida", "nazista" ou coisas do tipo? Dá para entender a confusão em que estamos nos metendo? Podemos imaginar a curiosa situação do governo processando um político de oposição que, logo a seguir, se torne ele mesmo presidente ou ministro. Teríamos então o governo acionando "seu" próprio dirigente. Indo um pouco além, se a moda pegar, qualquer go-

GARY WATERS/SPL/GETTY IMAGES

“Ninguém, como regra, deve dispor do domínio sobre a verdade”

vernador ou prefeito poderá reivindicar o mesmo direito. Se achar que alguma crítica atingiu sua honra, poderá colocar a estrutura jurídica do governo “para cima” do sujeito, na expressão que escutei de um bom advogado.

O governo anterior usou esse expediente em alguma escala. Lembro de um processo contra Guilherme Boulos, por ter feito um post bobinho comparando Bolsonaro a Luís XIV, com seu fim trágico. E também (meu favorito) o processo em cima de um sujeito que chamou o presidente de “pequi roído”. Agora as coisas se tornaram profissionais. Saiu de cena a finada Lei de Segurança Nacional, mas seu espírito continua aí. Ganhamos em escala e método. E um método com um evidente problema republicano. A Advocacia-Geral da União é uma instituição de Estado, não de governo. Não pode se confundir com a advocacia particular em favor de interesses privados do eventual governante. Em uma República, um órgão de Estado representa, em abstrato, os interesses de todos os cidadãos, sejam eles pró ou con-

tra o governo. Não faz sentido que um órgão de Estado se dedique à defesa da "pessoa" do ocupante de um cargo público, seja ele Lula, Bolsonaro ou qualquer outro. É a "impessoalidade", inscrita na Constituição.

Vamos nos tornando o país do *chilling effect*. Do uso de processos judiciais como forma de intimidar pessoas. A máquina do Estado irradiando medo. Medo em uma rádio, que pode perder sua concessão, em um youtuber, que pode ser desmonetizado, em um jornalista, que arrisca perder seu passaporte. Coisas comuns no Brasil de hoje e que não me parecem um bom caminho. O STF, ainda na outra semana, reconheceu como delito o "assédio judicial" contra jornalistas. A prática de se abrir múltiplos processos, simultaneamente, de forma a intimidar e causar dano a seu trabalho. Ótima decisão. Mas e o assédio judicial feito pelo Estado? O uso político que dirigentes fazem de estruturas públicas para intimidar? Pode? Acho engraçado escutar pessoas simpáticas a esse estado de coisas. Elas parecem achar que tudo é circunstancial. Que isso acontecerá sempre e exclusivamente contra as pessoas e opiniões que elas detestam. É muito pouco republicano que as pessoas pensem assim. E é também por isso que instrumentos iliberais de poder jamais deveriam ter espaço em uma democracia.

Ainda por estes dias, o Congresso votou pela não criminalização das *fake news*. A essência do debate: não se tratava de decidir quem era contrário ou favorável à desinformação ou à mentira. O ponto era decidir se a sociedade delega-

ria ao Estado a prerrogativa de determinar o que é ou deixa de ser a verdade. Vi naquela decisão o reflexo de tudo o que se passou no Brasil nesses últimos anos. O enorme ceticismo que se criou em torno de pessoas que usam o poder para investigar o "pequi ruído", a reclamação sobre a demora da chegada de caminhões com mantimentos nas enchentes. E abrem-se 159 pedidos de "investigação" em dezesseis meses contra cidadãos. O mesmo que fizeram pessoas punindo um filme que ninguém viu, uma pergunta sobre o sistema de votação nas redes, ou uma mera opinião sobre algum figurão. Diria que esse ceticismo vem do fundo da tradição moderna. A tradição que aprendeu, a ferro e a fogo, que os "homens não são anjos", como escreveu Madison, em *O Federalista,* que os limites do poder devem ser bastante claros. E que ninguém, como regra, deve dispor do domínio sobre a verdade. Alguma serenidade para refletir sobre essas lições não faria mal ao Brasil de hoje. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

“NEM-NEM”

O total de jovens de 14 a 24 anos que não estudam, não trabalham nem procuram emprego foi de 4 milhões no primeiro trimestre de 2023 para 5,4 milhões no mesmo período deste ano.

CARROS ELÉTRICOS

O Brasil se tornou o maior importador de veículos desse tipo da China, com 40 163 unidades em abril – o país era o décimo da lista em janeiro.

CRISTIANO RONALDO

Aos 39 anos, o português virou o primeiro jogador a ser artilheiro em quatro países: Inglaterra, Espanha, Itália e Arábia Saudita.

DESCE

CERRADO

Com 1,1 milhão de hectares destruídos em 2023, uma alta de 68% sobre o ano anterior, o bioma se tornou o mais devastado do país, superando a Amazônia.

ICQ

O pioneiro serviço de mensagens instantâneas criado em 1996, que chegou a ter mais de 100 milhões de usuários no mundo, será encerrado em 26 de junho.

THIAGO BRAZ

Campeão olímpico de salto com vara no Rio em 2016 e bronze em Tóquio-2020, o atleta foi suspenso por dezesseis meses por doping e está fora dos Jogos de Paris, em julho e agosto deste ano.

VEJA ESSA



INSTAGRAM @ANGELICAKSY

"Adoro meu marido, meus filhos e amigos. Mas os homens precisam correr mais rápido porque estão ficando para trás. As mulheres estão em todas as frentes."

ANGÉLICA, apresentadora de TV

“Sou um apaixonado pelo Brasil, mas um amante não correspondido.”

CIRO GOMES, ex-governador do Ceará, pondo no eleitor a culpa pelos maus resultados nas urnas em quatro eleições presidenciais

“Quantos homens de 70 anos de idade estão no meio da água? Tem alguém da minha idade salvando gente? Mas eu não vejo isso como minha função. Eu vejo isso como um desvio de função.”

HAMILTON MOURÃO, senador pelo Rio Grande do Sul, ex-vice-presidente da República, que preferiu ficar em Brasília

“Pelo amor de Deus.”

RIVALDO BARBOSA, ex-delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro, em um bilhete escrito à mão e enviado ao ministro Alexandre de Moraes, do STF. Barbosa, preso em Brasília, pede para ser ouvido pela PF. Ele é acusado de envolvimento na morte da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes

“O papa nunca teve a intenção de ofender ou de expressar-se de forma homofóbica e pede desculpas àqueles que se sentiram ofendidos pelo uso desta palavra.”

COMUNICADO DO VATICANO em torno de uma suposta expressão usada pelo papa Francisco – *frociaggine,* gíria romana equivalente a “bichice” – ao se referir a estudantes de seminários

“Há grande chance de ser meu último Roland Garros.”

RAFAEL NADAL, 37 anos, campeão do torneio francês em catorze oportunidades. Ele perdeu na estreia para o alemão Alexander Zverev, por 3 a 0

“A mudança começa quando a gente se informa.”

XUXA, ao revelar ter se dedicado com empenho a estudar o preconceito racial, em processo de “desconstrução” pessoal

“Sendo sincero aqui: erramos! Erramos! Alguns dias atrás eu falei sobre a tragédia do Rio Grande do Sul e disse que nós deveríamos nos tornar pessoas melhores. E talvez na primeira oportunidade de demonstrar isso a gente falhou.”

JUNINHO, capitão do América-MG, ao comentar o gol do atacante Renato Marques, que se aproveitou de uma lesão muscular do goleiro João Paulo, do Santos, para tocar a bola para a rede

“Sempre valorizei a vida e, agora, valorizo ainda mais.”

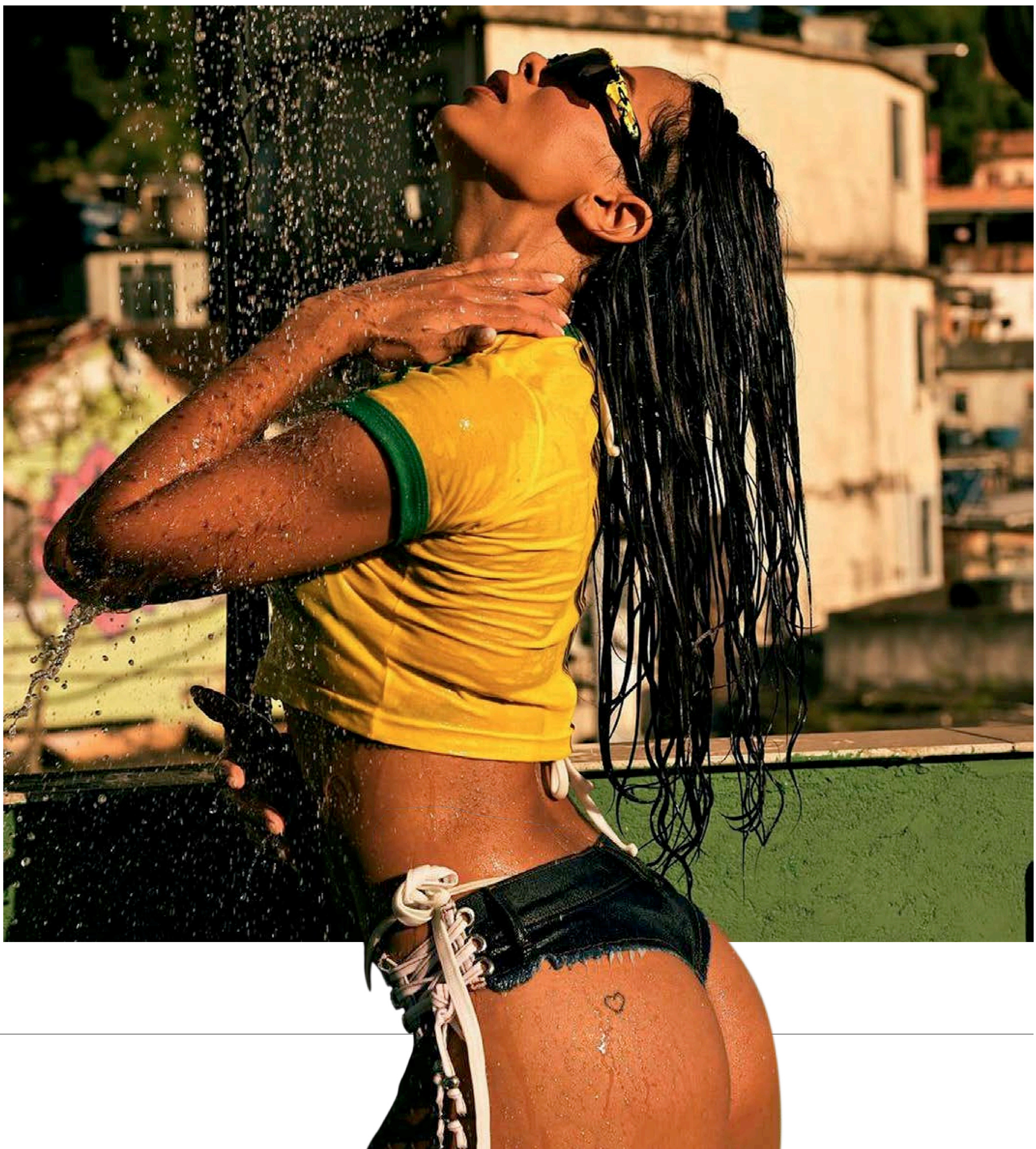
TONY RAMOS, depois de duas cirurgias para drenar um sangramento intracraniano

“Eu vivo procurando emprego.”

ARY FONTOURA, ator, 91 anos, 76 de profissão

“Hoje eu acordei arrasada, desolada, sem chão. Tô muito mal, tô preocupadíssima, isso acabou comigo. Como eu vou viver?”

ANITTA, ao ironizar a esdrúxula moção de repúdio aprovada na Câmara dos Deputados contra ela, Madonna e Pabllo Vittar, acusadas de promover “conteúdo nocivo” no espetáculo de Copacabana, no início de maio



INSTAGRAM @ANITTA

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia
e Nicholas Shores



Na mira do STF

Em outubro de 2022, **Carla Zambelli** decidiu sacar uma pistola nas ruas de São Paulo. A deputada bolsonarista não atirou, mas, para muitos, matou ali a chance de Jair Bolsonaro derrotar Lula nas urnas. Quase dois anos depois, o ato já levou Zambelli ao banco dos réus no STF e agora irá atormentar outros bolsonaristas.

Pode fazer a fila

Relator do caso no Supremo, o ministro Gilmar



BANGUE-BANGUE Carla: ré por porte ilegal, ela terá ajuda de deputados bolsonaristas

Mendes acaba de marcar cinco depoimentos de deputados na ação em que Zambelli é ré por porte ilegal de arma de fogo.

Missão inglória

Entre 18 e 26 de junho, Gustavo Gayer, Marcos Pollon, Paulo Bilynskyj, Sóstenes Cavalcante e Marco Feliciano terão a dura missão de testemunhar para tentar evitar a condenação da colega.

Vai sair caro...

A Polícia Federal pediu 500 milhões de reais ao Ministério da Justiça para fiscalizar os CACs no país em 2025.

...bem caro

Além do megaorçamento, a PF estima que precisará de um efetivo de 3 000 agentes para substituir o Exército nessa fiscalização de atiradores.

Fogo cruzado

A OAB quer que advogados tenham direito de andar armados no país. “Enquanto MP e juízes tiverem porte, advogados também devem ter”, defende Beto Simonetti, chefe da entidade.

Já imaginou?

Para a OAB, o porte para advogados “garantirá igualdade entre as funções da Justiça”. Se a ideia vingar, 1,3 milhão de advogados poderão andar armados.

Eu avisei

Após a derrubada do veto ao PL das saidinhas, Lewandowski disse a um aliado que o Congresso será culpado por eventuais rebeliões nos presídios.

Telefone sem fio

Na sessão dos vetos, Marcel van Hattem cobrava aliados de Lula para saber aonde tinha ido o dinheiro de emendas, quando uma assessora espirrou. Davi Alcolumbre estava perto e gritou: “Saúde!”. Van Hattem achou que era uma resposta e lascou no microfone: “Só se for a saúde dos senadores!”.

Ligação perdida

Alcolumbre, aliás, ignorou solenemente as ligações de Lewandowski durante a sessão dos vetos. O ministro anotou.

Doeu bastante

Lula, segundo um auxiliar, sabia que seria derrotado no veto das saidinhas, mas achava que o vexame da articulação política pararia aí — e não parou.

Lulinha vai à Justiça

Fábio Luis Lula da Silva, o Lulinha, acionou a União na Justiça. O caso envolve questões tributárias avaliadas em 1,7 milhão de reais.

Dano moral

A Justiça reconheceu o direito de Janja de processar, em São Paulo, um corintiano que a insultou nas redes. Ela é defendida por Valeska Zanin Martins, mulher do primeiro ministro nomeado por Lula em seu atual mandato *(veja a reportagem “A esfinge revelada”).*

Troca de guarda

Cármen Lúcia assume o TSE na próxima semana com equipe nova: a secretária-geral da Corte será a desembargadora Andréa Pachá.

Suprema bravata

Marcos do Val decidiu provocar Alexandre de Moraes. Nas redes, diz que foi perseguido por Moraes, mas "valeu a pena": "Ver o ministro hoje na condição em que está não deixa dúvida".

Conversa de maluco

Numa live, Do Val explica a tal "condição" de Moraes. "Ele terá ordem de prisão nos EUA, vai perder o visto e terá os bens pelo mundo apreendidos."

E a do santo?

Ricardo Nunes pensou em muitas coisas para dizer ao **papa** na visita ao Vaticano. Só não estava pronto para a dúvida de Francisco, ao saber que ele era brasileiro: "E a cachacinha?". Nunes, pasmo, jurou ao pontífice que não bebe.

Virou negócio

Candidato de Bolsonaro em SP, Nunes tem sofrido com "aliados" que usam o nome do ex-presidente para exigir cargos na prefeitura.

A culpa é do Musk

O MPF abriu um inquérito para apurar a responsabilidade da Starlink ao fornecer antenas a garimpeiros



VATICAN MEDIA/GETTY IMAGES

SAÚDE! Francisco e Nunes: o papa quis saber se ele era da turma do copo

na Amazônia. Na lógica do órgão, Elon Musk deveria filtrar quem usa o serviço.

Missão inglória

O MPF deu quinze dias para Andrei Rodrigues, chefe da PF, informar a quantidade de antenas de Musk apreendidas no garimpo e a identidade dos donos.

Temos vaga

Nesta semana, o vice-presidente da Caixa que cuida de fundos como o FGTS e da migração de loterias renunciou. O Centrão quer o cargo.

É só coincidência

O ministro Jhonatan de Jesus virou relator de uma série de processos de interesse de Lula no TCU. Ele é afilhado de Marcos Pereira, que sonha com o apoio de Lula na eleição da Câmara.

Pimenta gaúcha

Lula não sabe, mas deu um presentão a Eduardo Leite ao colocar Paulo Pimenta na função de líder no socorro ao RS. A oposição, que infernizava o governador, agora só bate em Pimenta.

Militar não entra

Lula barrou, nesta semana, as Forças Armadas em outro projeto importante do governo: o grupo de ministérios criado para planejar a integração de infraestrutura na América Latina.

Cúpula da floresta

Entre 16 e 18 de junho, o TCU vai realizar, em Belém, a cúpula anual das instituições de controle do G20.

PT nem pensar

Ronaldo Caiado não vê chance de o União Brasil



KEVIN MAZUR/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

TELINHA Madonna: governo liberou exibição do show do Rio na TV aberta

apoiar Lula em 2026: "A base — senadores, deputados federais e estaduais — não tem votos petistas".

Proibida para menores

O governo autorizou recentemente a Globo a exibir em TV aberta o show de **Madonna** em Copacabana. Pode ser em horário de novela das 9, mas com a advertência: proibido para menores de 14 por "conteúdo sexual, drogas lícitas e nudez". ■

TROMBADAS OFICIAIS

A polêmica sobre a taxação de compras internacionais de até 50 dólares mostra como o populismo continua dividindo o governo e interferindo em decisões que deveriam ser técnicas

DANIEL PEREIRA



MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

PREJUÍZO Lula: confusão ao não deixar claro em muitas questões qual é, afinal, a posição do Palácio do Planalto

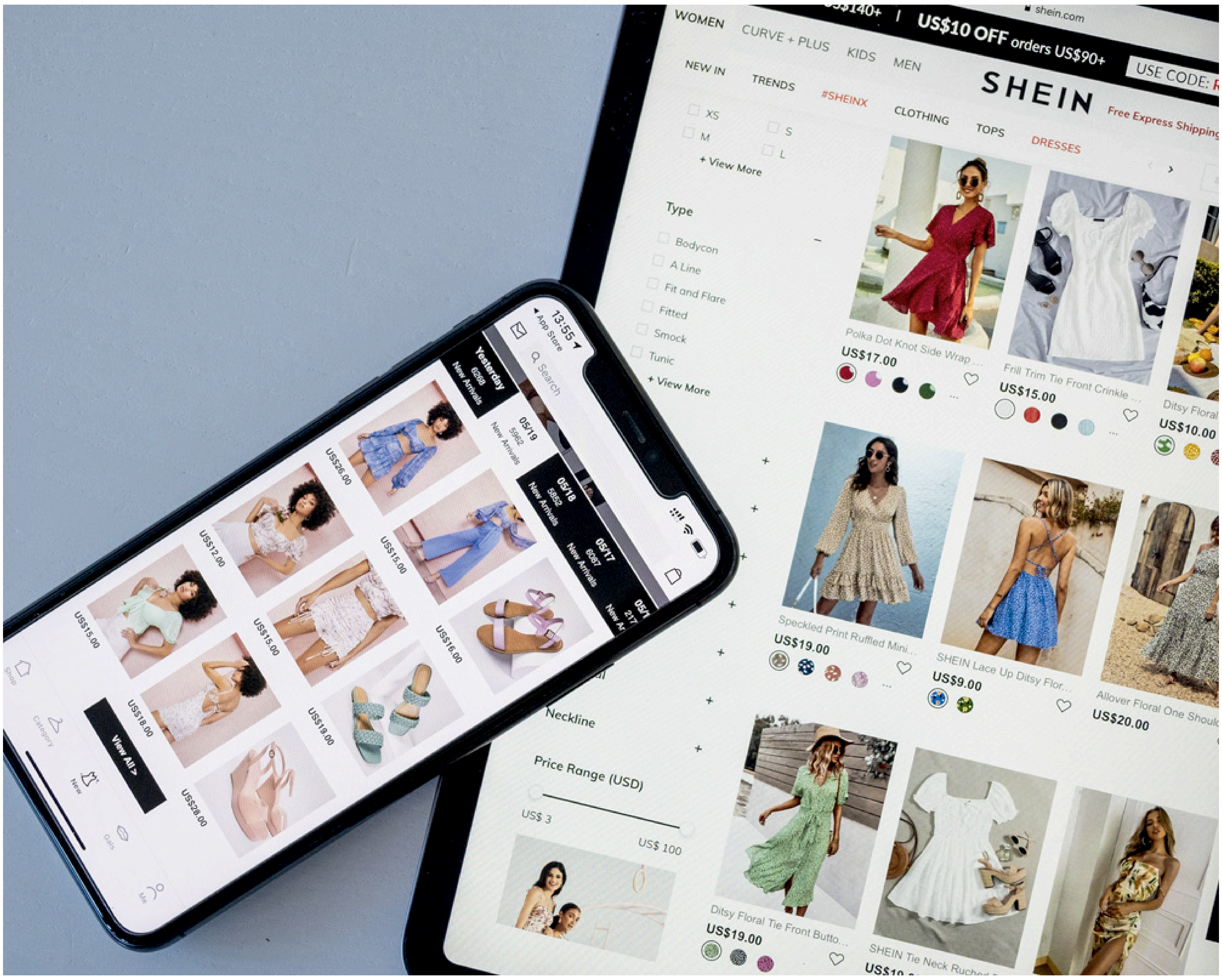
Com a polarização cristalizada no país, quase todo debate de projetos e medidas oficiais se transforma em disputa entre Lula e Jair Bolsonaro. O caso da taxação de compras de até 50 dólares em sites estrangeiros não foge à regra. Com problemas de popularidade, o presidente da República ignorou as recomendações da equipe econômica e disse que deveria vetar a cobrança de tributo nessas transações, para não punir a parcela da população com menor poder aquisitivo. Já o seu antecessor e principal adversário político se lançou numa cruzada a favor da manutenção da isenção, sob o argumento de que a gestão atual "é só mão no bolso do contribuinte", como declarou seu filho mais velho, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Numa tentativa de ganhar a batalha na opinião pública, Lula e Bolsonaro recorreram a discursos de fácil entendimento, mas negligenciaram as questões técnicas, que deveriam prevalecer no caso. Ambos, de certa forma, acabaram derrotados em votação na Câmara. O prejuízo político foi maior para o petista, que viu aliados baterem cabeça sobre o tema, numa série de trombadas para a qual contribuiu, como de costume, a falta de uma posição clara do governo.

A ideia de taxar compras em sites como Shopee e Shein foi lançada pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, no início do ano passado. Seria uma forma de combater a sonegação fiscal, inibir fraudes diversas e garantir competitividade à indústria nacional frente aos exportadores asiáticos. Tão logo revelado, o plano foi criticado por bolsonaristas e


WALLACE MARTINS/THENEWS2/FOLHAPRESS

SEM SINTONIA Haddad e Alckmin: opiniões divergentes das do chefe

usado para desgastar Lula. A repercussão foi enorme e negativa para o presidente. Numa tentativa de conter a sangria, a primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, chegou a publicar numa rede social uma informação errada, dizendo que a taxação, se implantada, não seria arcada por quem compra o produto. Diante da confusão, Haddad foi obrigado a engavetar a proposta, que ficaria em banho-maria não fosse a pressão dos fabricantes brasileiros. Entidades como a Confederação Nacionais da Indústria (CNI) e a do Comércio (CNC), além da Frente Parlamentar do Empreendedorismo,



JUSTIN CHIN/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

MEIO-TERMO Lojas virtuais: acordo desagradou a todas as partes interessadas

passaram a cobrar dos congressistas a aprovação da taxação. O lobby surtiu efeito, e a iniciativa foi incluída no meio de um projeto de lei apresentado pelo governo que estimula a descarbonização no setor automotivo. Tudo com o apoio do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL).

Ciente da movimentação, Lula até pregou contra a criação do tributo dias antes da votação do projeto pelos deputados. O presidente alegou que não era justo a classe média desfrutar de isenção em compras em free shops no exterior enquanto “pessoas pobres, meninas e moças que querem



BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

NO CHÃO Voa Brasil: anunciado há mais de um ano, programa ainda não decolou

comprar uma bugiganga, um negócio de cabelo" seriam obrigadas a pagar a nova taxa. Já Haddad, cujas cruzadas solitárias são conhecidas, discursou em sentido contrário, defendeu a taxação e acusou o governo Bolsonaro de transformar o contrabando em política de Estado: "O contrabando foi oficializado no Brasil, e as coisas tomaram essa proporção. Agora, o Congresso está tomando para si a tarefa de mediar". Entre os discursos de Lula e Bolsonaro, os deputados ficaram com a posição da indústria nacional e, sob a batuta de Lira, aprovaram uma taxação de 20% nas compras

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL



EMBARQUE Costa: promessa de passagens aéreas a 200 reais

de até 50 dólares em sites estrangeiros. Foi uma espécie de meio-termo, já que a Fazenda e representantes nacionais queriam uma alíquota maior, de até 60%. "Todos os partidos entenderam que a taxação de 20% daria um equilíbrio para manter o emprego de milhares de pessoas", declarou Lira. "Foi o acordo possível para o momento."

A votação, que conseguiu a proeza de desagradar todas as partes interessadas, ocorreu de forma simbólica, que é adotada quando há consenso e os partidos não querem externar publicamente os seus posicionamentos a respeito de

um tema. Ciente do potencial político do caso, Bolsonaro até tentou convencer a legenda dele, o PL, detentora da maior bancada da Casa, a rejeitar a medida. Em vão. Na reunião da bancada , o líder da sigla, deputado Altineu Côrtes (RJ), leu uma mensagem que o empresário bolsonarista Luciano Hang, dono da rede Havan, encaminhou ao próprio ex-presidente para defender a necessidade da cobrança da taxa. No texto, de forma correta, Hang alega que a cobrança é vital para assegurar um mínimo de isonomia entre os fabricantes brasileiros e asiáticos. No ano passado, Bolsonaro também tentou impedir a aprovação da reforma tributária, mas fracassou. A maioria do Congresso até se identifica com as pautas conservadores empunhadas pelo capitão, mas, quando a agenda é econômica, felizmente, tem seguido o caminho do bom senso.

A proposta de taxação de compras de até 50 dólares em sites estrangeiros seguiu para análise do Senado e, se aprovada, será submetida ao crivo de Lula, que será, então, obrigado a formalizar a posição do governo. No momento da sanção presidencial, Haddad e o vice-presidente Geraldo Alckmin, que comanda o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, esperam prevalecer sobre Janja e parte da bancada petista refratária à adoção do novo imposto. Pontos de vista divergentes são comuns em governos e até bem-vindos quando qualificam o debate e aperfeiçoam medidas. No terceiro mandato de Lula, no entanto, sobram trombadas, bate-cabeça e descoordenação na equipe,



ANDRÉ MOTTA DE SOUZA/AGÊNCIA PETROBRAS

PROBLEMA Petrobras: intrigas, interferências políticas e prejuízos

problemas potencializados pelo distanciamento do presidente do dia a dia da administração.

Outro exemplo disso foi a polêmica sobre a distribuição de dividendos extras pela Petrobras. Lula vetou inicialmente a medida porque só ouviu as opiniões dos ministros Rui Costa (Casa Civil) e Alexandre Silveira (Minas e Energia), que trabalhavam em parceria para derrubar o então chefe da companhia, Jean Paul Prates. Só depois da decisão tomada, o presidente conversou com Haddad, que apresentou informações adicionais relacionadas à questão, como o seu impacto nas contas públicas. Com os novos dados em mãos, o presidente recuou e determinou a distribuição dos dividendos.

A Petrobras, por sinal, é motivo de uma barafunda. Até agora, não está claro qual o plano do governo para a exploração de petróleo na Foz do Amazonas. O ministro Alexandre Silveira quer pressa na execução desse projeto. Lula dá sinais de que concorda com ele, mas até agora não deixou clara a sua posição à ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, refratária à ideia. A falta de sintonia fina atravanca até iniciativas mais prosaicas, como o programa Voa, Brasil, anunciado no início do ano passado pelo então ministro de Portos e Aeroportos, Márcio França, com o objetivo de vender passagens aéreas por cerca de 200 reais. O início do programa foi adiado mais uma vez, segundo o atual titular da pasta, Silvio Costa Filho, em decorrência do desastre natural no Rio Grande do Sul. Não está claro como as companhias aéreas serão ressarcidas. Isso, claro, se o plano decolar.

Reconhecida até por petistas influentes, a falta de coordenação do governo contribui para o desgaste de imagem do presidente. Quando assumiu o terceiro mandato, Lula ganhou um presente dos bolsonaristas. A invasão e depredação da sede



DESCOORDENAÇÃO
Silveira: projetos enfrentam resistência interna

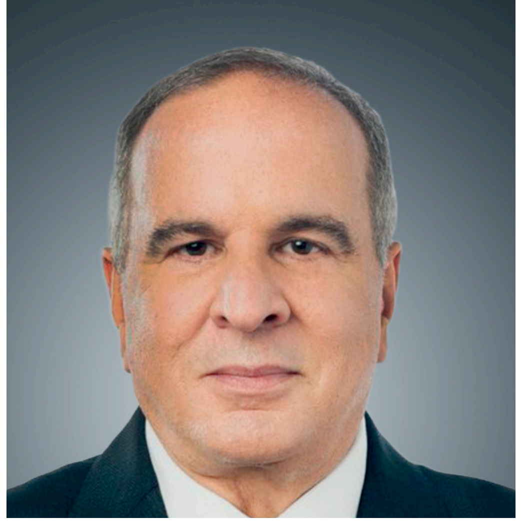
CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

dos três poderes deu a ele uma oportunidade de atacar o antecessor, reunir o país em defesa da democracia e construir pontes com líderes da oposição, em nome da defesa das instituições. Ao longo de 2023, o fantasma do golpismo foi perdendo força e apelo popular, e a atenção do eleitorado passou a se voltar cada vez mais para o trabalho da administração federal. Lula diz que já fez muito na economia, que semeou bastante em outras áreas e colherá frutos a partir de agora. Como de costume, externa uma visão otimista. Já as pesquisas contam uma história diferente. De maneira geral, a reprovação à gestão do petista subiu e, em algumas sondagens, já supera numericamente a aprovação. Também houve inversão em outro indicador importante: pela primeira vez, em pelo menos dois levantamentos, há mais gente dizendo que o país está caminhando na direção errada. Essas tendências tendem a se agravar se o presidente e seus aliados continuarem tropeçando nas próprias pernas. ■



FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

CAUTELA Marina: reclamações sobre a falta de um plano para explorar petróleo no Amazonas



MURILLO DE ARAGÃO

O SEMIPRESIDENCIALISMO EM AÇÃO

O modelo exige uma articulação refinada que o governo não tem

CADA VEZ que vetos presidenciais são postos na pauta do Congresso, é um "Deus nos acuda" na coordenação política do governo. Na quarta-feira 29, em mais um fracasso da articulação política do Palácio do Planalto, o Parlamento aplicou um pacote de derrotas ao presidente Lula (PT) por meio de votações que tiveram elevado grau de dissidência de partidos aliados. Na sessão conjunta realizada no Congresso, deputados e senadores indicaram ao governo Lula que conversa e voto favorável são possíveis quando se trata de sentar-se à mesa para discutir dinheiro público. Já quando se debatem temas impregnados de ideologia, as dificuldades aumentam.

Na votação sobre a definição do calendário de liberação de emendas ao Orçamento, o veto de Lula ao tema foi mantido após o governo ter acelerado o pagamento de verbas para redutos indicados pelos parlamentares. "Gentileza gera gentileza", como dizia o profeta. O estoque de gentilezas, porém, é limitado, e o resultado foi outro quando se tratou

de assuntos caros ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e a partidos de direita, como na semana passada. O Congresso deu aval ao veto de Bolsonaro ao projeto que criminaliza a disseminação de mentiras nas campanhas eleitorais; derrubou o veto de Lula à chamada "saidinha" de presos e o veto que tangenciava questões religiosas em relação ao uso do orçamento público. Essas votações revelam as dificuldades da coordenação política do governo e expõem a complexa dinâmica entre os interesses ideológicos e os interesses financeiros no Congresso.

A resistência encontrada pelo presidente Lula para aprovar ou vetar medidas que sigam suas diretrizes sugere que as derrotas de 28 de maio não são um evento isolado, mas, sim, o prenúncio de um padrão que deve se repetir por uma confluência de fatores. Entre estes está o fato de que as agendas são complexas, a coordenação política é instável, os

"As derrotas não são um evento isolado, mas o prenúncio de um padrão que deve se repetir"

recursos são limitados, a comunicação é precária e o governo é frágil, tanto em relação aos seus projetos quanto em relação à sua execução.

A situação exige habilidade refinada em articulação política e concessões frequentes para manter a governabilidade — condições de que o modelo atual não dá conta. Essa dinâmica de poder reflete a realidade do semipresidencialismo de coalizão, no qual o presidente não detém uma autoridade absoluta e depende fortemente do apoio legislativo para implementar suas políticas. Assim, para terminar bem este mandato, o governo Lula terá de aceitar a coabitação nos espaços de poder, numa espécie de congressualismo de opereta. Outra opção seria navegar rumo à inviabilidade política.

Com um ano e meio de gestão, Lula ainda se surpreende com o Congresso. O ministério também vive uma ficção, a partir da percepção do que foram os governos Lula 1 e Lula 2. Naquele tempo, como disse um ministro, o presidente da Câmara dos Deputados ligava pedindo a liberação de emendas. Hoje são os ministros que ligam para o presidente da Câmara pedindo a alocação de emendas a seus programas. Conceitualmente, o sistema é melhor do que o hiperpresidencialismo, que nos legou escândalos magníficos. Porém, ao darmos mais poderes orçamentários ao Congresso, deveríamos ter os devidos mecanismos de controle. E não temos. ■

DISPUTA EMBOLADA

Em meio à busca de um consenso mínimo que possa evitar a fragmentação dos partidos, emergem mais dois candidatos ao posto de presidente da Câmara

MARCELA MATTOS

INSTAGRAM @JERONIMORODRIGUESBA



BEM NA FOTO Lira *(no centro),* Elmar *(à dir. dele)* e os petistas da Bahia: tentativa de construir pontes

PASSADAS as eleições municipais, a movimentação política em Brasília vai se concentrar na disputa pelo comando do Congresso. No Senado, se não houver nenhuma reviravolta, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) deve assumir o posto pela terceira vez. Na Câmara dos Deputados, ao contrário, o cenário ainda é de absoluta indefinição. Se dependesse apenas da vontade de Arthur Lira, o atual presidente, o nome do seu sucessor já estaria definido. O problema é que, no momento, há quatro postulantes ao cargo, cada um representando um partido diferente. Para evitar que a corrida se transforme num confronto fratricida, Lira busca um consenso mínimo em torno de um candidato. Ele já se reuniu com o presidente Lula, garantiu o apoio do partido do ex-presidente Jair Bolsonaro, sentou-se com caciques de legendas de centro e prometeu a todos espaços privilegiados em troca de votos. Se tudo transcorrer conforme o planejado, até agosto ele encerra o suspense e anuncia quem será o escolhido — aquele que, em tese, conseguir captar o máximo de apoio entre os colegas. Não será uma tarefa simples para os parlamentares que já se apresentaram como pretendentes ao cargo.

Apontado como favorito, o deputado Elmar Nascimento (União Brasil-BA) tem muitos votos entre os mais conservadores, mas patina na desconfiança dos petistas. No início do governo Lula, ele chegou a ser anunciado como futuro ministro, mas acabou tendo o nome vetado na última hora. Comenta-se que o autor do veto foi o ministro-chefe da Ca-



TON MOLINA/FOTOARENA

sa Civil, Rui Costa. Os dois eram adversários políticos na Bahia. Ao que tudo indica, eram. Em campanha, Elmar foi recebido para um almoço pelo governador baiano Jerônimo Rodrigues (PT), acompanhado de Lira. A cena foi devidamente registrada em uma foto em que ele aparece sorrindo e fraternalmente abraçado aos petistas. Pareciam velhos companheiros. A dificuldade depois foi convencer os bolsonaristas, principalmente os ligados ao PL, o maior partido da Câmara, de que a simpatia foi apenas um gesto político necessário para viabilizar sua candidatura. Quem também não gostou nada do movimento foi o principal cacique do União Brasil, ACM Neto, que pretende disputar o governo baiano na próxima eleição — contra o PT.



PRONTIDÃO Luizinho: desenvolto e bem relacionado, o parlamentar se diz um “milagreiro”

CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

Apesar do gesto e da reaproximação de Elmar com o próprio Rui Costa, o nome dele ainda encontra muita resistência dentro do partido do presidente — mas nada que pareça intransponível. Recentemente, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, acompanhada do deputado Lindbergh Farias (PT-RJ), convidou Lira para uma conversa para lá de pragmática: reclamou da falta de espaço do partido, o segundo maior da Câmara, e cobrou alguns compromissos — leia-se cargos. Lira entendeu a sinalização, concordou que a legenda merece mais espaço, mas deixou claro que essas negociações serão feitas diretamente com Lula. Gleisi, óbvio, não gostou muito, mas não fechou as portas. A dificuldade em aglutinar apoios também atinge os de-

putados Marcos Pereira (Republicanos-SP), Antonio Brito (PSD-BA) e Isnaldo Bulhões (MDB-AL) — os outros três concorrentes ao cargo. E já pipocam intrigas. Há alguns dias, ventilou-se que o PSD e o MDB poderiam firmar um pacto e lançar um nome para enfrentar o candidato de Arthur Lira, seja ele quem for. O presidente da Câmara correu para checar se era verdade. Ouviu dos líderes a garantia de que não havia nada disso, mas não ficou totalmente convencido.

Lira não descarta a possibilidade de que candidatos que, porventura, tenham os interesses contrariados resolvam se unir contra ele. Isso justifica a busca pelo consenso. Para evitar essa possibilidade, o presidente da Câmara tem até um plano de contingência que envolve outros dois possíveis candidatos. Aos 34 anos, o deputado paraibano Hugo Motta, líder do Republicanos, é apontado como um nome que reuniria com mais facilidade os votos à esquerda e à direita. Discreto, ele é um fiel aliado de Arthur Lira e braço direito de Ciro Nogueira, cacique do PP. O parlamentar transita com facilidade em todos os nichos — dos xerifes aos mais inexpressivos congressistas. “Ele é um cara do baixo clero. É muito querido e tem a confiança de todo mundo”, elogia um aliado. Difícil vai ser convencer Marcos Pereira, que também é presidente do Republicanos, a abandonar a disputa. Os dois já foram consultados sobre a possibilidade. Mas não haverá impasse, ao menos por enquanto. Pereira jura que não vai



MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

ATÉ O FIM Pereira: o cacique do Republicanos afirma que não há a mínima possibilidade dele recuar da candidatura

recuar da candidatura, enquanto Motta jura que não vai bater de frente com o "chefe". Se isso for verdade, Lira tem na manga uma segunda opção.

Ex-secretário de Saúde do Rio de Janeiro, o médico e deputado Doutor Luizinho já está de prontidão para uma eventual emergência. Formalmente, ele garante que nunca passou pela sua cabeça a possibilidade de disputar a presidência. Como bom político, dedica-se apenas à intensa agenda legislativa, que abrange uma variedade de temas. Na última semana, ele se reuniu com os presidentes da Caixa e do Flamengo para discutir o avanço de um estádio para o seu time do coração e acompanhou as articulações do projeto sobre as taxações de produtos compra-



JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

POR ENQUANTO Senado: ao contrário da Câmara, existe consenso em relação ao nome do futuro presidente

dos no exterior enquanto se empenhava em negociar as candidaturas na disputa municipal deste ano. Em conversas reservadas, gosta de dizer que é chamado de "milagreiro", pela habilidade de tocar temas difíceis. Articulado, já foi apontado como potencial ministro da Saúde de Lula. Seus aliados contam que ele só não chegou lá porque, em meio às negociações, os petistas propagaram uma foto dele vestindo a camisa de campanha de Jair Bolsonaro nas eleições de 2022. A posição política, claro, ajuda e atrapalha a cooptação de apoio dentro da Câmara. Mas isso hoje está longe de ser considerado um impeditivo. A trajetória de Lira é uma prova disso.

Principal cacique do Centrão na Câmara, ele foi reelei-



PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

SINALIZAÇÃO Gleisi e Lindbergh: os petistas pediram mais espaço

to presidente no ano passado em uma votação recorde — com o apoio do PT ao PL, 90% dos deputados votaram nele. Mantendo a mesma composição da disputa anterior, a avaliação é que tanto a esquerda quanto a direita, sozinhas, não têm tamanho para vencer a eleição, o que leva novamente a definição para os parlamentares de centro. Lira tem ascendência sobre os colegas e trânsito no Palácio do Planalto. Consegue se equilibrar entre não ser governo nem oposição. O apoio dele é fundamental, seja a Elmar Nascimento, Marcos Pereira, Antonio Brito, Hugo Motta, Doutor Luizinho ou qualquer outro nome. A exceção é Isnaldo Bulhões, considerado carta fora do baralho, exatamente por causa de suas ligações com o senador Re-



PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

DE VOLTA

Alcolumbre: terceira vez

nan Calheiros, inimigo político número 1 de Lira. Poderoso, o presidente da Câmara quer bater o martelo sobre o seu candidato no máximo em três meses e submeter o nome do escolhido ao presidente Lula. Aliados do deputado dizem que essa antecipação facilita a consolidação do candidato, permite ampliar o arco de alianças e evita surpresas na reta final. Todos esses argumentos são reais, mas tem um ainda mais importante para ele. Se conseguir concretizar o cronograma exatamente da maneira como planejou, Lira estenderá seu poder e influência até o último dia na presidência da Câmara e, muito provavelmente, depois também. ■

A ESFINGE REVELADA

Tido como um juiz difícil de decifrar, Cristiano Zanin completa um ano no STF mostrando fidelidade a Lula e descompromisso com qualquer régua ideológica **ISABELLA ALONSO PANHO**



ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

INDEPENDÊNCIA O ministro no Supremo: decisões já contrariaram a esquerda e a direita

NO DIA 1º DE JUNHO, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva formalizou a indicação de seu advogado pessoal à cadeira deixada pela aposentadoria de Ricardo Lewandowski no Supremo, pairavam muitas dúvidas sobre como se comportaria Cristiano Zanin ao vestir a toga da magistratura. Responsável pela defesa que tirou o petista do cárcere e reverteu condenação histórica na Lava-Jato, a única ideia do defensor conhecida do público era a do *lawfare,* a instrumentalização da perseguição política por meio do Judiciário, que foi a espinha dorsal de sua estratégia. Quase nada, porém, se sabia da visão dele sobre pautas de costumes, se penderia à esquerda ou à direita ou mesmo o que pensava sobre economia. Duas questões estavam postas, em especial por apoiadores de Lula: o quão governista e o quão progressista seria o futuro magistrado da mais alta Corte. Passado um ano, por meio de suas ações, o ministro deu boa parte da resposta.

Logo nas primeiras semanas na cadeira, o novo membro do STF tomou posições que o colocaram na linha de tiro dos progressistas. Zanin foi o único a ir contra a ampliação de uma decisão paradigmática do tribunal que equiparou o tratamento dado a agressões homofóbicas aos crimes raciais. Ele entendeu que a Corte não poderia incluir na decisão de 2019 os crimes contra a honra (injúria, calúnia e difamação), porque não podia extrapolar o pedido inicial e nem refazer um julgamento já estabilizado. O barulho foi grande, a ponto de seu gabinete divulgar uma nota justifi-

cando o voto. Três dias depois, a posição do magistrado no julgamento que pode descriminalizar o porte de maconha para consumo pessoal caiu como uma bomba. Além de dizer que o artigo 28 da Lei de Drogas é constitucional, ele defendeu um limite bem menor para diferenciar usuário e traficante: 25 gramas, enquanto a maioria propôs 60.

Esses dois momentos ampliaram a desconfiança da esquerda sobre a escolha de Lula, mas também deixaram cla-

O MAGISTRADO EM DEZ DECISÕES

Como votou Zanin em casos envolvendo o governo e pautas sociais

AGRADOU A LULA OU AO GOVERNO

DESONERAÇÃO DA FOLHA

Atendendo ao governo, barrou por liminar (referendada pelo STF) lei aprovada no Congresso. Depois, suspendeu a decisão por 60 dias até Executivo e Legislativo chegarem a um acordo

REVISÃO DA VIDA TODA

Zanin abriu a divergência — que acabou se tornando maioria — contra a tese, que poderia provocar um rombo de até 500 bilhões de reais nas contas do INSS

ro que Zanin não estava disposto a guiar suas decisões pela régua ideológica. E o não alinhamento automático passou a ser, de fato, o padrão. Esse perfil ficou mais claro porque o ministro tomou decisões favoráveis a várias teses do campo progressista. A última, inclusive, foi na semana que passou. Ele rejeitou um habeas corpus que queria restabelecer a proibição de médicos fazerem abortos em casos de estupro, uma causa que mobilizou a direita e os religiosos nas redes sociais nas últimas semanas. Para isso, valeu-se do argumento técnico de que o instrumento jurídico utilizado não era adequado para questionar a decisão de Alexandre de

BOLSONARISMO

Tem votado por manter condenações do ex-presidente e aliados, inclusive os envolvidos no 8 de Janeiro. Declarou-se impedido para relatar recurso de Bolsonaro contra a inelegibilidade

IRRITOU A ESQUERDA

HOMOFOBIA X RACISMO

Zanin foi contra equiparar a ofensa com motivação homofóbica ao crime de injúria racial. O argumento do ministro foi processual, mas o colocou na linha de tiro dos progressistas

Moraes, como queria o autor da ação. Como já virou a sua marca, não deixou na decisão nenhuma pista sobre o que pensa de aborto. Assim foi também ao contrariar outras obsessões da direita, como barrar a flexibilização do porte de armas no Paraná e normativas de cidades de Santa Catarina que dispensavam o comprovante de vacinação contra a covid-19 nas escolas *(veja o quadro abaixo)*. Também mandou revisar editais e suspendeu ao menos dois concursos da Polícia Militar, no Rio de Janeiro e no Mato Grosso do Sul, por considerar inconstitucional a fixação de cotas restritivas para mulheres — um antigo tabu dessas corporações.

FLEXIBILIZAÇÃO DA MACONHA

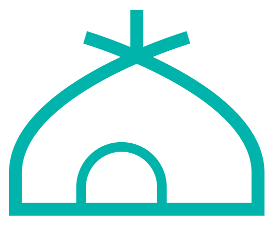
Votou contra a descriminalização do porte da droga para consumo pessoal e sugeriu um limite de 25 gramas para diferenciar traficantes e usuários — a maioria propôs 60 gramas

PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA

Contrariou progressistas ao manter a condenação de dois homens que furtaram um macaco hidráulico, dois galões de combustível e diesel, itens que, somados, davam menos de 100 reais

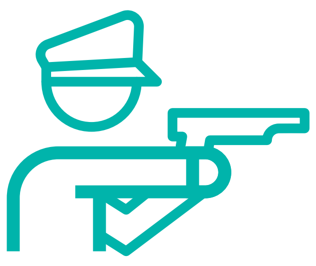
Se Zanin, portanto, não tem alinhamento ideológico e não usa esse tipo de régua em suas decisões, qual é o seu comportamento em relação a Lula? Nos bastidores, ele é visto como um ministro fiel ao presidente, embora até agora não tenha chegado a suas mãos nenhum caso que implique pessoalmente o seu ex-cliente. Mas o ministro já deu provas dessa lealdade em decisões que beneficiaram agendas do governo. A mais barulhenta delas foi a liminar que suspendeu a prorrogação da desoneração da folha de pagamento, a pedido do próprio governo. A iniciativa, depois referendada pelos colegas da Corte, causou indig-

APOIOU CAUSAS PROGRESSISTAS



MARCO TEMPORAL

Ficou ao lado dos indígenas e do governo e votou pela inconstitucionalidade da tese. O caso deve voltar à Corte, porque o Congresso aprovou lei contrária ao entendimento do STF



MULHERES NA PM

Atendendo à PGR, suspendeu concursos que previam limite para vagas femininas nas polícias militares — estados como DF, RJ, BA e MS tiveram de refazer os seus editais

nação de parlamentares, sobretudo de Rodrigo Pacheco, presidente do Congresso. Zanin também ajudou a irritar Pacheco em outra oportunidade, ao votar pela inconstitucionalidade da tese do marco temporal para a demarcação de terras indígenas, em consonância com o que defende o entorno de Lula. Além disso, deu um alívio gigantesco aos cofres da União ao abrir a divergência (que depois virou maioria) na votação da revisão da vida toda, um processo cujo desfecho poderia abrir um rombo de quase 500 bilhões de reais no INSS.

A atuação de Zanin na defesa de Lula na Lava-Jato

ARMAMENTO CIVIL

Suspendeu uma lei do Paraná que flexibilizava o acesso ao porte de armas, argumentando que estados não podem legislar sobre o assunto, como defendem militantes pró-armas

VACINAÇÃO

Derrubou lei de Santa Catarina que acabava com a exigência de comprovante de imunização contra a covid-19 para admissão na rede estadual de ensino



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

CABO DE GUERRA Pacheco: decisões contra desoneração e marco temporal para terras indígenas irritaram o senador

alimentou a expectativa de que ele pudesse ser um ministro garantista em matéria penal, o que não se comprovou ainda. Essa corrente da Justiça defende, em linhas gerais, a preservação dos direitos dos réus e a utilização justa e rigorosa da lei, independentemente dos clamores da sociedade. Um dos episódios de maior repercussão na aplicação da legislação criminal — área do ex-advogado — aconteceu ainda nas primeiras semanas do recém-chegado à Corte. Zanin foi o relator de um recurso de dois homens condenados à prisão pelo furto de um macaco hidráulico, dois galões de combustível e diesel. A Defensoria Pública da União pediu a aplicação do princípio da insignificância, por dois motivos: todos os

itens, juntos, valiam menos de 100 reais e o dono conseguiu recuperá-los. O ministro não se comoveu, adotou o rigor da lei e votou para manter as penas. O posicionamento alimentou o fogo cerrado dos progressistas nos primeiros dias do ministro.

Em todas as decisões, no entanto, uma coisa ficou clara: o tom técnico e claro, quase monocórdico, que ele usava na advocacia se repete na sua atuação como ministro. Na maioria das vezes, suas decisões não opinam sobre os temas julgados, não contêm frases de efeito, não há balizamentos políticos, filosóficos ou ideológicos. Nesse sentido, difere-se muito de colegas de toga como os ministros Gilmar Mendes e Alexandre de Moraes, que quase sempre têm um ponto de vista a defender em questões importantes no país. Ou mesmo do presidente da Casa, Luís Roberto Barroso, que fala abertamente sobre drogas, polícia, democracia e outros temas. Quando foi hostilizado por bolsonaristas ao se dirigir a um evento em Nova York, Barroso respondeu na hora. "Perdeu, mané. Não amola", disse. Já Zanin, em janeiro de 2023, ainda advogado de Lula, foi chamado de "bandido", "vagabundo" e sofreu ameaças de agressão física por um homem que o filmava no banheiro do aeroporto de Brasília. Não esboçou qualquer reação na hora e não fez nenhum comentário público sobre o episódio, mas levou o caso à Justiça e pediu retratação pública. Venceu o processo, e o pedido de desculpas pelo agressor foi gravado e divulgado em maio.



DIOGO MOREIRA/A2 FOTOGRAFIA

PARIDADE Mulheres na PM: ministro barrou concursos com limite de vagas

Fora da Corte, o ministro adota o mesmo estilo discreto em Brasília, onde circula pouco. Mantém residência em São Paulo, onde ficam a esposa Valeska, agora chefe do escritório de advocacia que era tocado pelos dois, e os três filhos. Como nos tempos de advogado, Zanin corre sozinho como ministro. Confia em poucas pessoas e não integra nenhum círculo de ministros na Corte. Embora não se deixe influenciar pela opinião pública, não faz pouco caso dela. É um dos raros que disponibilizam assiduamente a sua agenda no site do STF. Nela há encontros com advogados, identificados pelo nome e pelo número do processo em que atuam, procuradores de Justiça, membros do MP e até da classe política. Na terça 28, por exemplo, recebeu

o presidente do PL, Valdemar Costa Neto. No começo do mês, o advogado-geral da União, Jorge Messias, e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, estiveram no gabinete para tratar do endividamento dos estados. “Ministro do Supremo não ocupa cadeira voltada a relações públicas. Mas isso não implica isolamento, mesmo porque presta contas à sociedade, aos contribuintes. Há de estar atento às críticas, evoluindo quando cabível”, diz o ministro aposentado Marco Aurélio Mello, para quem Zanin está “se saindo muito bem”.

A chegada de Zanin ao STF e os questionamentos sobre o seu perfil constituem uma relativa novidade na história da Corte. Até recentemente, pouco se falava do pendor ideológico dos ministros, postura que começou a mudar nos anos petistas. Em 2015, quando a polarização ideológica do país já se mostrava nas ruas, Edson Fachin, nomeado por Dilma Rousseff, foi acusado de ligação com o PT e o MST e alvo da mais longa sabatina da história do Senado, com quase doze horas de duração. O problema se agravou sob Bolsonaro, que via um certo esquerdismo na Corte e prometeu equilibrá-la com ministros conservadores, incluindo um “terrivelmente evangélico”. Não à toa, o tribunal entrou na mira da radicalização e virou um dos alvos preferidos do bolsonarimo. A politização da Justiça não é exclusividade brasileira. A Suprema Corte dos Estados Unidos, por exemplo, deu uma guinada conservadora com a nomeação de novos ministros por Donald Trump, a



PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

POLÊMICA Ato a favor da maconha: voto de Zanin descontentou progressistas

ponto de rever decisões históricas, entre elas a que reconhecia o aborto como um direito constitucional. Também limitou as restrições que os estados podiam fazer à posse de armas e liberou o uso de dinheiro público para manter escolas religiosas. O STF brasileiro teve um papel fundamental na defesa da democracia e nas decisões sobre temas nos quais o Congresso se mostrou omisso, mas paga até hoje o preço pela superexposição. O estilo de Zanin se encaixa perfeitamente no clamor de muitos críticos do STF sobre a necessidade de a Corte voltar a se comportar de forma mais discreta. ■

BOLA DIVIDIDA

Dono de 10% do eleitorado brasileiro, Minas Gerais é palco de uma complexa articulação política que mira não só as disputas municipais, mas os embates de 2026

VALMAR HUPSEL FILHO



AO ATAQUE Fuad Noman (PSD): o prefeito de Belo Horizonte terá seu primeiro teste nas urnas

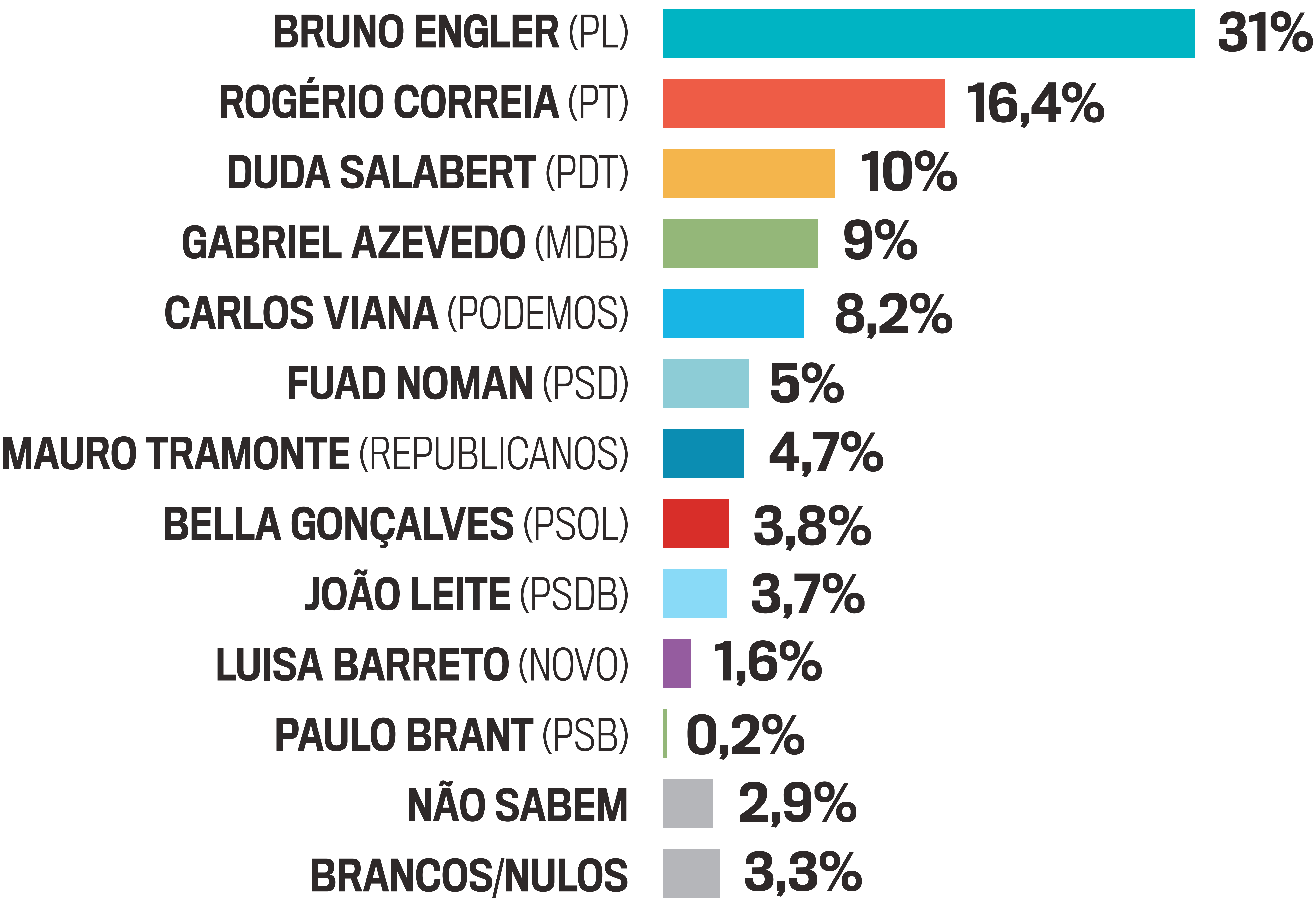
RODRIGO CLEMENTE/PBH

POR SUA LOCALIZAÇÃO, tamanho, importância econômica, características de sua população e grau de influência dos vizinhos, Minas Gerais é considerado por muitos a síntese do Brasil. O norte do estado é parecido com o Nordeste, enquanto a economia do oeste tem mais a cara do agro do Centro-Oeste. Já o sul é mais espelhado com São Paulo, e o leste, com o Rio. Isso se reflete na formação da sociedade de diversas formas, como nos sotaques e costumes. E também no comportamento nas urnas. Nas disputas presidenciais, a sentença do eleitor local sempre se confundiu com a do país — desde a redemocratização, nunca um político chegou ao Palácio do Planalto sem a unção dos mineiros. Se isso continuar valendo para as próximas eleições, pode-se esperar muita incerteza: o cenário no estado é hoje bastante confuso, com vários grupos políticos disputando espaços e pouca clareza de, ao fim, para onde penderá o segundo maior colégio eleitoral do país.

O jogo truncado no estado pode ser muito bem simbolizado pela sua capital, Belo Horizonte, o terceiro maior município em eleitores do país. Nada menos que dez pré-candidatos almejam a cadeira hoje ocupada pelo prefeito Fuad Noman (PSD), que vai tentar um novo mandato. A pesquisa mais recente, feita pela AtlasIntel no final de abril, traz o deputado estadual Bruno Engler (PL), nome do bolsonarismo, na liderança, seguido pelo deputado federal Rogério Correia (PT), o candidato de Lula *(veja o*

REDUTO ESTRATÉGICO

MG tem o segundo maior colégio eleitoral do país e a terceira maior capital em votantes



O ELEITORADO MINEIRO

17 milhões
de votantes há no estado, o segundo maior colégio eleitoral do país, atrás de São Paulo*

2 milhões
de eleitores há na capital, Belo Horizonte, a terceira maior cidade nesse quesito, atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro*

853 municípios
tem no estado, o que representa 15% do total do país**

Pesquisa AtlasIntel feita entre 18 e 23 de abril, com 1 267 eleitores. A margem de erro é de 3 pontos percentuais

*TSE **IBGE

quadro). Mas outros levantamentos apontam diferentes cenários, alguns mais pulverizados, e todos indicam poucas certezas sobre favoritismos.

Analistas arriscam, no máximo, apontar a possibilidade de um embate final no segundo turno entre direita e esquerda. Para Malco Camargos, doutor em ciências políticas e diretor do Instituto Ver, os nomes que saem na frente são aqueles que têm maior recall de campanhas anteriores — Engler foi ao segundo turno em 2020, enquanto Correia tem dois mandatos de deputado estadual e dois de federal consecutivos. Já Noman nunca disputou uma eleição (era vice e assumiu em 2022 após o prefeito Alexandre Kalil sair para disputar o governo). Em sexto lugar, com 5%, é o prefeito de capital em pior situação na largada.

No páreo estão candidatos apoiados por cabos eleitorais nacionais de peso, como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o ex-presidente Jair Bolsonaro e o presidente do Sena-



ESTRATÉGIA
Bruno Engler (PL): a principal aposta é na ligação com Bolsonaro

DANIEL PROTZNER/ALMG



X @ROGERIOCORREIA_

FRENTE Rogério Correia (PT) e Bella Gonçalves (PSOL): em busca de união

do, Rodrigo Pacheco (PSD), além de caciques locais, como o governador Romeu Zema (Novo) e o deputado Aécio Neves (PSDB). Embora haja muitos padrinhos, o peso deles na eleição ainda não produziu grandes resultados. A candidata de Zema, a secretária estadual de Planejamento, Luisa Barreto, tem 1,6%. "O que caracteriza até agora a disputa é a ausência de candidaturas fortes que representam o poder municipal e estadual, além da limitada influência de lideranças regionais e nacionais", avalia Camargos.

Os principais campos políticos do país hoje, a direita bolsonarista e a esquerda, estão fragmentados na disputa. Engler e Correia se apresentam como pré-candidatos de Bolsonaro e de Lula, mas há concorrência dentro dos campos que representam. A esquerda tenta se aglutinar — hoje, além de Correia, há a deputada federal Duda Salabert (PDT) e a deputada estadual Bella Gonçalves (PSOL). No dia 23 de maio, os presidentes do PT, Gleisi Hoffmann, e do PDT, Carlos Lupi, e seus pré-candidatos fizeram uma reunião para tentar um acordo. "A ideia é juntar forças para garantir ao menos um nome do campo no segundo turno", diz Correia. Para o PT, a candidatura na capital mineira é considerada estratégica porque seria a única das três maiores cidades do Sudeste onde o PT teria candidato próprio, já que decidiu apoiar Guilherme Boulos (PSOL) em São Paulo e estará com Eduardo Paes (PSD) no Rio. Esses apoios, mais os dados ao PSB em Curitiba e no Recife, são o maior argumento petista para liderar a esquerda em Belo Horizonte.

Atrás dos candidatos de direita e esquerda, o centro tenta se organizar. Mas há problemas. Um deles é a incerteza em torno do PSD, partido de Noman, de Kalil e do ministro de Minas e Energia e senador Alexandre Silveira. Noman tem como principal desafio se tornar conhecido do eleitor. Ele aposta em obras da prefeitura, mas o apoio de Kalil, considerado fundamental, não está garantido. "Respeito a posição dele e qualquer decisão que to-

DIRCEU AURÉLIO/IMPRENSA MG



NA ESTRADA Romeu Zema (Novo): sinalizações ao PL nos bastidores

mar não vai abalar nossa amizade", diz o prefeito. Já Kalil lembra que não teve o apoio de Noman quando disputou o governo. "Ele disse que estava ocupado com a prefeitura", relembra. Isso, segundo ele, o deixa à vontade para tomar a decisão que quiser. Kalil deixou a prefeitura com alta aprovação e é considerado ainda hoje o principal cabo eleitoral em Belo Horizonte. Ele sabe disso, e tem conversado com pré-candidatos de todas as siglas, "menos do campo bolsonarista".

Kalil, como diz o adágio popular, está "com um olho no peixe e outro no gato". Enquanto articula para a eleição municipal, mira as disputas de 2026 e a possibilidade de formar uma frente ampla em torno de seu nome ao governo. Em 2022, ele teve o apoio até de Lula, mas foi batido por Zema ainda no primeiro turno. O ex-prefeito, no entanto, não é o único a fazer política hoje olhando lá na frente. Além de ser um estado estratégico para a eleição presidencial, Minas está com a disputa ao governo em aberto. Zema, no segundo mandato, não pode disputar a reeleição, mas tenta cacifar o vice, Mateus Simões (Novo) — que é quem articula a candidatura de Luisa Barreto à prefeitura. Zema, que já sonhou (ou ainda sonha) com uma candidatura presidencial, pode ter de viabilizar uma candidatura ao Senado como plano B. O governador tem feito sinalizações ao PL, como a nomeação da deputada estadual Alê Portela para o seu secretariado, o que é visto como abertura de possibilidade de aliança, inclusive para a prefeitura. O PL tem hoje a maior bancada de deputados federais e estaduais de Minas Gerais.

Quem também ensaia o seu voo de fênix de olho em 2026 é Aécio Neves. Governador por dois mandatos, com ótimas aprovações, ele caiu em desgraça com a Lava-Jato, mas busca de novo ganhar altura. O tucano tenta viabilizar a candidatura de seu ex-secretário, João Leite, a prefeito, mas seu grau de influência em Belo Horizonte é baixo — o último prefeito do partido foi Eduardo Azeredo, há



INSTAGRAM @AECIONEVESOFICIAL

ALEGRIA Aécio Neves: de volta ao tabuleiro após queda na Lava-Jato

trinta anos. No PSDB, a candidatura própria em Belo Horizonte ainda é vista como uma "hipótese", e as conversas giram em torno da possibilidade de Leite integrar uma chapa como vice. A ordem no PSDB é lançar o maior número de candidaturas a prefeito para recuperar o espaço perdido e alavancar um voo maior daqui a dois anos. Outro que deve tentar o governo é Rodrigo Pacheco, que ar-

ticula o apoio a Noman de legendas como o União Brasil, de seu aliado no Senado Davi Alcolumbre (AP).

A disputa por Minas mobiliza os principais partidos por todo o estado. PT e PL terão confrontos diretos nas principais cidades, como Contagem, Uberlândia, Montes Claros, Governador Valadares e Juiz de Fora — praças onde há a possibilidade de segundo turno. No estado, o PT possui 273 pré-candidaturas a prefeitos e vice. Já o PL discute lançar candidatos em cerca de 400 cidades. A busca não é só pelo controle do grande número de prefeituras (15% do país), mas para garantir sustentação no estado que tem 17 milhões de votantes (10% do eleitorado brasileiro), que podem manter a escrita mineira e ser decisivos para os rumos do país nos próximos anos. ■



RICARDO RANGEL

ISRAEL DEVE DEIXAR NETANYAHU

A guerra não é boa para ninguém, exceto para o primeiro-ministro

NO ÚLTIMO DIA 26, um bombardeio israelense matou 45 civis palestinos em Gaza. O premiê Benjamin Netanyahu classificou o episódio como “erro trágico”, mas deixou claro que vai seguir com a guerra, que já matou dezenas de milhares de inocentes. As justificativas são: “Israel precisa se defender”, “é preciso eliminar o Hamas”, “a culpa é do Hamas, que usa os civis como escudo” e “Israel é a única democracia do Oriente Médio”.

É fato que Israel sofreu um monstruoso ataque terrorista e tem o direito de se defender. Mas como o massacre de milhares de civis, que não têm, eles mesmos, como se defender ou para onde fugir, pode ser considerada uma defesa legítima?

Faz sentido querer eliminar um grupo terrorista abominável como o Hamas. Mas fazer isso pelas armas é possível? Israel já moveu guerras contra outros grupos terroristas no passado — matando muitos civis no processo — e nunca alcançou o objetivo. Supondo-se que seja possível, o caminho

atual é adequado? Só o que sobra para quem tem casa, família e vida destruídas é o ódio a Israel: o bombardeio em Gaza tende a engrossar as fileiras do Hamas, não a eliminá-lo.

O Hamas usa civis como escudos humanos, é fato. A conduta de terroristas não é padrão ético, nem justifica medidas questionáveis de seus adversários. Ao contrário: cabe aos governos legítimos ter uma conduta legal e ética a despeito dos desvios dos adversários.

O fato de que Israel é a única democracia do Oriente Médio — o que indica que o país é politicamente mais evoluído do que as ditaduras de seu entorno — é usado para sugerir que a conduta do país estaria correta por definição ou que não deveria ser criticada. Mas não é o contrário? Ser uma democracia não pressupõe agir dentro da lei, inclusive internacional, e respeitar a vida? E... se Netanyahu chegou ao poder pelas urnas, o que ele faz não representa a vontade da população? Se não é o caso, por que os israelenses não o tiram de lá?

“O bombardeio israelense em Gaza tende a engrossar as fileiras do Hamas, não a eliminá-lo”

Apesar do histórico favorável — o Holocausto; a aceitação (desde sempre) da solução de dois Estados por Israel; o fato de terem sido os árabes a provocar as guerras; o terrorismo islâmico; a devolução de Gaza aos palestinos (com remoção forçada de colonos judeus) —, Israel tem hoje má fama internacional. Ela advém dos maus-tratos às populações locais de Gaza e Cisjordânia, da reação desproporcional a ameaças terroristas e também da narrativa pós-colonialista de que grupos mais vulneráveis estão certos por definição (que leva pessoas de esquerda a defender terroristas que as matariam se pudessem). E, claro, do antissemitismo, que nunca morre.

A guerra em Gaza enxovalha ainda mais a reputação de Israel, fortalece os terroristas, alimenta a narrativa e o antissemitismo. Não é boa para ninguém, exceto para Netanyahu, que acredita que enquanto houver guerra se manterá no poder (e fora da cadeia).

É cada vez mais difícil ter uma conversa objetiva e separar Netanyahu, Israel, israelenses e judeus no balaio da guerra. Para o bem não só dos palestinos e do mundo, mas de Israel e dos judeus, os israelenses precisam se livrar de Netanyahu.

Já. ■



MICHAEL DANTAS/AFP

CINZAS Fogo na mata: com manejo de recursos, cenas como esta podem ser evitadas

UMA SEMENTE PROMISSORA

Governo federal lança uma série de projetos para recuperar áreas degradadas da Amazônia, inclusive com a participação da iniciativa privada **VICTORIA BECHARA**



O PRESIDENTE Luiz Inácio Lula da Silva iniciou o terceiro mandato com a meta de zerar o desmatamento na Amazônia até 2030. Até o momento, o projeto tem ao menos caminhado na direção certa. A área desmatada caiu 62,2% em 2023, segundo relatório da rede ambiental MapBiomas, mas ainda assim chegou a 454 300 hectares, o equivalente a três vezes a área do município de São Paulo. A ideia de priorizar o esforço para evitar a destruição de novas áreas é correta, mas a estra-



FELIPE WERNECK/MMA

OTIMISMO A ministra Marina Silva: "um dos objetivos mais ambiciosos" no país

tégia ambiental da gestão começa a dar sinais de que não só disso será feita a nova política para o maior bioma do país. Nas últimas semanas, o governo deu tração a iniciativas que visam, mais que manter a floresta de pé, reerguer o que foi derrubado, com projetos de restauração, em parte bancados por financiamentos internacionais e com o envolvimento do setor privado na gestão.

Um dos planos envolve a concessão de partes significativas da floresta para entidades e empresas. No início de maio, um acordo entre o Serviço Florestal Brasileiro (SFB), o BNDES e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) garantiu aporte financeiro para viabilizar projetos do tipo. Nessa modalidade de gestão, o governo firma um contrato com entes privados para o manejo de recursos florestais em uma área específica e por um período determinado. Com isso, é possível explorar madeira e outros produtos sem precisar desmatar. Uma nova legislação, sancionada em 2023, passou

a permitir ainda a restauração de áreas degradadas com geração de receita a partir da venda de crédito de carbono. O primeiro projeto será na Floresta Nacional de Bom Futuro, em Rondônia, com a recuperação de 17 000 hectares. “Esse novo projeto é para trazer a floresta de volta ao lugar de onde ela não deveria ter saído”, diz Garo Batmanian, presidente do SFB. Até 2026, a iniciativa pretende restaurar 2,9 milhões de hectares, o equivalente ao tamanho da Bélgica.

O pacote de iniciativas nessa direção contempla também o Arco da Restauração, que terá um alcance muito maior. No dia 23, a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, e o BNDES anunciaram o resultado de um edital que vai receber 1 bilhão de reais do Fundo Amazônia — financiado por países como Alemanha e Noruega — e do Fundo Clima para ações que visam áreas degradadas. A previsão é recuperar 6 milhões de hectares até 2030 e 24 milhões até 2050. “Esse é um dos objetivos mais ambiciosos que nossa nação traçou”, disse Marina em um seminário sobre o tema. “Esperamos seguir com esse diálogo de forma próxima ao setor privado, para avançarmos na implementação da agenda de restauração florestal”, completou.

Outro projeto importante andou na última semana. Além de mirar a preservação da Amazônia e de outros biomas, o Programa Nacional de Conversão de Pastagens Degradadas permitiu ao governo fazer um aceno ao agronegócio ao anunciar a intenção de recuperar 40 milhões de hectares e convertê-los em áreas para a produção de alimentos. O objetivo é

OS PLANOS PARA O BIOMA

Ações do governo miram dezenas de milhões de hectares na Amazônia

FLORESTA TERCEIRIZADA

Concessão a empresas privadas, entidades ou ONGs para restauração de mata degradada, com receita a partir da venda do crédito de carbono e de produtos do reflorestamento (madeira, frutos, óleos e medicamentos) e serviços de ecoturismo e hospedagem

META
2,9 MILHÕES DE HECTARES ATÉ 2026

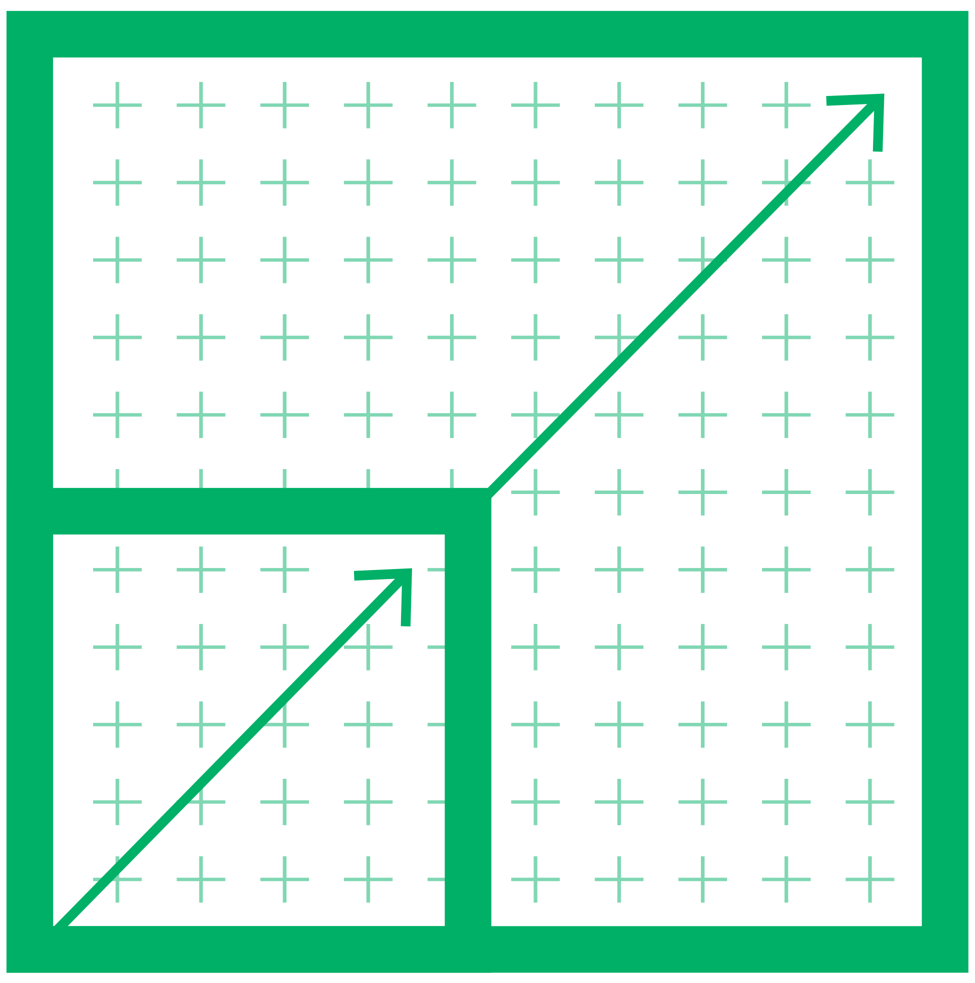
INVESTIMENTO
4 MILHÕES DE REAIS DO BNDES E 800 000 DÓLARES DO BID PARA ESTUDOS DE RESTAURAÇÃO E DE MANEJO FLORESTAL SUSTENTÁVEL

evitar a expansão da fronteira agrícola em direção a áreas protegidas. “Vamos poder praticamente dobrar a produção sem mexer em nenhum bioma nosso”, disse Lula. No dia 21 de maio, o embaixador japonês, Teiji Hayashi, e a vice-presidente da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), Sachiko Imoto, manifestaram interesse ao ministro Carlos Fávaro (Agricultura) em contribuir para o plano.

Para atingir seus objetivos, essas iniciativas terão de superar obstáculos importantes. Segundo especialistas, a escassez de recursos e as amarras administrativas da gestão pública

ARCO DA RESTAURAÇÃO

Apoio a projetos de recuperação de unidades de conservação, terras indígenas e assentamentos, com incentivo à agricultura familiar e estímulo a florestas produtoras de açaí, pupunha, castanha, cupuaçu e outros produtos



META
6 MILHÕES DE HECTARES ATÉ 2030 E 24 MILHÕES DE HECTARES ATÉ 2050

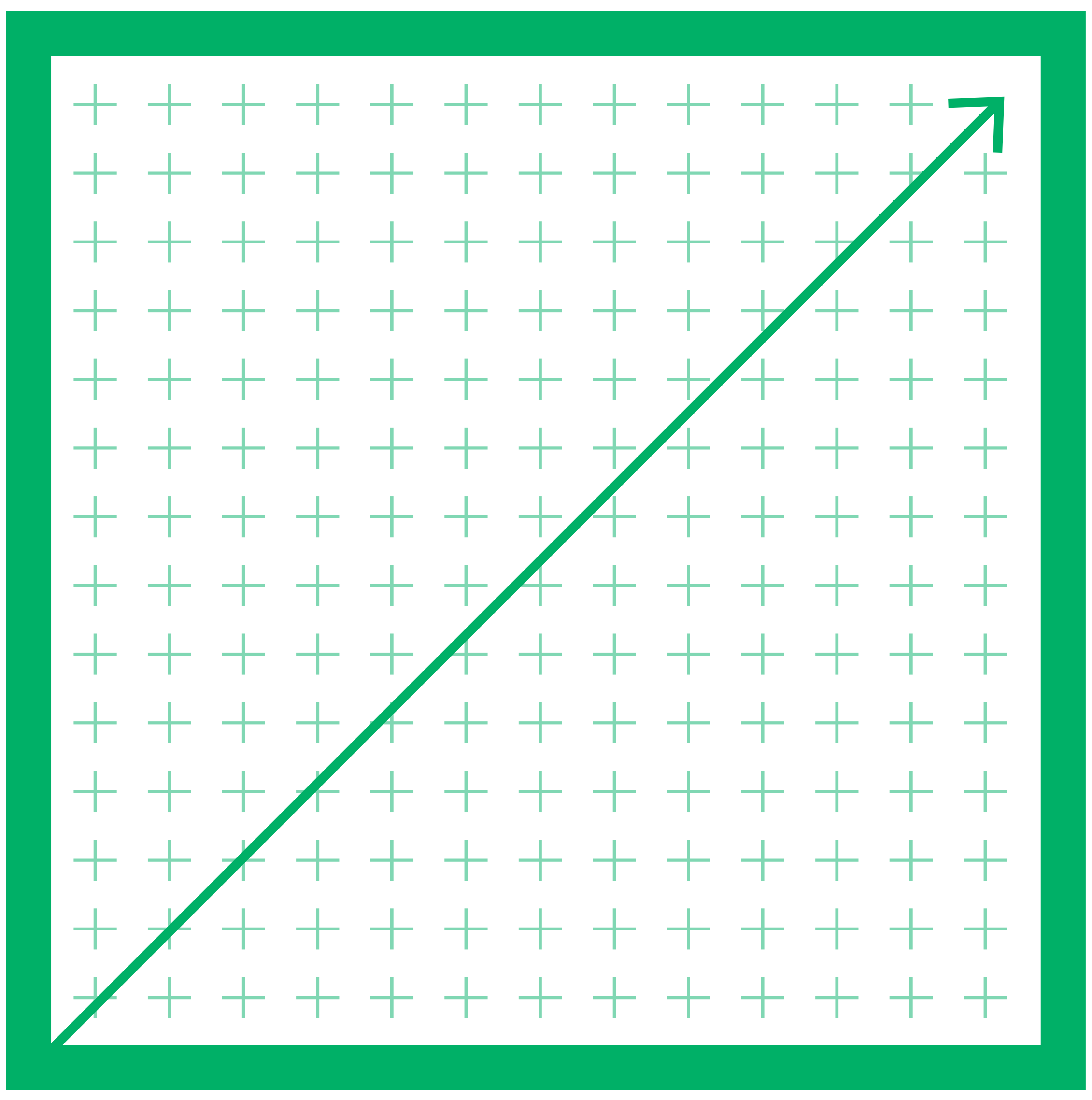
INVESTIMENTO
1 BILHÃO DE REAIS DO FUNDO AMAZÔNIA E DO FUNDO CLIMA

podem prejudicar o andamento e a fiscalização dos projetos. A falta de regulamentação do mercado de carbono também causa insegurança jurídica. "Podemos ter ganhos em qualidade da gestão dessas florestas públicas, porque o problema, em boa medida, é apenas gerencial. Se isso for feito com mais agilidade e eficácia, é positivo", diz Virgilio Viana, superintendente-geral da Fundação Amazônia Sustentável.

Resta ainda o desafio de pensar em políticas que aprimorem a qualidade de vida da população. Segundo o IBGE, a Amazônia Legal é quem mais sofre com a fome. O Pará, que

ESPAÇOS PARA PLANTIO

Conversão de pastagens degradadas em espaços para a agricultura, com o objetivo de dobrar a área de produção de alimentos sem que o agro avance sobre terras protegidas



META
40 MILHÕES DE HECTARES EM DEZ ANOS EM TODO PAÍS

INVESTIMENTO
O GOVERNO QUER ATRAIR 600 BILHÕES DE REAIS EM RECURSOS – O JAPÃO JÁ ANUNCIOU INTERESSE

Fonte: *Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima*

irá sediar a COP30 (conferência da ONU sobre o clima) em 2025, ocupa o primeiro lugar no ranking de insegurança alimentar. “A política ambiental precisa andar de mãos dadas com a política social e econômica local”, diz Daniel Vargas, pesquisador do Observatório de Bioeconomia da Fundação Getulio Vargas. Apesar das incertezas no horizonte, as iniciativas parecem ir na direção correta: a de tirar o país das cordas na política ambiental, em especial na Amazônia. Se forem bem-sucedidos, os planos para reerguer a floresta podem se tornar as sementes para a solução do problema. ■



LIVE
OS TRÊS PODERES
com Ricardo Rangel, Marcela Rahal e Matheus Leitão
ACOMPANHE TODAS
AS SEXTAS-FEIRAS
a partir das 11h no Youtube e Facebook
Acesse abr.ai/ostrespoderes
ou aponte a câmera do celular
o código ao lado
APRESENTAÇÃO
Ricardo
Ferraz
veja
vejapontocom
veja

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich





JANVALLS/NURPHOTO/GETTY IMAGES

VOO A220: a Airbus quer trazer modelo para o Brasil e concorrer com a Embraer

Disputa nos ares

A fabricante franco-germânica de aeronaves **Airbus** quer trazer ao mercado brasileiro, para operar rotas regionais, o modelo de médio porte A220. Cada avião custa 45 milhões de dólares. Atualmente, quem domina o segmento de aviões para trechos curtos no país é a brasileira Embraer.

Depende dos clientes

O A220 só entrará no mercado brasileiro se Azul e Latam, as principais companhias aéreas do país, quiserem. Para os próxi-

mos anos, 120 aeronaves foram encomendadas pelas duas empresas para a renovação de frota — todas da família Airbus A320, de porte maior.

Negócio cancelado

Depois de meses de conversas, não deu certo a compra da rede de fibra óptica da empresa paranaense de telecomunicações Ligga pela V.tal, operadora de infraestrutura de internet. “O valor tem que fazer sentido para nós”, afirma Rafael Marquez, diretor da Ligga.

Aberta a propostas

Apesar de a transação com a V.tal ter esfriado, a Ligga, que é controlada por fundos geridos pelo empresário Nelson Tanure, segue aberta a novas negociações. “Se houver sinergia, vamos avaliar”, diz Marquez.

Elétricos aceleram

A importação de carros elétricos no Brasil alcançou a marca de 400 milhões de dólares no primeiro trimestre de 2024 — uma arrancada de 646% ante o mesmo período de 2023. Os dados são da fintech Vixtra.

De olho na alta renda

Com baixa penetração no público de alta renda, o banco digital Nubank vai lançar uma espécie de reserva de emergência em dólar ou euro. A ideia é atrair clientes com mais recursos. “Vamos atender essa demanda”, diz Cristina Junqueira, cofundadora e diretora de crescimento do Nubank.

Cenário terrível

Apesar do crescimento vertiginoso do Nubank nos últimos anos, a banqueira considera que a conjuntura está longe de ser favorável. "Só vi cenário econômico terrível", diz Cristina. "Estou esperando ficar bom até hoje."

Venda a contragosto

O empresário Emílio Odebrecht, um dos sócios da petroquímica Braskem, tem afirmado a amigos que não gostaria de vender a empresa, mas não há outra saída. A operação de venda seria crucial para dar fôlego ao Grupo Novonor, antiga Odebrecht, que está em recuperação judicial.

Devagar e sempre

Com 1,7 bilhão de reais sob gestão e sessenta famílias no portfólio, a gestora de patrimônio Capri estabeleceu a meta de chegar a 2 bilhões de reais em carteira até o fim do ano. Sócio da Capri, Bruno Leta diz, contudo, que não quer crescer a qualquer custo. Por isso, recusa a entrada de novos investidores no negócio.

O jogo vai começar

A agência americana de ativações esportivas YinzCam está de olho no futebol brasileiro. Antes, contudo, ela se aproximou da Conmebol, a entidade que reúne as confederações da América do Sul. Na semana que vem, a YinzCam lança o aplicativo oficial da Copa América. ■

O PODER DE NÃO REGULAR

Ao acatar pleito da Petrobras de vetar a venda de refinarias para atender a interesses do governo, Cade falha mais uma vez na sua função de garantir a livre concorrência no país

LUANA ZANOBIA E **JULIANA MACHADO**



FLEXÍVEL Condução duvidosa: decisões da entidade mudam de acordo com a agenda política

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

Dois episódios recentes mostram como Brasil e Estados Unidos tratam de maneira díspar a livre e justa concorrência entre empresas. Lá fora, o Departamento de Justiça lidera um processo para quebrar o monopólio da empresa de entretenimento TicketMaster, do grupo Live Nation, que controla 80% das vendas de ingressos para shows e eventos esportivos no país. Enquanto isso, por aqui, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), o órgão antitruste brasileiro, acatou um pedido da Petrobras, desobrigando-a de vender refinarias e ativos de gás natural. Os diferentes caminhos tomados nos dois países explicam, em alguma medida, por que os Estados Unidos são uma potência econômica, com um ambiente de negócios saudável e altamente competitivo, e escancaram as velhas mazelas brasileiras, como baixa competição e concentração de mercado nas mãos de poucas empresas.

O cancelamento da venda das refinarias pela Petrobras reverte a deliberação tomada em 2019, no governo de Jair Bolsonaro, em que o órgão antitruste apurava um suposto abuso de poder no mercado de refino. Na época, o objetivo era manter o foco da Petrobras na extração de óleo e gás. Agora, o presidente Lula entende que a companhia deverá seguir forte como dona de refinarias, posição já endossada pela nova presidente da Petrobras, Magda Chambriard. Para ela, "é estranho" que a estatal reduza a atuação no setor de refino. Chama atenção também o fato de a maioria dos conselheiros do Cade — quatro de seis — ter sido indicada no ano passado pelo

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO ALEXANDRE BRUM/AG. ENQUADRAR/AGÊNCIA O GLOBO





SINTONIA FINA
Cordeiro e Chambriard: presidentes do Cade e da estatal estão alinhados

atual presidente, o que só agrava a percepção de que o órgão se tornou permeável à agenda heterodoxa petista. “O Cade muda o caráter de suas decisões para atender a diferentes agendas”, afirma Bruno Carazza, ex-integrante do Cade e professor associado da Fundação Dom Cabral. “Isso gera dúvidas, cria ruídos e, no final, prejudica a sua credibilidade.”

As críticas, porém, não se resumem à leniência com o governo, mas também se estendem à alternância de cargos entre Alexandre Cordeiro, atual presidente, e Alexandre Barreto, superintendente do órgão. Ao final do mandato, um se torna superintendente e o outro, presidente, uma dinâmica que mantém ambos no poder há quase sete anos. “A estratégia compromete a renovação do comando, tor-

nando o Cade mais suscetível à captura por interesses políticos", diz Carazza.

O caso Petrobras não foi o primeiro em que a autoridade antitruste tem a conduta criticada. Com raros casos de rejeição de negócios — das 611 operações analisadas em 2023, 592 foram aprovadas sem restrições —, o Cade já foi alvo de questionamentos nos anos 2000, quando acatou sem resistên-

OS DIFERENTES SISTEMAS

Como funcionam os órgãos responsáveis pela livre concorrência no Brasil, na União Europeia e nos Estados Unidos

BRASIL

ÓRGÃO ANTITRUSTE

Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade)

NOMEAÇÕES

Presidente e conselheiros são nomeados pelo chefe do Executivo e confirmados pelo Senado. São sete conselheiros, incluindo o presidente

MODELO

Órgão autônomo, mas vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública

cia a política de campeões nacionais de Lula e Dilma Rousseff. As fusões JBS-Bertin e Sadia-Perdigão, ambas em 2009, contaram com forte injeção de capital do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social para criar gigantes capazes de competir globalmente, mas que foram mais tarde envolvidos em críticas por concentração de mercado e corrupção. A fusão das cervejarias Brahma e Antarctica, que resultou na criação da Ambev, e a compra da Chocolates Garoto pela Nestlé, que levou duas décadas sob análise, também são exemplos de como o Cade foi pouco eficiente em coibir a cria-

UNIÃO EUROPEIA

ÓRGÃO ANTITRUSTE

|

Direção-Geral da Concorrência (DG Comp)

NOMEAÇÕES

|

O presidente é nomeado pelo líder da Comissão Europeia após ser indicado pelos governos dos Estados-membros e aprovado pelo Parlamento Europeu

MODELO

|

Autônomo, mas vinculado à Comissão Europeia

ção de conglomerados com largo domínio do mercado no Brasil. Foram ocasiões em que o xerife da concorrência agiu de modo que faz pensar se seguiu o rigor da lei.

Não bastasse estar suscetível a interesses políticos, o Cade também não conta com um quadro técnico próprio, selecionado por concurso público. Em vez disso, opera com servidores cedidos de outros órgãos ou usa cargos comissionados que não passam pelo rigor de um processo seletivo. "Isso compromete a independência técnica e aumenta a vulnerabilidade a influências políticas", diz Maurício Canêdo, pesquisador do

ESTADOS UNIDOS

ÓRGÃO ANTITRUSTE

Federal Trade Commission (FTC)

NOMEAÇÕES

Presidente e conselheiros são nomeados pelo chefe do Executivo e confirmados pelo Senado. São cinco comissários, não mais de três do mesmo partido

MODELO

Independente, sem vínculo com secretarias ou outros órgãos

Fontes: *Cade, Comissão Europeia e FTC*



SHUTTERSTOCK

DOMÍNIO Cervejas: a Ambev concentrou o mercado

Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre-FGV).

A própria estrutura do Cade tem as suas particularidades. A título de comparação, nos Estados Unidos o órgão antitruste é o Federal Trade Commission (FTC), uma entidade independente e não vinculada ao governo — ao contrário do Cade, que tem autonomia, mas é atrelado ao Ministério da Justiça. A escolha de conselheiros é semelhante nos dois países, com indicação feita pelo chefe do Executivo e referendada pelo Senado. Lá fora, porém, o processo afasta a escolha de conselheiros por motivos políticos, já que o debate é mais acirrado entre republicanos e democratas e filtra a seleção de nomes, segundo Canêdo. “No Brasil, com a multiplicidade de partidos, nenhum deles tem força suficiente para contestar

significativamente uma indicação presidencial", diz.

Em entrevista a VEJA, o presidente do Cade se defende. Alexandre Cordeiro admite que os desinvestimentos realizados pela Petrobras foram significativos e que a decisão de não vender as refinarias representa uma mudança na política da companhia. "Não é função do Cade se imiscuir em decisões de governança de qualquer empresa", diz ele. "Nossa preocupação é a concorrência." Essa resposta não condiz com o fato de que a Petrobras detém 70% do refino no país. Ex-presidente do Cade e professora de economia da Universidade de São Paulo, Elizabeth Farina reconhece que a mudança de estraté-

CRITÉRIOS DIFERENTES

As fusões e aquisições aprovadas pelo Cade que foram alvo de críticas

CASO	ANO DA APROVAÇÃO	CRÍTICAS
Fusão entre Brahma e Antarctica	1999	*Monopólio no mercado de cervejas*
Aquisição da Garoto pela Nestlé	2023	*Concentração no mercado de chocolates*
Compra da Unidas pela Localiza	2023	*Redução da concorrência no setor de locação de veículos*

gia do órgão é um reflexo direto da troca de governo, mas afirma que isso “não reflete um problema institucional”.

Do ponto de vista do mercado, a decisão do Cade sobre a Petrobras não poderia ser uma sinalização pior de como caminha o ambiente de negócios no Brasil. Sob condição de anonimato, gestores de grandes fundos ouvidos por VEJA revelam descontentamento com a decisão. “É uma indicação ruim sobre a orientação do órgão”, afirma um gestor de um grande fundo de ações. “O objetivo deveria ser maximizar a concorrência, e essa decisão não vai nessa direção, por isso causa estranheza.”

As fusões e aquisições vetadas pelo órgão antitruste nos Estados Unidos

CASO	ANO DO BLOQUEIO	MOTIVO DO BLOQUEIO
Fusão entre AT&T e T-Mobile	2011	***Redução da concorrência no setor de telecomunicações***
Compra da Arm pela Nvidia	2022	***Risco de concentração no mercado de semicondutores***
Compra da Activision Blizzard pela Microsoft	2023	***Preocupações com monopólio no mercado de jogos eletrônicos***



JORGE ARAÚJO/FOLHAPRESS

NOVELA Nestlé e Garoto: operação foi “analisada” por décadas

Em seu pedido para o Cade, a Petrobras alegou que houve baixo interesse pelas refinarias e por ativos de gás natural e que as propostas recebidas não atenderam aos requisitos financeiros e econômicos mínimos. Além disso, afirmou que não há indícios de que o desinvestimento resultaria em ganhos competitivos. “Mas fica claro que existe um viés por trás da decisão”, afirma outro gestor de ações. “O grande problema aqui é a mudança de orientação a cada governo, e essa incerteza é muito ruim para qualquer um que tome decisões de investimento.” O xerife da livre iniciativa no Brasil foi testado — e, mais uma vez, reprovado. ■



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

SOBRE MENSAGENS E MENSAGEIROS

Reclamar de expectativas de inflação é perda de tempo

DE TEMPOS em tempos aparecem novas teorias da conspiração, quase sempre velhas teorias da conspiração repaginadas em maior ou menor grau. A mais recente se refere à medida das expectativas de inflação. Desde o início do regime de metas, o BC precisou desenvolver uma maneira de aferir tais expectativas. Não por capricho. Há bases teóricas sólidas sustentando que a inflação esperada acaba sendo incorporada aos reajustes de preços e, portanto, à inflação corrente. Se empresas e trabalhadores esperam inflação moderada à frente, reajustes de preços e salários tendem a refletir isso, e vice-versa.

Assim, o BC criou a pesquisa Focus, que hoje consulta perto de uma centena e meia de analistas acerca de suas projeções para inflação, crescimento, dólar, Selic e mais uma série de variáveis econômicas de interesse não apenas do BC, mas da sociedade em geral.

As projeções de inflação são usadas pelo próprio BC como um dos insumos de seus modelos de previsão, em linha

com a proposição teórica sugerida acima, associadas, é bom que se diga, a diversos outros, como o nível de atividade, o resultado fiscal do governo e preços internacionais de commodities, para citar apenas alguns.

Como regra, as expectativas para a inflação, seja para este ano, seja para o próximo, têm andado bastante descoladas da meta ("desancoradas"), merecendo a duvidosa honra de serem citadas como motivo de preocupação por parte do BC. Mais recentemente, porém, esse descolamento aumentou, atingindo horizontes mais longínquos, como 2026.

Quando o ministro da Fazenda reclamou dos "fantasminhas" que estariam "fazendo a cabeça das pessoas e prejudicando nosso plano de desenvolvimento", não faltou quem associasse a reclamação a um ataque precisamente à pesquisa Focus. Segundo os detratores, os participantes da pesquisa estariam tentando "forçar a mão" do BC quanto à fixação

"Ao contrário do que dizem os acusadores, a Focus tem atuado para reduzir as projeções do BC"

da taxa de juros, elevando as expectativas para impedir que o Copom seguisse na trajetória de redução gradual da taxa básica, a Selic.

Não é difícil examinar se tal tese faz sentido, ou, como veremos, não.

Se for verdade que os analistas elevam artificialmente as expectativas relatadas à Focus, essas teriam de, em média, ser mais altas que o IPCA, isto é, a Focus tenderia a superestimar a inflação. Com base nos dados dos últimos treze anos, o que observamos é que, em média, as expectativas coletadas pela Focus subestimam a inflação tanto um quanto dois anos à frente (em torno de 0,9% e 1,3%, respectivamente). Em apenas quatro anos ficaram acima da inflação observada no ano seguinte (somente dois anos no caso do horizonte mais longo).

Ao contrário, pois, do que dizem os acusadores, a Focus tem atuado no sentido de reduzir as projeções feitas pelo BC. Expectativas crescentes, como agora observadas, não resultam de conspirações, mas da percepção de degradação persistente do ambiente econômico, em boa parte resultado da política econômica do atual governo, em particular no que se refere ao controle do gasto.

Reclamar do mensageiro é inútil; mais proveitoso seria trabalhar para mudar o conteúdo da mensagem. ■



AGILIDADE
Fábrica inteligente: novos recursos deverão impulsionar o uso da inteligência artificial

CONEXÕES PRODUTIVAS

O avanço da rede 5G revoluciona a indústria ao permitir que equipamentos "conversem" entre si. No Brasil, contudo, o sistema precisa ganhar mais tração

CAMILA BARROS

WEIQUAN LIN/MOMENT/GETTY IMAGES

O FUTURO CHEGOU

Entenda os conceitos por trás das novas tecnologias de conectividade

5G

É A QUINTA GERAÇÃO DA TECNOLOGIA DE REDES MÓVEIS, QUE REPRESENTA UM SALTO SIGNIFICATIVO EM TERMOS DE VELOCIDADE, CAPACIDADE DE CONEXÃO E LATÊNCIA (TEMPO DE RESPOSTA). PODE SER ATÉ **100 VEZES MAIS VELOZ QUE A 4G**

IoT

DO INGLÊS *INTERNET OF THINGS* (INTERNET DAS COISAS), É A TECNOLOGIA QUE CONECTA VÁRIOS APARELHOS ENTRE SI POR MEIO DA INTERNET, DE FORMA QUE ELES TRABALHEM EM CONJUNTO

IoT NA INDÚSTRIA

COMBINADA COM 5G, DEU IMPULSO A AUTOMAÇÃO DE MÁQUINAS, IMPLEMENTAÇÃO DE REALIDADE VIRTUAL (RV), MONITORAMENTO DE SENSORES E ANÁLISE DE DADOS SOBRE O PROCESSO PRODUTIVO

DESDE O ANO passado, o monitoramento das entregas e a operação dos guindastes do Brasil Terminal Portuário (BTP), o maior da América do Sul no despacho de contêineres, com 430 000 metros quadrados na cidade de Santos (SP), são feitos a partir de uma central de comando remota. Os equipamentos são guiados por sistemas de comunicação capazes de "conversar" entre si e que podem ser ajustados mesmo a distância. A tecnologia trouxe grandes ganhos. Com os novos recursos, a atividade portuária ficou mais ágil, equiparando as práticas do BTP às mais sofisticadas do mundo. Inédita nos portos brasileiros, a operação só se tornou possível após o advento da internet 5G. Com ela, a capacidade de conexão da rede local saltou de 30 megabytes para 1 gigabyte, e a velocidade de comunicação entre os equipamentos disparou — a latência, tempo necessário para transferir informações de um aparelho a outro, caiu 99%.

O caso descrito acima mostra como a chegada do 5G, a quinta geração da internet móvel, está provocando grandes mudanças em diversos setores econômicos — em especial naqueles em que as máquinas precisam trocar informações e trabalhar em conjunto. O 5G é até 100 vezes mais veloz do que o 4G e suporta até um milhão de dispositivos conectados simultaneamente por quilômetro quadrado — ou 900% mais do que a versão anterior. Não à toa, é na indústria que a tecnologia deverá provocar os maiores impactos. De fato, a internet 5G levará à maior

ISTOCK/GETTY IMAGES



CONTROLE REMOTO Caminhão autônomo na China: segurança na mineração

automação de máquinas, permitirá o uso irrestrito da inteligência artificial e fará o conceito de internet das coisas (IoT, na sigla em inglês), que consiste na conexão de vários equipamentos ao mesmo tempo, se expandir pelas áreas de manufatura.

Projetos baseados no uso da nova tecnologia começam a aparecer no Brasil. Em 2021, o grupo ítalo-franco-americano Stellantis, em parceria com a empresa de telecomunicações TIM e a consultoria Accenture, inaugurou o que alega ser a primeira operação 5G da indústria automobilística no país. Em sua fábrica em Goiana (PE), sistemas conectados ajudam a assegurar a qualidade do processo de montagem. Funciona assim: as traseiras dos veículos recebem etiquetas que os identificam, enquanto uma câmera



NIELS WENSTEDT/BSR AGENCY/GETTY IMAGES

NAS ALTURAS Torre: custo de instalação ainda é muito alto

captura imagens de sua movimentação na linha de produção. Os dados são enviados em tempo real para um sistema em nuvem, e um software de inteligência artificial informa aos operadores de inspeção de qualidade se todo o processo de montagem ocorreu como o planejado.

As fábricas inteligentes, contudo, são raridade no Brasil. Um levantamento feito pela consultoria Teleco indica que, entre 2020 e 2023, apenas onze indústrias instalaram redes privativas de 5G. "A modalidade engatinha no país", diz Eduardo Tude, presidente da Teleco. Segundo Juarez Quadros, ex-presidente da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), a maior barreira para a adoção do 5G na indústria é o alto custo de instalação. "Quem

não precisa de conectividade mais rápida vai demorar para trocar", diz Quadros. Esperar muito, porém, pode custar caro — há o risco de a empresa ficar para trás e perder o bonde da competitividade.

Fora do Brasil, o 5G e a IoT caminham a passos largos. Em países como Estados Unidos, China e Austrália, caminhões autônomos realizam o trabalho pesado na mineração — e isso devido à rede de internet mais veloz. Com capacidade de se movimentar sozinhos, os veículos têm como maior apelo o aumento na segurança das minas, já que boa parte dos acidentes está associada a deslizamentos de terra. Segundo uma pesquisa do instituto Allied Market, o mercado de caminhões autônomos de mineração deverá ser avaliado em 1,6 bilhão de dólares em 2025 e alcançar 12,5 bilhões de dólares até 2035. Trata-se de um exemplo de como inovações tecnológicas podem trazer ganhos extraordinários para todas as atividades econômicas. E o avanço é rápido: estima-se que as redes 5G estarão disponíveis para um terço da população mundial já em 2025. O Brasil precisa acelerar projetos na área, para não perder mais uma oportunidade. ■

DIREITA RADICAL, VOLVER

Às vésperas de confirmar Narendra Modi como líder inconteste, a Índia atesta o avanço global de um extremismo mais organizado, autoritário e eficiente nas urnas

AMANDA PÉCHY E ERNESTO NEVES



ELE LÁ OUTRA VEZ Modi em campanha: seguindo a cartilha da democracia iliberal com carisma e mão de ferro

NARINDER NANU/AFP

Em uma coreografia complexa e hiperbólica que traduz a imensidão da Índia, 970 milhões de pessoas foram às urnas ao longo do último mês para participar da maior eleição livre do planeta. O resultado final, previsto para a terça-feira 4, não deve trazer novidade: é dada como certa a confirmação do terceiro mandato do primeiro-ministro Narendra Modi, dono de estonteantes 78% de aprovação e líder inconteste da nação. Um exercício democrático de tamanha dimensão seria admirável, não fosse por um aspecto que causa arrepio nas fileiras menos conservadoras: Modi faz parte do rol crescente de populistas da direita radical que, legitimados pelo voto, usam o cargo para implantar sua versão da "democracia iliberal", termo cunhado pelo húngaro Viktor Orbán para definir os regimes autoritários que trocam o uso da força, típico de ditaduras, pela estratégia política para se perpetuar. É um *modus operandi* que ecoa em todos os cantos do globo, mostrando que a direita extremada aprendeu a lição de como sair da sombra e se expandir para além das franjas da burocracia política.



3 DE CADA 4 PESSOAS NO MUNDO VIVEM SOB UM REGIME AUTOCRATA — 71% MAIS DO QUE HÁ UMA DÉCADA

Fonte: *Instituto V-Dem*


AKOS STILLER/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

AMIGOS Jair Bolsonaro com o húngaro Viktor Orbán, em Budapeste: poderosas redes de intercâmbio internacionais

A trajetória de ascensão da ultradireita na última década teve como marco zero a crise econômica detonada pela explosão da bolha imobiliária americana em 2008. Seus efeitos deletérios, incluindo o derretimento desse mercado crucial, o desemprego galopante e a explosão das desigualdades, atingiram todos os continentes e expuseram o ressentimento generalizado de amplas fatias das populações que se julgavam alijadas das engrenagens que impulsionam riquezas. Na esteira do descontentamento com políticos, instituições e "elites" variadas, surgiram figuras carismáticas, hábeis em apontar culpados e oferecer saídas fáceis para problemas complexos. Em geral, são "soluções" pintadas com as cores do extremismo, entre elas,

o expurgo dos privilegiados (um bando de corruptos), a expulsão de imigrantes (usurpadores de empregos e benefícios) e a repressão de minorias como os LGBTQIA+ (destruidoras da família e das tradições). Os ultradireitistas beberam do voto de protesto contra o establishment e foram ganhando espaço e relevância, impulsionando movimentos como o Brexit, em 2016, e a eleição de Donald Trump à Casa Branca na sequência.

Na maratona eleitoral deste ano, em que metade do planeta irá às urnas, uma nova leva de candidatos da "direita dura", na definição americana, deverá chegar ao poder embalada não mais pela mera insatisfação com a política tradicional, mas, sim, pela afinidade dos eleitores com sua agenda conservadora. Mesmo que vários desses líderes façam gestos nítidos de que trabalham para corroer a democracia por dentro, são aceitos por boa parte da população. "A ultradireita foi normalizada, bem como algumas de suas ideias centrais", diz Leonardo Trevisan, professor de relações internacionais da ESPM. "Ela vive uma nova onda como corrente dominante."

O indiano Modi segue à risca a cartilha do conservadorismo em ascensão. Seu Partido Bharatiya Janata (BJP) tem como origem um grupo paramilitar que se inspirava nos Camisas Negras do ditador italiano Benito Mussolini (1883-1945). Ele prega um nacionalismo exacerbado, no qual a Índia é o país dos hindus e os muçulmanos, 14% da população, estão lá para destruir os valores tradicionais.



WIN MCNAMEE/GETTY IMAGE

EM AÇÃO Trump, agora condenado: à frente nas pesquisas, com promessas como a maior deportação da história dos EUA

Em paralelo, sufoca críticos, intimida os meios de comunicação e apela para detenções e processos judiciais contra os opositores. Nada disso afeta sua popularidade, tanto no Norte, mais pobre, onde Modi distribui benefícios e sacos de arroz com seu retrato estampado, quanto no Sul, mais avançado, que tira proveito de uma das maiores taxas de crescimento econômico do mundo, na casa dos 7% ao ano. “Usando as regras democráticas a seu favor, Modi passa a integrar a turma crescente de democratas iliberais”, diz a cientista política paquistanesa Mariam Mufti.

Segundo o Instituto V-Dem, hoje quase 75% da população mundial vive sob regimes autocráticos, um salto de 71% em relação à última década. Autoritarismo não tem



RODRIGO JIMÉNEZ/EFE

SUPERSTAR Javier Milei em Madri: contra gastos públicos e a "casta política"

coloração política, e autocracia é praga que assola tanto a direita quanto a esquerda, mas neste momento a maré é claramente ultraconservadora. Mesmo tolhido pela rede inviolável de garantias da democracia americana, Donald Trump, showman da direita dura, prenuncia barbaridades em seus discursos de campanha (entre elas "a maior operação interna de deportação da história dos Estados Unidos") e, com essa retórica, abriu vantagem de até 8 pontos percentuais sobre seu rival, Joe Biden, em cinco estados-chave para as eleições nos Estados Unidos — não se sabe, contudo, qual pode ser o impacto eleitoral depois de toda a exposição sob os holofotes da Corte de Nova York, onde foi apontado, numa decisão histórica, como culpado, na quin-

ta-feira 30, por maquiagem financeira para encobrir transferências a uma atriz pornô, a quem pagou para silenciar sobre um caso do passado, às vésperas do pleito presidencial de 2016. A pena, que ainda será definida, varia de multa a prisão. Na Argentina, Javier Milei tirou tanto os peronistas quanto a centro-direita tradicional do poder brandindo a motosserra ultraliberal contra gastos públicos e a “casta política” e segue com apoio de ampla parcela da população, desesperada com o estado caótico da economia. Na Hungria, Orbán, no poder desde 2010 e com controle absoluto da mídia e do Judiciário, segue popular em sua cruzada contra a “destruição dos valores tradicionais”. “Hoje, os extremistas tiram votos não somente da esquerda, como também da direita tradicional”, avalia Camila Rocha, autora de *Menos Marx, Mais Mises: o Liberalismo e a Nova Direita no Brasil*.

Com a experiência adquirida na última década, os partidos ultraconservadores sofisticaram suas táticas e puseram de pé redes de intercâmbio poderosas. Uma amostra recente dessa conexão foi o encontro em Madri do Vox, legenda da Espanha abertamente saudosista da ditadura franquista, que contou com a presença de Milei, tratado como superastro, e, por vídeo, de Orbán e da italiana Giorgia Meloni. Também contou com ultradireitistas estrangeiros a reunião anual, em fevereiro, da Conferência Conservadora (CPAC), em Washington. Em julho, aliás, a CPAC ganhará sua segunda edição no Brasil, em Balneário Cam-



TIZIANA FABI/AFP

CIUMEIRA DE LADO Meloni *(acima)* e Marine Le Pen: ideia de frente ampla



HORACIO VILLALOBOS/CORBIS/GETTY IMAGES

boriú, Santa Catarina, patrocinada pelo Instituto Conservador-Liberal comandado por Eduardo Bolsonaro — lembrando que o chefe do clã, Jair Bolsonaro, este ano passou uns dias na embaixada da Hungria, segundo ele não para sondar um possível asilo, como se aventou, mas para "manter contato com autoridades do país amigo" comandado pelo companheiro Orbán. Ativo promotor dessa integração, o britânico Nigel Farage, principal articulador do Brexit, anunciou que não vai se candidatar na eleição do mês que vem em seu país (onde, na contramão da Europa, os conservadores devem perder feio para os trabalhistas) para assessorar a campanha de Trump. "A pandemia acelerou a união internacional da extrema direita", confirma Milo Comerford, pesquisador de extremismo do Institute for Strategic Dialogue, de Londres.

Epicentro do movimento, a União Europeia tem hoje oito países — Itália, Finlândia, Eslováquia, Hungria, Croácia, República Tcheca, Suécia e Holanda — com partidos ultradireitistas ou no governo, ou em alianças essenciais para sua sobrevivência. Na França, o Reunião Nacional, de Marine Le Pen, três vezes candidata à Presidência e provável postulante no pleito de 2027, conta com a simpatia de 30% da população, à frente do Renascimento, do presidente Emmanuel Macron. Na Alemanha, o Alternativa para a Alemanha (AfD), que flerta com o nazismo e está na mira da polícia, alcança o segundo lugar nas sondagens. O fator mais influente na virada ultraconservadora europeia é, de



VALERIA FERRARO/ANADOLU/GETTY IMAGES

INDESEJÁVEIS Imigrantes no Mediterrâneo: os bodes expiatórios

longe, a xenofobia produzida pela imigração acelerada — em 2022, entraram no continente 5,4 milhões de imigrantes. "O declínio da economia, a erosão da confiança na política tradicional e a imigração são os combustíveis da rápida ascensão populista", diz Filippa Chatzistavrou, professora de ciências políticas da Universidade de Atenas.

De olho nas eleições para o Parlamento Europeu, em junho, a extrema direita intensificou a costura de alianças. Le Pen, cujo partido, o Reunião Nacional, integra o bloco parlamentar extremista Identidade e Democracia (ID), deixou a ciumeira de lado e convidou a italiana Meloni, líder de outra coligação direitista, a Reformistas e Conservadores Europeus (ECR), a formar uma frente ampla.

"Chegou a hora de nos unirmos", afirmou Le Pen. Uma junção dos dois grupos, estimam analistas, pode fazer a bancada radical ser a segunda maior força política em Bruxelas. Em busca de apoio mais amplo, tanto Le Pen quanto Meloni suavizaram seu discurso, deixando de atacar minorias para centrar fogo nos imigrantes. "Com roupagem civilizada, a ultradireita expande-se para além das classes baixas e populações rurais, alcançando parcelas endinheiradas e jovens", diz Valeria Giannotta, cientista política especializada em extremismo.

Durante a Guerra Fria, os regimes democratas se espalharam pela metade do globo não dominada pela União Soviética como um modelo de governar imperfeito, mas capaz de constante evolução. Os autocratas nunca desapareceram totalmente, mas foram sendo substituídos por mandatários e parlamentares que têm sua autoridade limitada por tribunais, imprensa livre e grupos de pressão e enfrentam uma oposição que, embora vigorosa, reconhece a legitimidade do governo. Agora essa configuração é alvo de constantes ataques, principalmente de populistas de direita, um questionamento que faz a democracia retroceder no mundo há dezoito anos consecutivos, segundo relatório divulgado em fevereiro pela ONG Freedom House. A reação é possível — afinal, a forma do sistema democrático reside justamente em sua capacidade de reinvenção. Mas, pelo andar das eleições, muita água ultraconservadora vai rolar antes de a maré se inverter. ■

GENTE

VALMIR MORATELLI



FORA DO ARMÁRIO

Na pele de sua primeira vilã na TV, na trama global *No Rancho Fundo,* **LUISA ARRAES,** 30 anos, foi tomar inspiração na trajetória de Elon Musk, o megalômano bilionário que incendeia as redes com polêmicas que reverberam pelo globo. "Minha personagem também tem essa vontade de dominar o mundo. É igualzinha a ele", compara a atriz, que estrela *Transe,* sobre a polarização nas eleições de 2018, e logo poderá ser vista em *Grande Sertão,* película dirigida por seu pai, Guel Arraes, uma adaptação do clássico de Guimarães Rosa. Envolta em tanto trabalho, ela lamenta o fato de todo mundo a abordar com a mesma pergunta, que lhe desvia o foco. Querem saber como há anos consegue manter a relação aberta com o ator Caio Blat, 43. "É uma questão diária", conta, e ironiza: "Sempre quando falo sobre isso, me sinto saindo do armário".



INSTAGRAM @LUISAARRAES

JARDINEIRO GASTRONÔMICO



INSTAGRAM @JEFFIM_RUEDA

Um dos maiores talentos da gastronomia brasileira, **JEFFERSON RUEDA,** 47 anos, enfrentou nos últimos tempos sérios problemas de saúde e o divórcio com Janaína Torres, 49, com quem criou sucessos como A Casa do Porco. Por isso, teve bons motivos para comemorar recentemente a estrela verde concedida ao restaurante pelo *Guia Michelin,* uma premiação aos estabelecimentos afinados com a cartilha da sustentabilidade. “Antes, o brasileiro tinha vergonha de dizer que come carne de porco”, conta. Ainda sócio da ex nos negócios, ele tem sido hoje mais presente no sítio no interior de São Paulo que abastece a cozinha do local. Sugado pelo trabalho extra após uma onda de calor fora de época, seca que lhe custou a perda total dos legumes e hortaliças, diz estar saudoso de suas panelas: “Tenho sido mais jardineiro do que cozinheiro”.



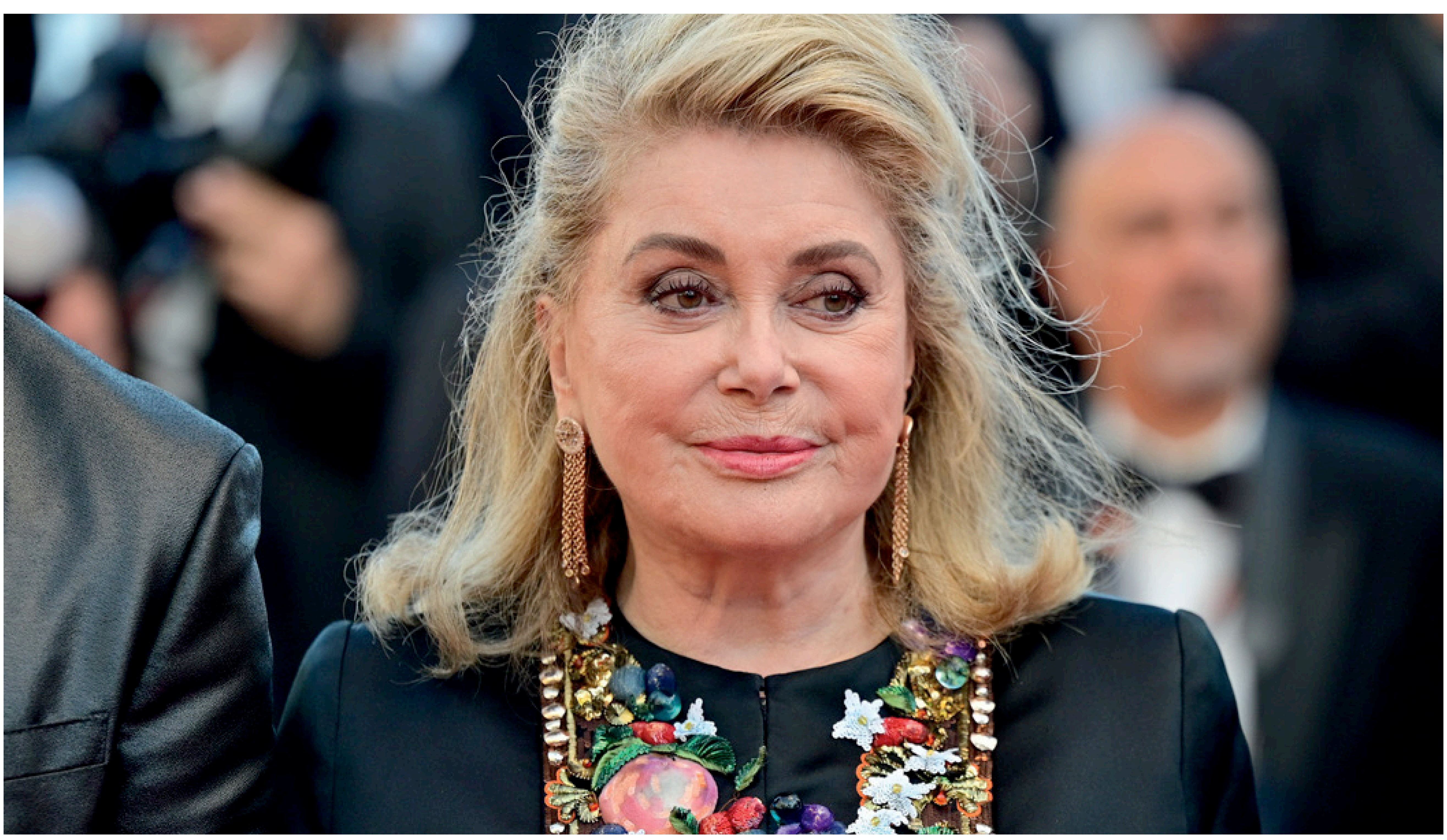
SARAH STIER/GETTY IMAGES

ABAIXO DA LINHA DA CINTURA

Entra ano, sai ano, e **MIKE TYSON,** 57 anos, reaparece para anunciar o que seria sua última luta antes da aposentadoria, mas nada de largar o ringue. Agora, ele se prepara para encarar **JAKE PAUL,** 27 anos, youtuber e pugilista semiprofissional, em uma disputa no Texas exibida ao vivo pela Netflix, em 20 de julho. Como já é praxe, a troca de pauladas é antecedida por estocadas verbais que tratam de atrair os holofotes. Em entrevista, Tyson provocou o adversário trinta anos mais jovem, alheio ao filtro do politicamente correto, dizendo: “Não sei se ele está no auge, só sei que está gordo. Deveria estar magro, mas anda desleixado. Vi sem camisa e notei. Você está treinando ou não?”, disparou, para receber o troco igualmente abaixo da linha da cintura.“Você vai cair, seu velho!”, respondeu o oponente. Sem demonstrar rancor, os dois seguiram o script e se deixaram clicar com cara de mau.

LIVRE PARA FLERTAR?

Quando o #MeToo fervilhava na cena americana, em 2018, um grupo de celebridades francesas veio a público para fazer ressalvas ao movimento desencadeado por casos de assédio que ganhavam vulto em Hollywood. Elas sustentavam que os homens deveriam ser “livres para flertar” e ainda assinaram uma controversa carta aberta que chamava a iniciativa de “o novo puritanismo”. Uma das faces mais visíveis do estranho documento era **CATHERINE DENEUVE,** 80 anos, que, deslumbrante no tapete vermelho do Festival de Cannes, irritou-se com as insistentes perguntas dos repórteres acerca do tema, que voltou à baila com vários franceses do showbiz enredados em acusações de terem cruzado a linha do razoável com mulheres, entre eles Gérard Depardieu. “Há um exagero por parte da imprensa. Não falo mais disso, mas não mudei a forma de pensar”, esclareceu, e nada mais disse.



STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

A COISA TÁ FEIA PARA BRAD

O caldeirão em que segue imerso o divórcio de **ANGELINA JOLIE,** 48, e Brad Pitt, 60, ganhou novo capítulo. Em meio a uma esticada batalha judicial, que se arrasta desde 2016, **VIVIENNE,** 15 anos, resolveu remover o sobrenome do pai dos créditos da peça *The Outsiders,* nos palcos da Broadway, que produz ao lado da mãe. Da prole de seis, Zahara e Shiloh já haviam tomado a mesma decisão, o que revela a rachadura que a separação deixou no clã. "As crianças não querem ter nada a ver com Brad", confidenciou à revista *In Touch* um amigo chegado à família. Uma turma que acompanha o triste folhetim garante que os outros três rebentos devem seguir a trilha dos irmãos. ■



BRUCE GLIKAS/GETTY IMAGES


RAMIRO SANCHES/GETTY IMAGES

CLIMA DE DOENÇA

Pesquisas revelam os males de saúde relacionados aos extremos provocados pelo aquecimento global, entre pandemias, distúrbios cardiovasculares e traumas psicológicos. Apesar da inépcia das autoridades no combate ao problema, dá para reverter o quadro – mas é preciso agir rápido

PAULA FELIX E **LIGIA MORAES**



Parecem cenas extraídas do Apocalipse bíblico, mas são dolorosamente reais e suas causas e consequências, já estudadas pela ciência. Ondas sufocantes de calor, chuvas e inundações torrenciais, incêndios florestais indomáveis, enxames de mosquitos propagando vírus, pandemias... O mundo assiste a uma crise que adoece o planeta e coloca em risco a saúde da população. As mudanças climáticas, alimentadas pela mão suja do ser humano movido a combustíveis fósseis, representam cada vez mais um sério problema de saúde pública. O alerta, soado há pelo menos três décadas e tantas vezes ignorado, é traduzido, agora, por uma avalanche de enfermidades decorrentes da situação, que vão de surtos virais a panes mentais e cardiovasculares. A catástrofe das enchentes no Rio Grande do Sul, com mortes e explosão dos casos de leptospirose, infecção bacteriana que resulta da contaminação por urina de animais, é o mais novo capítulo de uma história com repercussões diretas e indiretas, no curto e no longo prazo, no bem-estar da civilização. É um lembrete desagradável de que a inação cobra o preço com juros.

O sintoma da preocupação da comunidade médica quanto aos impactos sanitários do aquecimento global vem sendo estampado, nos últimos meses, em dois dos mais respeitados periódicos da área, o *The Lancet* e o *The New En-*

VIDAS INUNDADAS
Rio Grande do Sul: casos de leptospirose e impactos mentais depois das trágicas enchentes

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE FREEPIK E CARLOS FABAL/AFP

AÇÃO E REAÇÃO

Estudos apontam que alterações climáticas têm impactos em diferentes sistemas do corpo humano



525 MILHÕES

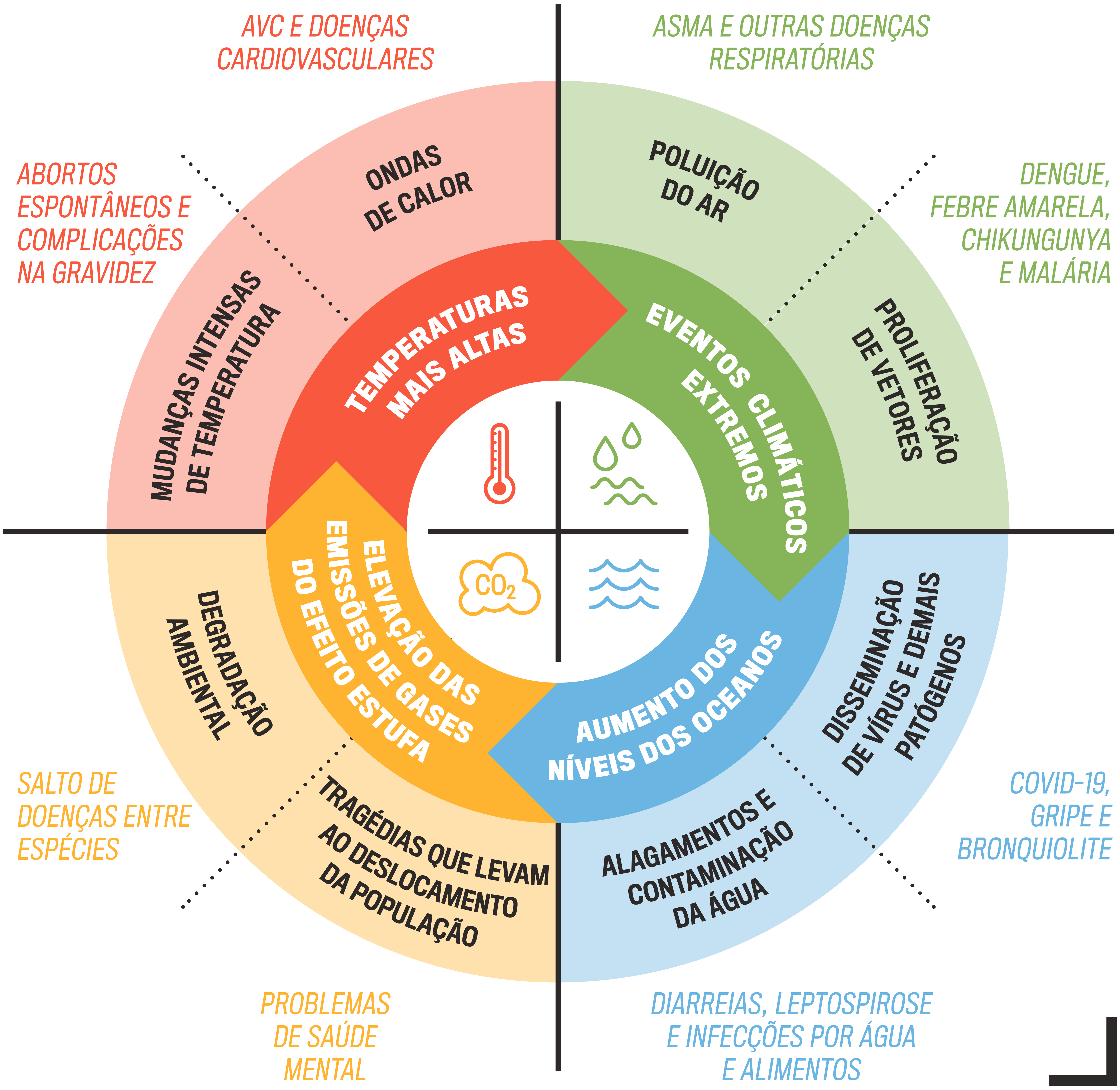
DE PESSOAS SÃO VÍTIMAS DE INSEGURANÇA ALIMENTAR DEVIDO A IMPACTO DO CLIMA NAS SAFRAS



370%

É O CRESCIMENTO PREVISTO NO NÚMERO DE MORTES RELACIONADAS AO CALOR SE O AUMENTO DA TEMPERATURA GLOBAL ATINGIR 2 GRAUS NA METADE DO SÉCULO

gland Journal of Medicine. Estudos publicados ali revelam, em tom de urgência, que as alterações ambientais, atreladas à emissão de gases do efeito estufa e à destruição do planeta, abrem caminho ao descontrole de uma lista de patologias agudas e crônicas *(veja o quadro acima).* A conclusão: uma Terra mais quente, poluída e refém de eventos climáticos extremos também será um cenário de hospitais lotados e pessoas perdendo qualidade e expectativa de vida.



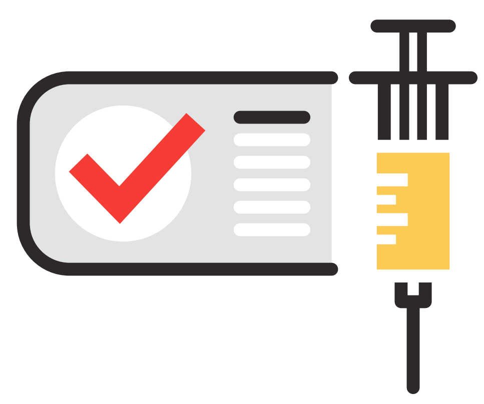
Não à toa, na mais recente Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP28), realizada em Dubai, no fim do ano passado, foi estabelecido o emblemático Dia da Saúde, iniciativa voltada para discussões internacionais e que chega com atraso, haja vista o recorde batido em 2023, o ano mais quente da história. Fora os picos de calor superando 40 graus de ambos os lados do Atlântico, registraram-se temperaturas globais, em média, 1,4 grau acima dos níveis pré-industriais. Na ocasião, a Organização Mundial da Saúde

(OMS) compartilhou o dado assustador de que uma em cada quatro mortes já podia ter relação com causas ambientais evitáveis, o que corresponde a mais de 250 000 óbitos anuais. São vidas consumidas devido a termômetros no pico, mas também ao comprometimento do solo e da água, à insegurança alimentar, a infecções e falta de abrigo. “Há muito tempo, os cientistas entendem que o ambiente e a sociedade interferem no controle ou aparecimento de doenças, mas agora estamos vivendo um fenômeno sem igual”, diz o epidemiologista Paulo Lotufo, professor da USP. “Com o aquecimento global, aumentam até os casos de infarto e parto prematuro.”

Não é o fim dos tempos, evidentemente não, e o zelo pode vir a conter os danos que batem à janela. Mas um olhar retrospectivo recente é crucial. O entrelaçamento entre saúde ambiental e humana ganhou uma nova dimensão, sentida no dia a dia da população, com a maior crise sanitária dos últimos 100 anos, a pandemia de covid-19. Ela concretizou a ideia, proposta há décadas, de que, com a invasão e degeneração de hábitats, o contato inadvertido entre animais e homens pode propagar microrganismos capazes de saltar entre espécies. Eis o embrião de uma pandemia, acelerada pela propagação do vírus nos voos intercontinentais. Sob a mesma lógica, a ascensão térmica favorece a multiplicação de mosquitos que dispersam moléstias como a dengue, doença que bateu recorde no Brasil em 2024, com mais de 5,4 milhões de casos e 3 200 mortes, e motivou até a criação de hospitais de campanha.

O QUE OS CIDADÃOS PODEM FAZER?

Cuidados individuais mitigam os danos causados por mudanças ambientais



MANTER A VACINAÇÃO EM DIA PARA EVITAR DOENÇAS COMO COVID-19, TÉTANO, HEPATITE A

+



REALIZAR CHECK-UPS MÉDICOS REGULARMENTE PARA MONITORAR A SAÚDE E DETECTAR PRECOCEMENTE PROBLEMAS

+

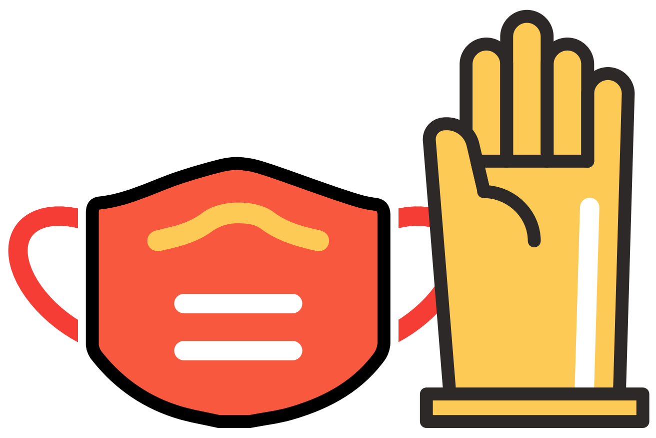


EVITAR CONTATO COM ÁGUA DE ENCHENTE PARA REDUZIR O RISCO DE CONTAMINAÇÃO POR PATÓGENOS



FICAR INFORMADO SOBRE ALERTAS METEOROLÓGICOS LOCAIS E SEGUIR AS ORIENTAÇÕES DAS AUTORIDADES

+



PRATICAR MEDIDAS DE SEGURANÇA, COMO USAR EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL, AO REALIZAR ATIVIDADES DE LIMPEZA E REMOÇÃO DE ESCOMBROS

+



REDUZIR O USO DE ENERGIA NÃO RENOVÁVEL, RECICLAR MATERIAIS E APOIAR INICIATIVAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

DOMENICO STINELLIS/AP/IMAGEPLUS



INFERNO Temperaturas altas: maior risco de partos prematuros, ansiedade e acidente vascular cerebral (AVC)

Os problemas de matriz climática ainda escancaram o risco de reaparecimento de males que, com o tempo, pareciam derrotados, dado o avanço da vacinação e o saneamento básico. Com 95% de seus municípios afetados por tempestades, o Rio Grande do Sul é de fato um caso emblemático: os alagamentos e deslizamentos, responsáveis até agora por mais de 160 mortes e pelo menos 580 000 desalojados, deixaram a população vulnerável ao contato com água contaminada. A leptospirose, reafirme-se, alcançou

ARUN SANKAR/AFP



COLAPSO O calorão fora do comum na Índia, na semana passada: hospitais lotados

mais de 140 pessoas, com sete mortes, até a semana passada, mas há outros constrangedores fossos. Entre os quase 50 000 cidadãos vivendo em abrigos, a corrida é para evitar doenças com diferentes níveis de gravidade. Sarna, febre tifoide, hepatite A, gripe, covid-19, diarreias, raiva e tétano são algumas delas. O estresse pós-traumático, a depressão e outras feridas mentais já demandam atendimento psicológico por teleconsulta, em decorrência das dificuldades de circulação em áreas destruídas pelas cheias

Muito além dos eventos de fúria climática, como no dilúvio gaúcho ou no deslizamento de terra na Papua-Nova Guiné, na Oceania, que matou mais de 2 000 pessoas na semana passada, a exposição ao aumento gradual ou drástico de temperatura, insista-se, é o que particularmente tira o sono dos pesquisadores — e, convém dizer, já existem trabalhos ligando o fenômeno a noites de insônia. O perigo começaria, na realidade, ainda no ventre materno. Foi o que demonstrou um estudo robusto recém-publicado por uma equipe da Universidade Harvard, nos EUA. A análise de 55 milhões de nascimentos identificou íntima relação entre o calor extremo e episódios de parto prematuro, baixo peso ao nascer, anomalias cardíacas e faciais, além de morte fetal. Nesse sentido, os efeitos deletérios das altas temperaturas atravessam a vida e prejudicam o envelhecimento, elevando as taxas de doenças mentais, suicídio e óbitos precoces particu-



STEVEN KANDAI/AFP

FORÇA DA NATUREZA
O deslizamento de terra em Papua-Nova Guiné, na Oceania: 2000 mortos

larmente entre os idosos — basta recordar que a intensa onda de calor que atingiu a Europa em 2022 deixou um rastro de 61 000 mortes e que a atual estiagem na Índia tem lotado hospitais. Ao que tudo indica, tanto o sistema circulatório como o nervoso se ressentem dos rompantes nos termômetros. Uma nova investigação do University College London conecta os descompassos climáticos à maior incidência de manifestações neurológicas, como acidente vascular cerebral (AVC), epilepsia e esclerose múltipla.

A apreensão é tamanha que os Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), dos EUA, lançaram em abril uma ferramenta que fornece uma previsão de calor de sete dias em todo o país, permitindo que as pessoas saibam quando as temperaturas podem atingir níveis que representem ameaça à saúde. Tecnologias do gênero seriam bem-vindas ao Brasil, que, de acordo com um recente relatório internacional, teve 66 dias de temperaturas extremas devido às mudanças climáticas nos últimos doze meses. Os efeitos colaterais das metamorfoses ambientais, claro, não se limitam ao desajuste térmico. Pesquisas divulgadas no *New England* atestam, por exemplo, que os combustíveis fósseis, aqueles que nutrem o efeito estufa, também podem interferir no equilíbrio hormonal, ampliando a suscetibilidade a infertilidade e câncer. Outro estudo que causou barulho na mesma publicação endossa o potencial do aquecimento global de criar ambientes altamente propícios à proliferação de vetores de doenças infecciosas. Antes confinadas a algumas

O PAPEL DOS GOVERNOS

Ações de grande porte evitam colapso na saúde pública e mortes

- ***Implementar políticas públicas de vigilância epidemiológica para conter surtos de doenças infecciosas***

- ***Participar de acordos internacionais sobre o clima e de compromissos de redução de emissões em nível nacional***

- ***Desenvolver planos de evacuação e abrigo adequados para proteger a população***

- ***Investir em sistemas de drenagem e programas de reflorestamento para reduzir o risco de deslizamentos***

- ***Promover programas de educação sobre higiene, segurança alimentar e prevenção de males contagiosos***

- ***Promover a produção e o consumo sustentáveis e investir em tecnologias verdes***

Fontes: *CDC, OMS, ONU, Opas, The Lancet, Universidade Harvard*


SANDRO ARAÚJO/AGÊNCIA SAÚDE DF

DESCASO COM O MOSQUITO Improviso: Brasil soma 5,4 milhões de casos de dengue em 2024

regiões do globo, agora dengue e malária já atravessam fronteiras e ameaçam a França e os EUA, respectivamente.

Em conjunto, as nações têm apresentado propostas para reverter um futuro que dá indícios de ser tenebroso. No entanto, por mais que existam iniciativas como o Acordo de Paris, firmado em 2015 com a meta de limitar o aumento da temperatura média global a 1,5 grau, há fortes indícios de que as ideias e medidas tomadas até aqui terão pouca efetividade. Especialistas calculam que, nesse ritmo, é provável que atinjamos a casa de 2 graus em 2050, o que acarretaria um aumento de 370% nas mortes relacionadas ao calor, de acordo com projeções do *The Lancet*.



COBRANÇA Engajamento dos jovens: onda que, felizmente, move o mundo para a frente

Impactado por catástrofes e epidemias, o Brasil pode dar o exemplo ao restringir as emissões de gases do efeito estufa zerando o desmatamento da Floresta Amazônica até 2030, conforme se comprometeu dentro de suas obrigações no Acordo. "O país tem de aproveitar essa oportunidade e implementar políticas que recuperem as áreas degradadas em todos os biomas", diz o físico Paulo Artaxo, do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU (IPCC). "Precisamos pensar na população, não em interesses de indústrias e negócios específicos." Outra inspiração vem da União Europeia, que, por meio de seu Acordo Verde, se propõe a acabar com as emissões até 2050 e tem a ambição de tornar o continente pioneiro como território

ALAIN PITTON/NURPHOTO/GETTY IMAGES


RIVALDO GOMES/FOLHAPRESS

PREVENIR É MELHOR... Proteção coletiva: vacinação em dia evita surtos diante de tragédias ambientais e sociais, que não param de crescer

climaticamente neutro. No Japão, o mesmo objetivo foi traçado em 2020 e o movimento se lança aos setores energético e industrial. O êxito desses planos depende, em parte, do engajamento da juventude, que felizmente ocorre com estardalhaço e move o mundo para a frente. "Não adianta falar em carro elétrico se a energia vem do carvão e não se preserva a biodiversidade", afirma o epidemiologista Vanderson Sampaio, do Instituto Todos pela Saúde (ITpS). A única saída para o impasse climático e sanitário é aderir, não só na teoria, ao conceito de One Health, que encara a saúde humana como indissociável da animal e da planetária. Ainda há tempo para nos salvarmos de um futuro apocalíptico — mas é preciso correr. ■

ELEIÇÕES: A SECA DE NOVAS IDEIAS

A catástrofe que atinge o Rio Grande do Sul vai inevitavelmente colocar o enfrentamento de tragédias naturais na pauta das eleições municipais. Até o momento, no entanto, o debate é uma seca de novas ideias. VEJA enviou questionário para saber o que pensam sobre o tema os principais competidores em cinco capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador). As respostas mostram uma grande quantidade de planos genéricos.

Um dos principais problemas é a ausência de ações urgentes. Muitas propostas dos pré-candidatos apontam, de maneira correta, mas a longo prazo, para iniciativas como investir em coleta de lixo (para evitar o entupimento de bueiros), expandir frotas de ônibus elétricos ou com uso de etanol, apostar em materiais reutilizáveis em obras públicas e fazer obras de macrodrenagem e saneamento básico.

Outra abordagem muito comum envolve ações de reflorestamento urbano, que permitem reduzir a velocidade das águas e facilitam a absorção das chuvas pelo solo. Em Porto Alegre, inundada pelo Lago Guaíba, a recuperação das matas no entorno de arroios, rios e córregos surge tanto na campanha do prefeito Sebastião Melo (MDB) quanto na da deputada Maria do Rosário (PT). O plano de construir parques urbanos e corredores verdes, tirando do papel o conceito de "cidades-esponjas", é citado também nos programas do deputado Rogério Correia (PT), que disputa a prefeitura de Belo Horizonte, e do prefeito de Salvador, Bruno Reis (União), que tenta a reeleição.

A maioria dos políticos reconhece que é preciso priorizar a aten-

ção aos moradores de áreas de risco. Nesses locais, a prevenção de deslizamentos e inundações envolve amplas obras de infraestrutura urbana, como modernização dos esgotos, abertura de canais de drenagem e construção de paredões de contenção do solo. Como alternativa de curto prazo, candidatos sugerem expandir programas de moradia popular para retirar a população das regiões mais vulneráveis — a proposta está, por exemplo, no programa de Ricardo Nunes (MDB), que disputa a reeleição em São Paulo, e de Kleber Rosa (PSOL), pré-candidato em Salvador.

Embora haja preocupação com a adaptação das cidades para o futuro, há um notável vácuo de propostas para uma necessidade mais urgente: como atuar rapidamente no caso de tragédia. Isso é relevante porque o caos visto no Sul pode se repetir: nada menos que duas em três cidades (3679) têm capacidade baixa ou muito baixa para reagir a desastres, segundo a plataforma Adapta Brasil, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Quase 1000 têm um risco alto ou muito alto para alagamentos.

A prevenção de mortes exige maiores equipes de emergência, equipamentos modernos, sistemas sofisticados de monitoramento e alerta e treinamento de agentes para evacuação numa crise. "É primordial que esses órgãos de defesa sejam fortalecidos e capazes de responder de forma precoce, eficaz e integrada", diz Adriana Leiras, coordenadora-geral do Laboratório HANDs, da PUC-Rio, especializado em gestão de desastres, e da equipe técnica que elabora o Plano Nacional de Defesa Civil (PNDC).

Bruno Caniato

TOLERÂNCIA NOTA ZERO

Uma pesquisa mostra que em nenhum outro local no Brasil o racismo se pronuncia de forma tão acentuada como nas escolas, causando feridas difíceis de apagar **DUDA MONTEIRO DE BARROS**



ISTOCK/GETTY IMAGES

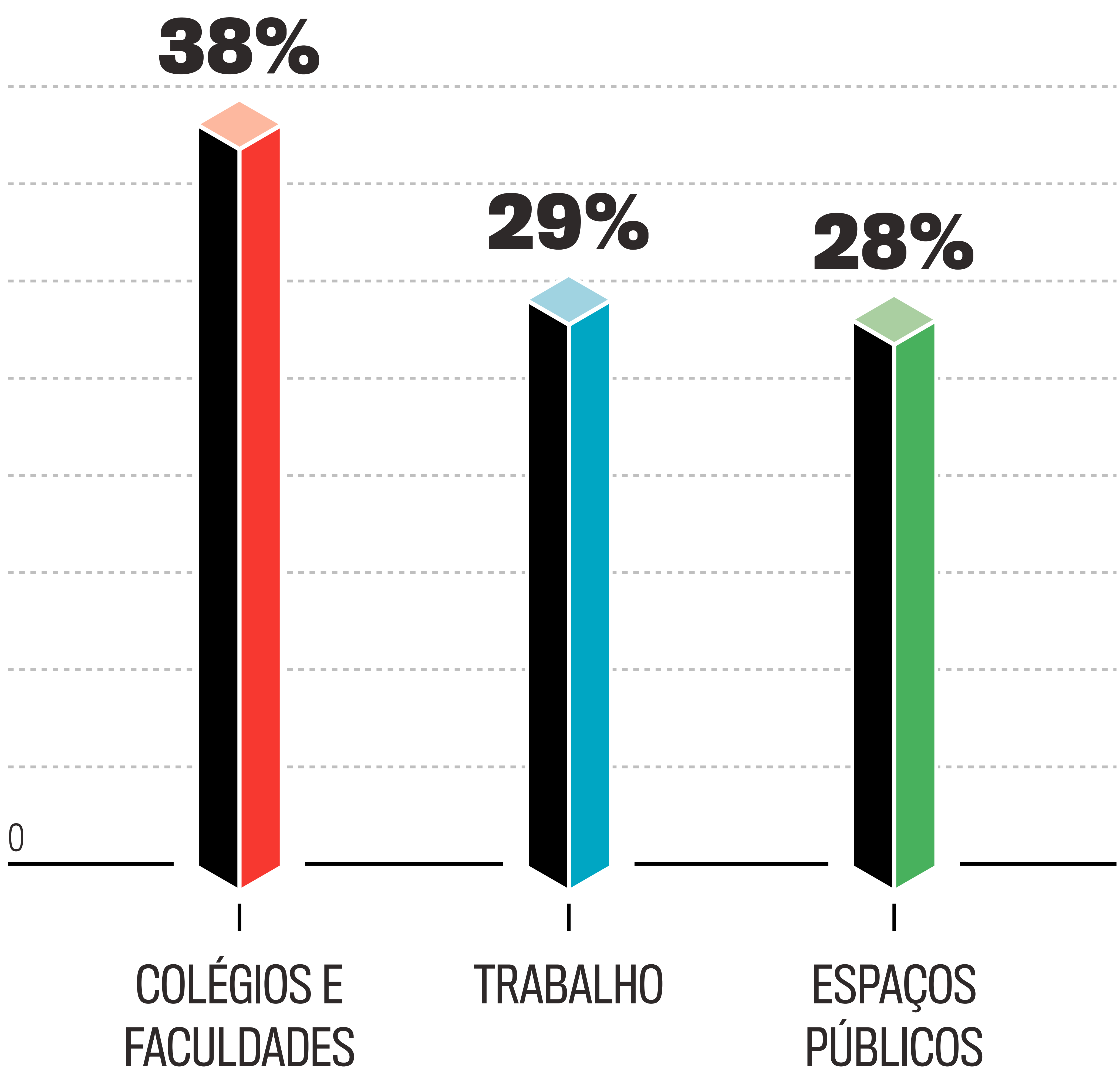
SOLIDÃO Retrato do isolamento: o preconceito pode levar à ansiedade e à depressão e comprometer o aprendizado

NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, o racismo vem saindo das sombras sob o embalo de uma ala da sociedade que se empenha em trazê-lo aos holofotes — um primeiro e decisivo passo para combater essa chaga ainda tão entranhada no tecido social. Avanços foram registrados, mas o preconceito segue, ora de forma velada, ora escancarada, presente no cotidiano brasileiro. Para averiguar onde a intolerância calcada na cor da pele se faz mais aguda, o Ipec produziu um recente levantamento, a pedido dos institutos Seta e Peregum, que resultou em um mapa no qual um dado salta aos olhos: é na sala de aula que ela mais se pronuncia, das carteiras escolares à universidade. Entre os entrevistados, 38% afirmam ter sido alvo de tal brutalidade justamente quando estavam às voltas com a lição ou no recreio, seguidos de 29% discriminados no ambiente de trabalho *(veja o quadro ao lado).* "O colégio é um microcosmo do que acontece fora dele e, como vemos, o preconceito se reproduz com toda força ali", avalia a historiadora Ana Paula Brandão, do Instituto Seta.

A violência contida no racismo sabidamente causa danos a quem se encontra na mira — e em nenhuma fase da vida eles são mais deletérios do que na infância e na adolescência. Em plena etapa de formação e desenvolvimento, os efeitos dos olhares atravessados e da exclusão podem se desdobrar por anos. "Para uma criança, o racismo, não raro, desemboca em transtornos como depressão e ansiedade", afirma a psicóloga Jeane Tavares, da Universidade Fe-

CONDUTA REPROVADA

Recente pesquisa mostra que a sala de aula é o lugar onde os brasileiros mais se dizem alvo de preconceito em razão da cor



Fonte: *Ipec*

deral do Recôncavo da Bahia (UFRB), especializada no tema. Entre os vários casos ouvidos por VEJA, o do pequeno Pedro, de 7 anos, continua a doer fundo, uma ferida que sua mãe, Aline Gabriel, 37, tenta fazer cicatrizar. Aluno da Fundação Instituto Tecnológico, escola particular na Grande São Paulo, ele começou a queixar-se de rejeição por parte dos colegas. "Pedro dizia que era excluído, que

não deixavam ele brincar e sempre ficava em último na fila. Um dia, chegou em casa falando que o chamaram de ladrão", relata a mãe, que levou o garoto à psicóloga. "Os brancos não gostam de mim", queixava-se ele, que continuou a sofrer, até que a terapeuta recomendou a troca de colégio. "Depois que saiu de lá, meu filho avançou muito no aprendizado", conta Aline, aliviada. Procurada por VEJA, a escola, processada pela mãe, não se pronunciou.

A maioria dos colégios admite se tratar de assunto espinhoso, difícil de lidar, e age mais por reação, quando o caldo do racismo entorna, do que mantendo o debate aceso. Mas já há bons exemplos de instituições para as quais a ficha caiu, experiências que devem ser observadas por ajudar a dissolver o muro do preconceito. No Colégio São Vicente de Paulo, no Rio, foi inaugurada uma biblioteca dedicada à memória de importantes figuras negras, a Afroteca, que impulsiona uma constante conversa sobre a exclusão. "É um lugar de reflexão sobre a luta antirracista", explica o coordenador acadêmico André Chaves. Em São Paulo, o Colégio Equipe criou um programa que, além de conceder bolsas a estudantes negros, formou comissões para discutir os gargalos raciais no país. Quanto mais se cutuca o vespeiro, mais histórias de preconceito vêm à tona. "Como todos estão mais atentos, conseguimos hoje reconhecer atitudes racistas que antes passavam despercebidas", admite a educadora Luciana Fevorini, diretora da unidade.



ARQUIVO PESSOAL

"CHAMARAM MEU FILHO DE LADRÃO"

A empresária **Aline Gabriel,** 37 anos, vem acompanhando de perto o doloroso percurso do filho Pedro, de 7 anos. "Ele era constantemente excluído das brincadeiras, ficava sempre em último na fila e chegava em casa dizendo que os amigos brancos não gostavam dele", relata a mãe, que o encaminhou a uma psicóloga. Após algum tempo, a profissional recomendou que tirassem o garoto da escola, a qual Aline agora processa



DIVULGAÇÃO

NA RODA Colégio São Vicente, no Rio: biblioteca dedicada a figuras negras provoca um boa reflexão

Num sinal de que os ventos vão mudando gradativamente de direção, casos de racismo têm conquistado espaço nas redes, que tratam de escancarar os absurdos e são vastamente repudiados. Recentemente, a atriz Samara Felippo, 45 anos, ampliou o alcance do debate ao vir a público contar que Alicia, de 14 anos, sua filha com o ex-jogador de basquete Leandrinho, tivera o caderno rabiscado com ofensas de cunho racial por colegas de turma no Colégio Vera Cruz, em São Paulo. "A situação começa com pequenas violências que ninguém enxerga como um problema. Aí surgem as piadinhas e a exclusão, até chegar a xingamentos, como aconteceu com Alicia", falou Samara a VEJA. As duas envolvidas foram suspensas pela instituição, uma delas retirada da escola pelos próprios pais. Em comunicado, o Vera Cruz informa que "reconheceu

ARQUIVO PESSOAL



“FALTOU PREPARO”

A atriz **Samara Felippo,** 45 anos, indignou-se ao saber que Alicia, de 14 *(à esq. na foto, com a irmã, Lara),* sua filha com o ex-jogador de basquete Leandrinho, tinha sido alvo de intolerância no colégio onde estuda, em São Paulo. Ela conta que duas colegas escreveram em seu caderno ofensas sobre sua cor de pele. Ambas foram suspensas e uma delas acabou saindo de lá por decisão dos pais. “As escolas ainda relativizam o racismo. Não adianta só fazer palestras de vez em quando”, diz Samara

desde o primeiro momento a gravidade deste ato violento de racismo, nomeando-o como tal, e imediatamente foram realizadas ações de acolhimento à aluna agredida e sua família".

O tópico está tão na ordem do dia que recentemente acendeu um sinal amarelo no Ministério da Educação (MEC). A pasta acaba de reservar uma bolada de 1,5 bilhão de reais até 2027 para um pacote de medidas que têm por objetivo duelar contra o preconceito, o que abrange treinamento de professores e a implantação de uma cartilha de prevenção em resposta a essa praga. Há a percepção de que o racismo se encontra enfronhado nos vários escaninhos do ambiente escolar, incluindo o currículo. "Geralmente, só se estuda a história afro-brasileira associada ao processo de escravização, sem abrir o leque para um mergulho mais denso", pontua a pedagoga Elvira Pimentel, da Universidade Estadual de Feira de Santana, especialista em relações raciais nos colégios. É verdade que iniciativas para reverter tal lacuna têm sido tomadas — duas décadas atrás, uma lei tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras, por exemplo. A matéria, porém, não entrou para valer no radar da criançada.

Pois é bom que ingresse na cartilha o quanto antes. A intolerância, como se sabe, não provoca feridas apenas no campo das emoções — ela também pode afetar em elevado grau o desempenho cognitivo. Um estudo da Unicef, que investigou 22 países, traz um número a atentar: a tur-



ARQUIVO PESSOAL

"OS DOIS SOFRERAM"

Em um intervalo de apenas duas semanas, os irmãos **Gabriel,** 15 anos, e **Gabriela,** 13, foram vítimas de racismo em escolas diferentes de Niterói, na região metropolitana do Rio. A mãe, Regina Motta, 41, diz que tenta preparar os filhos para esse tipo de situação, mas reconhece ser impossível blindá-los dos estragos causados por tal modalidade de violência. "A discriminação corrói o amor-próprio das crianças", desabafa

ma dos 7 aos 14 anos que relata ter sido alvo de preconceito apresenta 50% menos chances de desenvolver habilidades básicas de leitura na comparação com colegas que respiram um ambiente saudável.

Quem sente na pele sabe quão sofridos são a rejeição e o isolamento que decorre dela. Aconteceu com os filhos adolescentes da administradora Renata Motta, 41 anos, vítimas de racismo no intervalo de poucas semanas em diferentes colégios de Niterói, na região metropolitana do Rio. Em um grupo no WhatsApp, colegas de turma chamaram o primogênito, Gabriel, de 15 anos, de "macaco". A direção do Colégio Pluz suspendeu os envolvidos, dizendo ser contra a expulsão, mas a favor da conversa para evitar novos episódios. No caso de sua irmã, Gabriela, de 13, o jovem que deu voz ao racismo acabou expulso. "Não há um debate mais profundo nos colégios", avalia a mãe, fazendo eco com estudiosos da área. "A sociedade e as escolas ainda não sabem identificar nem lidar com a discriminação", observa Jackson Almeida, da ONG Todos Pela Educação. É recomendável que se apressem e comecem a tirar nota azul na matéria. ■

ENCOLHERAM A FAMÍLIA

Cresce o número de casais que não têm filhos para se dedicar à carreira e levar uma vida despreocupada, fenômeno que pode mudar a sociedade

ANDRÉ SOLLITTO E **MARÍLIA MONITCHELE**



RENDA DUPLA Nova dinâmica: sem crianças, sobra dinheiro para o hedonismo

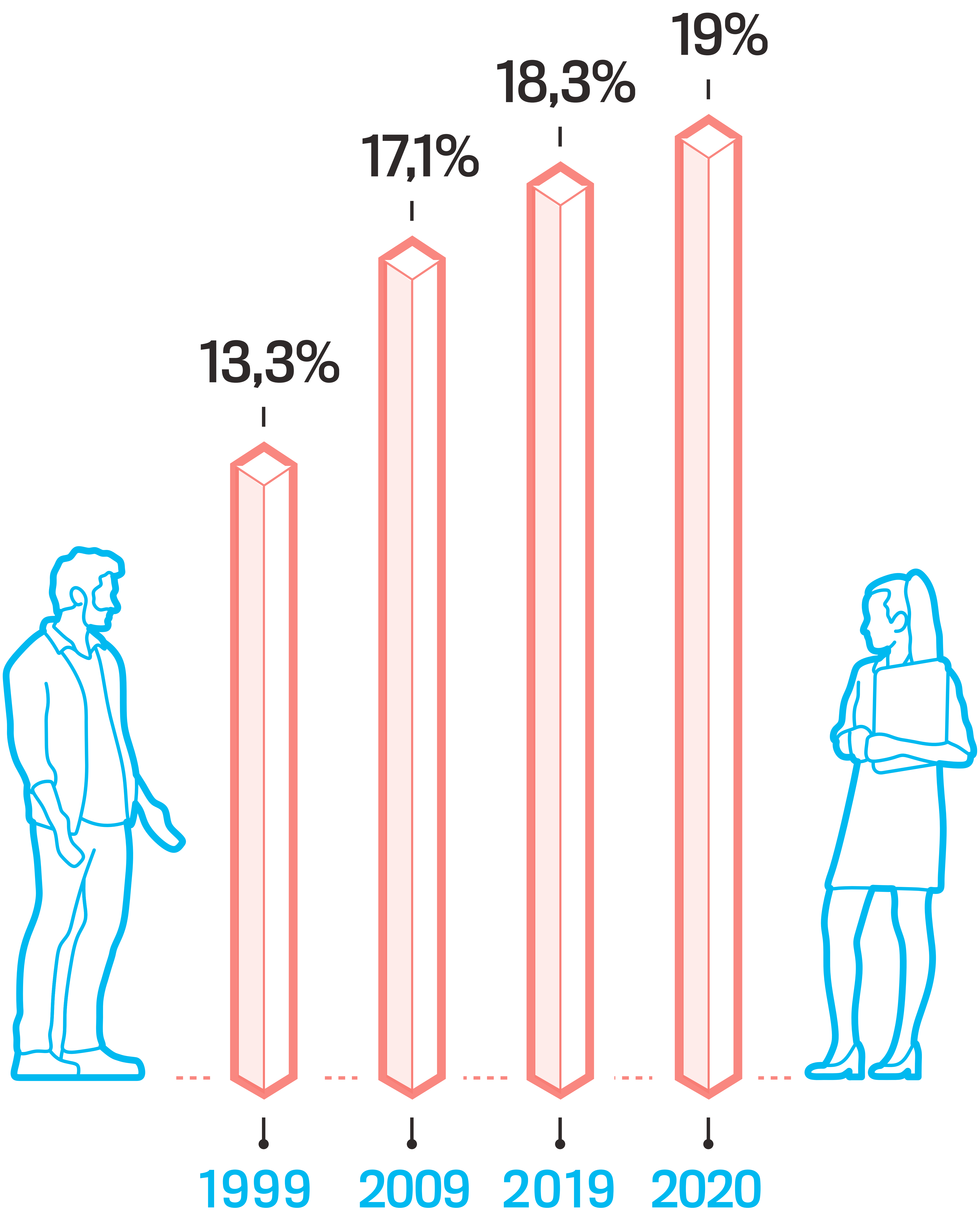
MONTAGEM COM FOTO ISTOCK/GETTY IMAGES

NO FESTIVAL de besteiras que assolam as redes sociais há de tudo. Além das *fake news,* por óbvio, que representam o execrável alimento para a polarização política, grassam nesse ambiente bobagens de toda sorte — de memes grosseiros a piadas sem graça. Aqui e ali, porém, brotam postagens que ajudam a entender mudanças relevantes de comportamento da sociedade. A novidade, agora: a onda de casais sem filhos e sem vergonha de ostentar uma vida despreocupada, isenta de responsabilidade com a parentalidade. Eles postam cenas de viagens, restaurantes e passeios. Lá fora, o fenômeno já foi batizado de *dink,* sigla em inglês para *double income, no kids,* ou "renda dupla, sem filhos". É tendência global. O acrônimo nasceu, a rigor, em 1987 — mas ganha tração inédita, ancorada pela estatística de um mundo que encolhe.

Nos Estados Unidos, a taxa de nascimentos vem caindo cerca de 2% a cada ano desde 1973. De acordo com o censo de 2022, 43% das famílias americanas ainda não tinham filhos no momento da pesquisa. No Brasil, o ritmo demográfico é semelhante. Há 25 anos, o número de casais que decidiam não ter rebentos era de 13%. Hoje, a taxa subiu para 19% *(veja o quadro).* Para alguns, a decisão de não ter bebês é baseada em razões como a carência de recursos financeiros ou a falta de suporte familiar. Para uma parcela crescente, contudo, há um quê de hedonismo, alimentado pela capacidade de poupança. Estudo da consultoria MarketWatch aponta que 48% dos *dinks* destinam o dinheiro que gastariam com filhos a viagens. Pouco mais de um ter-

ADEUS, PROLE

Crescem no Brasil os arranjos familiares sem filhos



Fonte: *IBGE*



ARQUIVO PESSOAL

SEM DESEJO DE SER MÃE

Há quatro anos em um relacionamento firme com **Vinícius Freire,** a química industrial **Dayane Alves,** 29, sempre disse que não pretende ter uma criança. "Quero tomar minhas decisões sem pensar que outro ser humano depende de mim", afirma.

ço diz temer custo de vida alto em demasia para manter uma criança e quase 70% têm certeza de que não vão se arrepender da decisão no futuro.

Essa nova formação familiar impacta, de modo natural, os hábitos de consumo. "A ideia de liberdade passa a estar relacionada à experiência, à mobilidade", diz o sociólogo Gabriel Rossi, professor e pesquisador de consumo e comunicação da ESPM, de São Paulo. "Ser bem-sucedido significa viajar e conhecer diversas localidades." Não à toa, pousadas, hotéis e condomínios são pensados para essa nova con-



ARQUIVO PESSOAL

MANTENDO O ESTILO DE VIDA

A advogada **Carolina Pimentel,** 32, e **Darlan Flavio** estão juntos há treze anos. "Gostamos de nossa vida da maneira como está; um filho mudaria toda a dinâmica que queremos", diz ela.

figuração minimalista. A maré tende a crescer. "Cada vez mais veremos algoritmos dos serviços de compras entregando ofertas que contemplam tal desenho familiar, novelas mostrando o estilo de vida, celebridades promovendo esse padrão social", completa Rossi.

O ciclo de mudanças na tradicional configuração familiar começou com o avanço da emancipação feminina. Tratava-se, a partir daquele momento, em virada esperada e saudável, de não mais precisar ficar em casa, cuidando das atividades domésticas e da prole. Dos casais com cada vez

menos rebentos chegou-se ao fenômeno atual dos "sem-filho". Há, inclusive, trabalhos de investigação científica que comparam os patamares de prazer e sofrimento, alegrias e tristezas, entre solteiros, casados, divorciados, separados e viúvos. O grupo populacional aparentemente mais saudável é o de mulheres que não são mães, segundo relatório publicado pelo professor de ciências comportamentais Paul Dolan, da London School of Economics, em livro ainda inédito no Brasil, *Happy Ever After*.

Não se trata de mera e tola negação da maternidade, mas de constatação feita a partir de condições reais, de um cotidiano ameno — ainda que sem a emoção de fazer andar a árvore genealógica. Quem vê de longe a postura dos "sem-filho" arrisca, vez ou outra, a revelar algum incômodo. Como assim, não ter ninguém para cuidar dos pais da velhice? O papa Francisco chegou a se manifestar sobre o tema, chamando a conduta de egoísta. Convém lembrar que o pontífice, ao tocar no vespeiro, pode estar apenas dando voz à necessidade de aumento da taxa de natalidade em países da Europa, sem o qual os sistemas de previdência podem vir a quebrar, com os poucos jovens a manter o imenso contingente de idosos.

Tudo somado, em outro capítulo cruel da civilização, quase sempre a "culpa" recai sobre as mulheres, porque somente elas podem dar à luz. É injusto. Trata-se de escolha a dois. Tão legítima que muitos casais da família dos "sem-filho" passaram a ostentar e celebrar a vida como ela é, sem rebentos ao seu lado em viagens, restaurantes e passeios. ■

PRIMEIRA PESSOA

DANIEL MARENCO



ENCONTRAR A CURA É A MISSÃO DA MINHA VIDA

Pai de um filho com câncer cerebral, Fernando Goldsztein criou projeto que financia pesquisas para superar a doença

A MAIOR MUDANÇA na minha vida veio no dia 7 de novembro de 2015, quando eu e minha mulher recebemos a notícia devastadora de que meu filho mais velho, Frederico, na época com 9 anos, tinha um tumor no cérebro. Chamado meduloblastoma, é o tipo mais frequente de câncer cerebral na infância, acometendo cerca de 25 000 crianças por ano no mundo. Não é algo que tenha a ver com histórico familiar, é uma obra do acaso. O diagnóstico é feito por meio de uma ressonância magnética depois que o paciente começa a ter sintomas como dor de cabeça, vômitos e visão dupla. O tratamento envolve cirurgia, radioterapia e quimioterapia. E a doença ainda não tem cura. Digo 'ainda' porque é algo que vou encontrar.

Deveria ser proibido uma criança ter câncer. Se já é triste entre adultos, imagina em alguém que tem toda uma vida pe-

la frente. Ainda em 2015, o Frederico fez uma cirurgia e, no ano seguinte, nos mudamos para Boston, nos Estados Unidos, onde ele se submeteu a um tratamento acompanhado por um dos maiores especialistas em tumores cerebrais pediátricos, o médico Roger Packer, do Children's National Hospital. Ocorre que um terço dos pacientes tem recidiva. Foi o que aconteceu com meu filho. O tumor voltou em 2019 e ele participou de dois estudos clínicos com terapias experimentais nos EUA. Em 2021, conversando com o doutor Packer, entendi que realmente não existia mais nada que a medicina pudesse oferecer para tratar meu filho e outras crianças com a doença. Eles foram deixados para trás, submetidos até hoje a um protocolo terapêutico antigo, criado na década de 1980, que é ineficiente, tóxico e deixa sérias sequelas.

A única forma de tentar mudar essa realidade é investir na ciência. Fiz, então, uma doação de 3 milhões de dólares à instituição de Packer para acelerar a pesquisa e o desenvolvimento de soluções contra esse tumor. Impressionado com o que ele me apresentou, criei o The Medulloblastoma Initiative (MBI), ação filantrópica que busca recursos privados para a pesquisa em meduloblastoma e financia um consórcio com treze laboratórios, reunindo os melhores cientistas do mundo — gente que atua nos EUA, no Canadá e na Alemanha — para trabalhar de forma conjunta e sinérgica sob a coordenação de Packer.

Veja, eu tinha de fazer alguma coisa. Sempre vivi no Rio Grande do Sul, sou empresário do ramo da construção civil e, além do Frederico, tenho outro filho, o Henrique. Daí que

encontrar a cura dessa doença se tornou a missão da minha vida. E estamos avançando a passos largos. Em três anos, conseguimos aprovar dois ensaios clínicos para tratamentos inovadores baseados em imunoterapia na FDA *(Food and Drug Administration, a agência regulatória americana),* algo inédito, extraordinário e fruto de um intenso trabalho colaborativo. Hoje, os investimentos já somam 10 milhões de dólares e continuo acompanhando tudo de perto. Vamos começar a testar os primeiros pacientes nos EUA e, se der certo, traremos a pesquisa para o Brasil, em primeira mão.

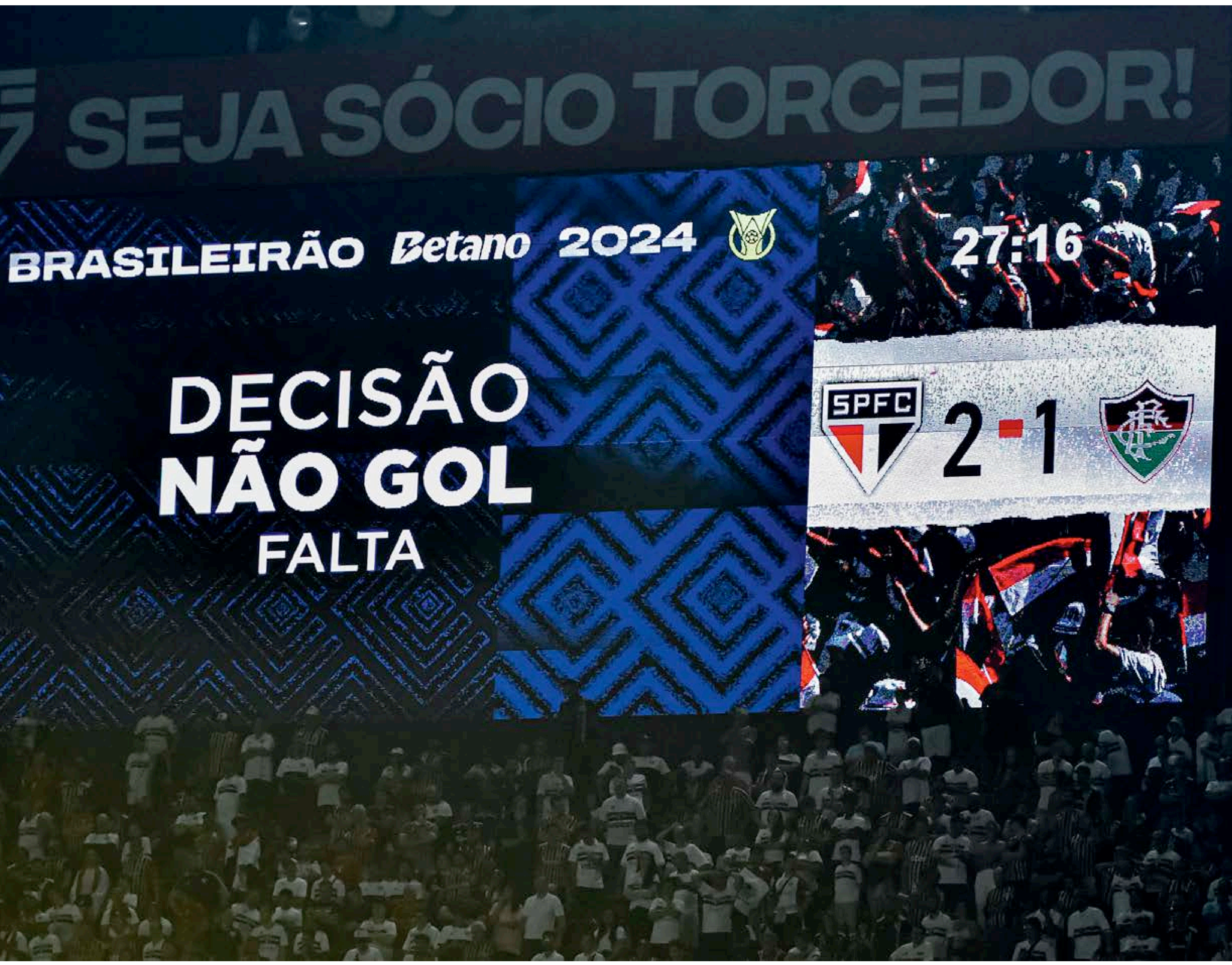
Quanto ao meu filho, em 2022, o câncer voltou novamente, mas ele fez uma cirurgia para a retirada do tumor, e está bem. Aos 17 anos, segue em tratamento. Felizmente, leva uma vida normal, algo diferente de tantos outros jovens que, em decorrência de tratamentos obsoletos, sem chances de buscar outros caminhos, podem apresentar efeitos colaterais graves, como problemas cognitivos ou mesmo um tumor secundário. Por essa razão e pelo meu filho, não vou descansar até achar a cura. Não digo 'se', digo 'quando' vou achar, porque essa é uma questão de tempo. É fato: nós vamos encontrar, tenho convicção. ■

Depoimento a Simone Blanes

O VAR DO VAR

Os clubes da Premier League debatem a exclusão do recurso eletrônico, o primeiro grande desafio de uma novidade que reinventou o futebol — e precisa melhorar

ALESSANDRO GIANNINI



AO VIVO Telão mostra decisão no calor da partida: torcidas se frustram

ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA

UM ROMANTISMO torto, desses que glorificam a contrafação, o "roubado é mais gostoso", inventou de apartar o futebol das novidades tecnológicas que dão certo em outros esportes. Desde a introdução do VAR, a sigla em inglês para *video assistant referee,* em 2010, na Holanda, passando por sua estreia na Copa do Mundo de 2018, e ainda hoje, é claro, a ferramenta virou motivo de cizânia — e o que é evidente instrumento de honestidade, da difícil busca pelo erro zero, virou um problema. Não deveria ser assim. Em 6 de junho, o VAR passará por seu primeiro julgamento severo. A Premier League da Inglaterra votará, em sua assembleia geral, pela manutenção ou não do recurso. Serão precisos ao menos 14 dos 20 votos dos clubes para levar a invenção ao cadafalso. A ideia brotou do Wolverhampton, clube do escalão intermediário que se pronunciou pela abolição imediata do juízo eletrônico.

Não se trata, nas explanações dos cartolas do Wolverhampton, de condenação definitiva, mas, sim, de um freio de arrumação. "Não há culpa a ser atribuída — estamos todos apenas procurando o melhor resultado possível para o futebol — e todas as partes interessadas têm trabalhado arduamente para tentar fazer com que a introdução de tecnologia adicional seja um sucesso", declararam os *wolves* por meio de um comunicado público. "No entanto, depois de cinco temporadas de VAR na Premier League, é hora de um debate construtivo e crítico sobre seu futuro." Há boa dose de razão no raciocínio. A


WILLIAM WEST/AFP

DESAFIOS No tênis: o sistema digital funciona muito bem e soa irreversível

interpretação digital de lances duvidosos ganhou protagonismo exagerado. Além disso, os efeitos colaterais são evidentes e ruins: demora nas decisões, quebra do ritmo de jogo e frustração das torcidas de ambos os lados — as supostamente prejudicadas e as favorecidas, e a briga não para de jeito nenhum.

Atenta, de olho no ruidoso momento, a Fifa trabalha para estender os ganhos do VAR para outras competições, sem mudar o que já está estabelecido nos torneios oficiais. É um modo de mostrar que o futuro pode ser promissor, e seria exagero pôr tudo a perder. No congresso da entidade, realizado em meados de maio, na Tailândia, Pierluigi Collina, chefe do comitê de arbitragem, apresentou os re-



ALLSPORT/GETTY IMAGES

“MÃO DE DEUS” O gol de Maradona: “Se a tecnologia existisse, eu seria preso”

sultados de um teste realizado em torneios sub-20 na Suíça. O sistema, mais econômico, é semelhante ao que se usa no tênis, o “olho de águia”. Por esse método, cada time poderia solicitar até dois desafios durante uma partida se houver dúvida em relação à decisão do árbitro. “Em algumas ligas não há recursos para o uso desse tipo de tecnologia, e em outras não há mão de obra suficiente”, disse Collina no congresso. “Por isso testamos essas alternativas, e o resultado tem sido satisfatório.” Ou seja: seria uma versão reduzida do VAR.

Ao sair da infância, hoje, a tecnologia pode ser submetida a análises mais detalhadas, com a pergunta que não quer calar: vale a pena? Reafirme-se o óbvio: é sempre me-

lhor algum tipo de ajuda que dê as mãos ao árbitro dentro de campo. Em 2019, no Brasileirão da Série A, houve 182 alterações de decisões do apito depois de chamado o VAR. Em 2023, caiu um pouco, para 144 reversões. É claro indício da utilidade da avaliação por vídeo, naquela salinha apertada. Mas a grita permanecerá até que se aperfeiçoe o sistema. “Dá *(para melhorar o VAR)* se ele tiver menos participação, se for mais rápido, se valorizarem a atitude do árbitro e ele apitar com personalidade”, disse o ex-juiz Arnaldo Cezar Coelho em entrevista ao podcast de Galvão Bueno. Cezar Coelho, aliás, que apitou a final da Copa do Mundo de 1982, na Espanha, se apresenta ironicamente, na rede X, de Elon Musk, como “ex-comentarista de arbitragem antes do VAR”.

O mundo antes do VAR, reafirme-se, era pior para o futebol. Mantê-lo, por equilíbrio, em nome da verdade, é fundamental. Até mesmo Diego Armando Maradona já foi a favor. Em 2018, ao comentar o infame gol com a “mão de Deus”, ele foi direto ao ponto. “Se a tecnologia existisse na Copa de 1986, eu seria preso”, disse numa postagem em vídeo. Os necessários saltos eletrônicos, sinônimo de conhecimento e ciência, ao contrário do que muitos pensam, abrem terreno para a justiça dos homens ante a pretensa mão divina. O VAR deve ser mantido vivo — mas precisa melhorar, e muito. ■

PARA SACUDIR A POEIRA

De modo a manter-se atraentes na era dos smartphones, os grandes museus oferecem experiências que extrapolam — e muito — a mera contemplação **AMANDA PÉCHY** E **SARA SALBERT**



HANNA PALLOT/MUSÉE DU LOUVRE

ARTE NA VEIA Aula de dança no Louvre: muita atividade física em meio a tesouros da humanidade

MAIOR MUSEU do mundo, o Louvre, em Paris, promove um percurso completo pela história da humanidade, circuito que exige do visitante fôlego para atravessar compridos corredores e subir generosos lances de escada. Um exercício muito bem recompensado, aliás, com um mergulho em civilizações da Antiguidade e paredes onde repousam obras de Da Vinci e Rembrandt, entre outros. Pois agora o antigo castelo dos reis da França, aberto ao público na era de Napoleão Bonaparte, em 1793, anda às voltas com um novo capítulo — que exige ainda mais fôlego. O Louvre aproveitou a proximidade da Olimpíada, entre 26 de julho e 11 de agosto, para oferecer aulas de ioga entre esculturas da corte de Luís XIV, sessões de dança jamaicana em uma sala de peças assírias e séries cardiorrespiratórias ao lado de muralhas da antiga fortaleza. Isso tudo de manhã cedo, antes do avanço das habituais multidões. A ideia é fornecer uma experiência que atice a curiosidade para novas idas — iniciativa que ecoa com a busca de grandes instituições de todo o mundo, preocupadas em fazer das visitas uma atividade que extrapole a contemplação.

Não é de hoje que se impõe o desafio da reinvenção para esses templos da cultura, dado que é cada vez mais difícil atrair jovens pendurados em smartphones. O número de visitantes já estava gradativamente caindo quando veio a pandemia, e as catracas paralisaram. A vida retornou à normalidade, mas os museus nunca mais alcançaram os patamares de antes: a frequência nos 100 maiores minguou



AIRBNB/DIVULGAÇÃO

QUER MAIS? Suíte no Orsay *(projeto):* camarote vip para a abertura dos Jogos

mais de 20% entre 2019 e 2023 — de 230 milhões para 176 milhões de pessoas por ano. Campeão em visitas, mesmo o Louvre registra 8% menos pagantes do que no período pré-pandêmico. Não é apenas a dificuldade de despertar a atenção das novas gerações que pesa, mas também a inflação, que tem corroído o poder de compra, sobretudo na Europa. "Ir ao museu deixou de constar na lista de prioridades", lamenta o museólogo italiano Roberto Concas.

É sob essa moldura que as instituições correm para se manter no radar da modernidade. Em Berlim, cidade com rico leque de opções culturais, foi inaugurada a Longa Noite dos Museus, dia em que uma centena deles funciona madrugada adentro, abrigando eventos que incluem shows, oficinas de dança e rodas de leitura. Em Nova York, o MoMA PS1 recebe regularmente baladas de música eletrônica que têm como cenário exemplares da arte contemporânea. Enveredando pela seara da imersão, tão em voga, o Museu



THE TRUSTEES OF THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDON

NOITE ADENTRO Museu de História Natural de Londres: dormir é permitido

de História Natural de Londres dá a possibilidade a crianças e adultos de passearem à noite pelas galerias tomadas de dinossauros e dormir por lá mesmo. Também o recauchutado formato de certas exposições ajuda o visitante a entrar no tema — e dá-lhe óculos 3D e experiências sensoriais para proporcionar novos ângulos. “Tudo isso funciona bem com os jovens e amplia a visão de públicos de diferentes idades”, observa Roberto Concas.

Especialmente efervescente agora, a cena parisiense fornece uma daquelas chances para os bons museus sacudirem o pó sob holofotes de alta repercussão. O Museu d’Orsay, dono da maior de todas as coleções impressionistas, já programou um baile de gala para os 300 felizardos que conseguirem comprar ingresso (a 26 euros) para usufruir de um salão de festas ornado com ouro e lustres de cristal, o mesmo onde Charles de Gaulle anunciou sua volta à política, em 1958. Debruçada sobre o Rio Sena, palco da cerimônia de

abertura dos Jogos, onde 10 000 atletas desfilarão a bordo de barcos, a antiga estação de trem resolveu criar uma espécie de camarote vip, transformando por uma noite a famosa sala do relógio em uma suíte imaginada pelo designer francês Mathieu Lehanneur. Apenas duas pessoas, pinçadas por sorteio, assistirão ao espetáculo, acompanhadas de Monets e Van Goghs. "Inventei um espaço romântico e contemporâneo, íntimo e suntuoso", explicou o badalado designer.

O empenho dos museus para se manter atraentes é mais do que louvável. Advento do século XIX, eles são um marco civilizatório, uma vez que massificaram o acesso a acervos antes confinados em mansões e coleções privadas — os "gabinetes de curiosidades", como eram chamados. Foi um salto e tanto, propiciando a qualquer um estar face a face com valiosos tesouros da história e das artes, o que abriu uma decisiva janela para a aquisição de conhecimento. Dentro do próprio Louvre, mestres como Édouard Manet e Edgar Degas tomaram inspiração em gênios do passado para dar asas ao impressionismo. "As pessoas passaram a frequentar exposições em busca de entender mais o mundo e a si mesmas", afirma o doutor em história da arte Felipe Martinez, da Universidade de Amsterdã. Tudo isso indica que as nobres casas de arte estão no caminho certo. "É boa a briga para não virarem, elas próprias, peças de museu", resume o húngaro András Szántó, autor de *O Futuro do Museu: 28 Diálogos*. O saber e a beleza contidos nesses edifícios certamente justificam o esforço. ■

VEJO FLORES EM VOCÊ

Não é ainda (e nunca será) o fim do branco nos altares. Mas há uma tendência muito forte no pós-pandemia: o aspecto primaveril dos vestidos de noiva

SIMONE BLANES



PASSARELA Modelo da grife Tamara Ralph: alta-costura

KRISTY SPAROW/GETTY IMAGES

O IMACULADO branco há mais de dois séculos tinge os vestidos de noiva. Sim, há a conotação da pureza, da limpeza, da virgindade, da nova vida a ser costurada. Convém ressaltar, contudo, que a origem da tradição tem viés um tantinho mais pagão. As mulheres (e os homens, por que não?) aderiram no altar ao pano descorado desde que Napoleão Bonaparte e Josefina trocaram alianças, em 1804, de trajes alvíssimos, à exceção do bordado dourado, nele e nela. Há quem puxe o fio da meada um pouco mais para trás, ao século XVI, no matrimônio de Mary Stuart. Ou um pouco mais para a frente, no enlace entre a rainha Vitória e Albert de Saxe-Coburgo-Gota, na Londres de 1840. E assim foi, com o passar dos tempos. Até mesmo a Alaíde da tragédia *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, trocou juras de amor, enquanto durasse, sem cor.

A novidade agora, como tendência, resposta tardia ao enclausuramento da pandemia de covid-19, que adiou muitas uniões, subtraiu festas e deixou o mundo sem graça: as estampas floridas, em permanente primavera. Elas estão nas igrejas, nos cartórios e nas passarelas que antecipam o que virá. Aparecem em saias, mangas, decotes e ombros, em forma de rendas e bordados. Podem até ser metálicas. Na Semana de Alta-Costura de Paris, deram as caras como nunca.

Despontaram, naturalmente, na reputada Barcelona Bridal Fashion Week, por meio de etiquetas como Agnieszka Swiatly, Jesús Peiró e Isabel Sanchis. O fenô-

RICHARD BORD/GETTY IMAGES



PRINCESA Elie Saab: delicadeza

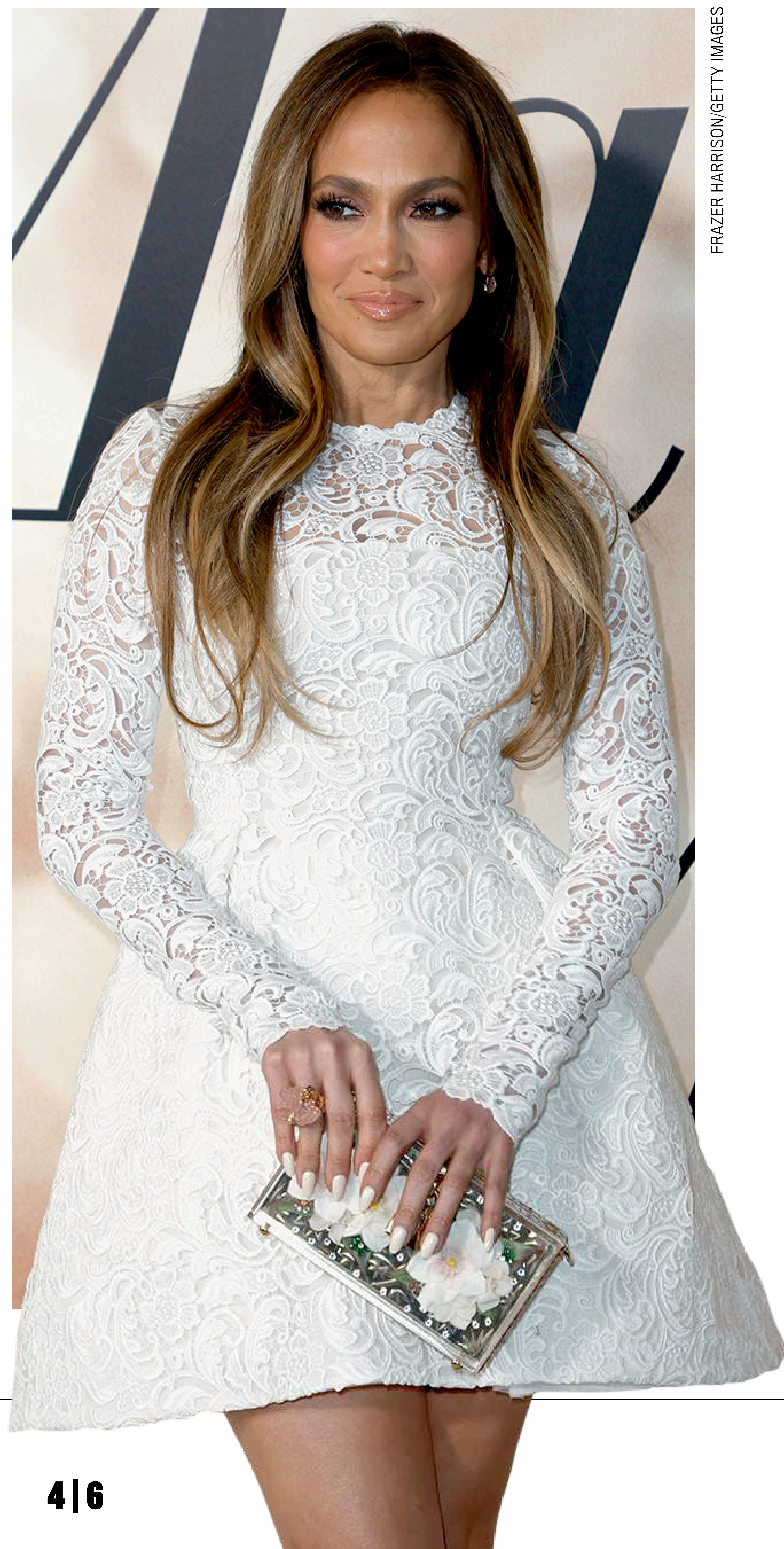
ESTROP/GETTY IMAGES



OUSADIA Giambattista Valli: provocação

meno é interessante demais para ser desdenhado. "As noivas hoje gostam de acompanhar as passarelas", diz Lethicia Bronstein, estilista celebrada por ter feito, em 2018, o modelo de flores branquinhas, que pareciam borboletas, para a atriz Camila Queiroz, da série *Verdades Secretas,* invenção tida como gatilho no Brasil — e, então, adeus aos pudores exagerados e preconceituosos.

Não há estatística confiável para medir o naco de mercado dos vestidos que saem do comum. Sabe-se apenas que as noivas movimentam hoje algo em torno de 12,2 bilhões de dólares em todo o mundo — valor que deve chegar a 19,7 bilhões de dólares em 2033. No Brasil, serão 28,2 bilhões de reais em 2024. Como, então, medir o sucesso do nicho dentro do nicho? Basta olhar para as fo-



FRAZER HARRISON/GETTY IMAGES

QUE TAL ASSIM?
Jennifer Lopez: influenciadora número 1

tos ao lado, preferencialmente nas onipresentes contas em redes sociais, sobretudo no Instagram e no Pinterest. Não por acaso, como faísca, bebe-se da influência de estrelas que saíram por aí como vasos a serem regados e começam a ter o vestuário "copiado" pelas nubentes. Trata-se, na prática, de importar do cotidiano desenhos que podem muito bem caminhar ao ritmo de uma marcha nupcial de Felix Mendelssohn (não, não é coisa do passado).

A fila é puxada por Jennifer Lopez, costumeira inspiração, de saia curta e pano colado ao corpo. No Met Gala nova-iorquino deste ano, a modelo Gigi Hadid (dentro de um corte do estilista Thom Browne, que levou mais de 13 000 horas para ser preparado) e a brasileira Bruna Marquezine, mais mostrando do que escondendo, brilharam para os flashes, pousaram nos smartphones



CINDY ORD/MG24/GETTY IMAGES

SENSUAL
A brasileira Bruna Marquezine no Met Gala: mais mostrou do que escondeu





e, como caminho natural, foram parar nos ateliês que buscam mimetizar o que se viu. Aos apressados, prontos para qualquer tipo de conclusão: não é roubo, apenas espelho. Mas se for o caso de ir ao original, convém então apreciar as apresentações de grifes como Tamara Ralph, Elie Saab e Giambattista Valli, ícones do ramo, em peças que começam em mais de 500 000 reais e vão ao infinito. Vale ficar com Clarice Lispector (1920-1977): "Sejamos como a primavera, que renasce cada dia mais bela, exatamente porque nunca são as mesmas flores". ■

CORES Gigi Hadid: modelo florido com mais de 13 000 horas de costura

DIA DIPASUPIL/GETTY IMAGES

EMBRIÃO DAS TREVAS

Uma nova e polêmica leva de filmes de terror usa histórias de gravidez indesejadas e misteriosas como ponto de partida para falar, dependendo do caso, contra ou a favor do aborto

THIAGO GELLI



MEDO FEMININO Sydney Sweeney em *Imaculada:* jovem forçada a ter suposto Messias

DIVULGAÇÃO

Cecilia (Sydney Sweeney) só queria servir a Deus numa Itália bucólica, muito diferente de seu berço original, os Estados Unidos — mas um inesperado mal-estar muda tudo. Mesmo virgem, ela está grávida. Sem sexo ou a visita de um arcanjo, a jovem religiosa não sabe como a concepção ocorreu e se assusta com o ser misterioso que cresce em seu ventre. Não demora para que ela seja elevada ao posto de Virgem Maria reencarnada por suas colegas de hábito. Pelos preceitos da fé, ela será obrigada a ter o bebê e a criá-lo como o novo Messias, mas indícios suspeitos evidenciam que não há nada de divino nessa concepção. Na verdade, a jovem está no centro de uma conspiração macabra. A trama do filme de terror ***Imaculada*** *(Immaculate;* Estados Unidos; 2024), em cartaz nos cinemas, carrega cacoetes clássicos do gênero — freiras sacrílegas, reviravoltas e sangue abundante —, mas é nos horrores mundanos que o roteiro ganha força e, de fato, assusta: estão ali a perda de controle sobre o próprio corpo, a alienação sustentada por autoridades e o detrimento da saúde da mulher a favor da viabilidade de sua gestação.

Trata-se de medos enfrentados por mulheres ao redor do mundo — e, desde junho de 2022, também por americanas que perderam a proteção constitucional do direito ao aborto. As analogias do filme com o mundo real não são sutis. Segundo o cineasta Michael Mohan e Sweeney — também produtora —, a interpretação da mensagem por trás do longa fica a cargo do espectador: mas a campanha de marketing pegou



CLÁSSICO *O Bebê de Rosemary:* filme assustador que marcou época

WILLIAM CASTLE PRODUCTIONS/AFP

carona na polêmica. Nos Estados Unidos, as reações de conservadores se tornaram slogans de divulgação, a exemplo dos protestos que acusaram o filme de ser "uma blasfêmia satanista, feminista, pró-aborto e antivida" e que "degrada cristãos e caçoa de Maria". O resultado: *Imaculada* teve o melhor fim de semana de estreia da distribuidora.

O longa não se resume à provocação barata, nem está sozinho — pelo contrário, engrossa uma onda do horror atual que responde, de forma positiva ou negativa *(veja o quadro na pág. 82),* à revogação do aborto nos Estados Unidos, onde catorze estados baniram o procedimento e outros sete reduziram a janela de tempo em que ele é permitido.

Não é de hoje que a instabilidade da legislação pró-aborto do país influencia Hollywood — e nenhum substrato foi tão fértil quanto o terror. Às vésperas do caso Roe v. Wade,

METÁFORAS POLÊMICAS

Novos filmes usam o aborto como ponto de partida para falar de liberdade – ou maldições



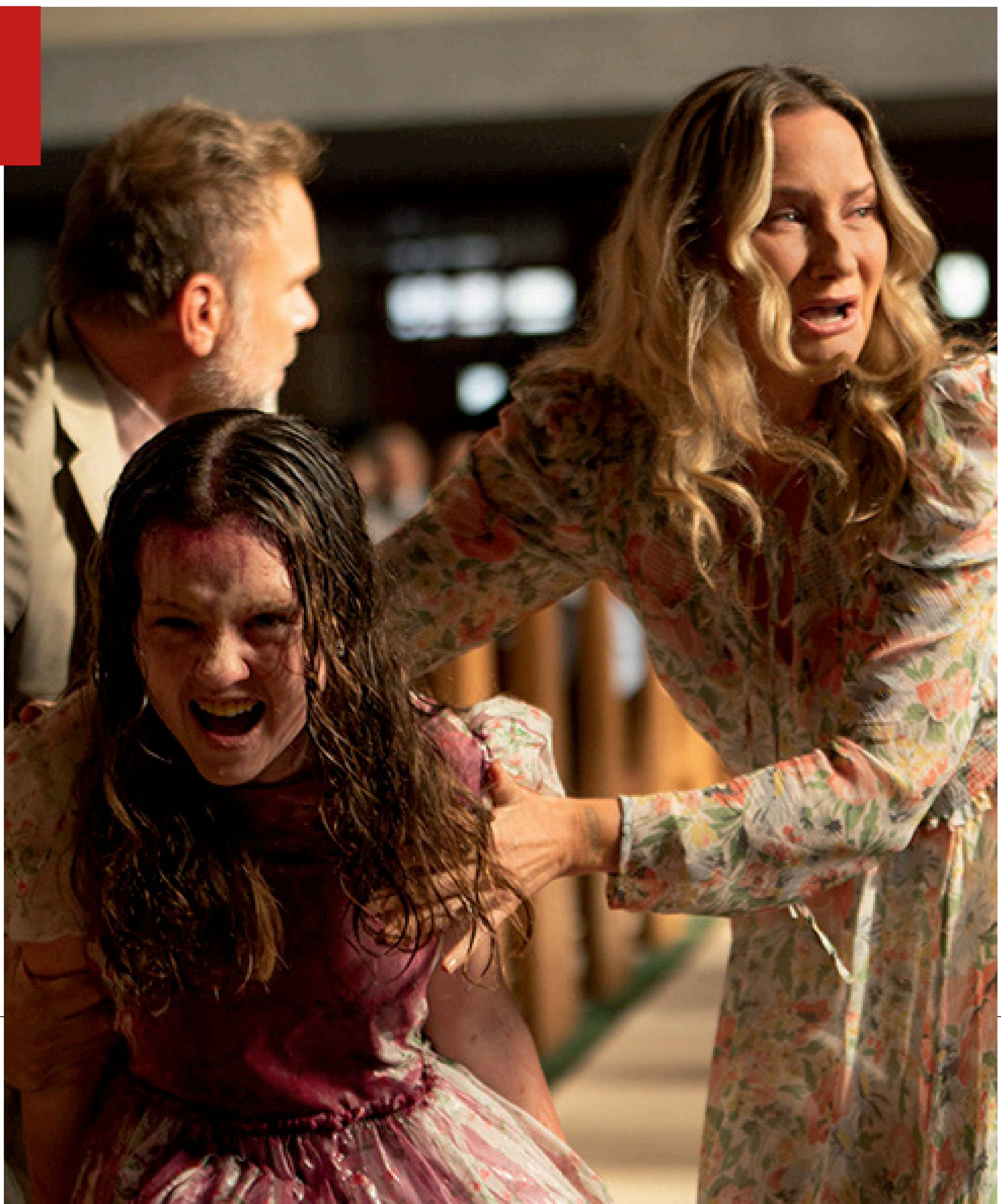
DIVULGAÇÃO

SWALLOW

Neste terror psicológico de 2019, uma dona de casa grávida engole objetos lacerantes, numa tentativa desesperada de retomar o livre-arbítrio.

O EXORCISTA: O DEVOTO

O longa de 2023 foi criticado pela trama na qual um homem opta pela vida da esposa em vez da filha em um parto letal e acaba amaldiçoado por um demônio possessor.



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

A MORTE DO DEMÔNIO: A ASCENSÃO

Moderninha, Beth (Lily Sullivan) engravida sem querer no filme de 2023. Ela é convencida a manter o bebê, apesar de tentações demoníacas para que aborte.



WARNER BROS.

A PRIMEIRA PROFECIA

Recém-chegada à Itália, uma noviça americana tem de proteger uma pré-adolescente de freiras e padres que querem inseminá-la com o anticristo no longa de 2024.

que levou à legalização da interrupção da gestação no país em 1973, o incontornável *O Bebê de Rosemary* (1968) já representava a perda de liberdade de uma dona de casa grávida, manipulada por seus vizinhos e marido a não questionar a gestação suspeita — que resulta num "adorável" demônio. Em 1976, outro clássico, *A Profecia,* entrega a um casal um bebê que, na verdade, é o anticristo. Neste ano, o intrigante *A Primeira Profecia* chegou aos cinemas mostrando a origem da criança: na trama, outra noviça americana na Itália enfrenta uma gestação forçada (há ainda uma assustadora Sônia Braga no elenco). Tão aterrorizante é a mão da diretora Arkasha Stevenson, que elaborou cenas chocantes, entre elas, a de um parto explícito em que, no lugar de um bebê, uma mão demoníaca sai da gestante. Para a cineasta, o momento é crucial no retrato do "horror físico", numa tentativa de mostrar as dores da gestação advinda de um estupro e da falta de autonomia corporal.

Nem todas as obras, porém, mostram-se pró-aborto. Lançamentos como *O Exorcista: o Devoto* e *A Morte do Demônio: a Ascensão,* ambos de 2023, punem personagens que cogitam interromper a gravidez. O interesse na questão é tanto que, no segundo semestre, um ciclo se fecha e volta ao universo de Rosemary com o lançamento da sequência *Apartment 7A*, sobre mais um encontro dos temíveis vizinhos com uma jovem fértil. Pelo viés dessa safra de filmes, o chamado milagre da concepção se transforma num drama assustador. ■

PESADELO FAMILIAR

Na minissérie *Eric*, da Netflix, uma criança desaparece — ponto de partida da trama intrigante, que investiga desde dilemas da saúde mental até as mazelas sociais que afetam a todos



NETFLIX

ATORMENTADO Benedict Cumberbatch e Ivan Morris Howe: dupla vive pai e filho com relação conturbada

NA DÉCADA de 1980, a cidade de Nova York era uma das metrópoles mais violentas do mundo. Para o pequeno Edgar (Ivan Morris Howe), no entanto, a rua parece menos assustadora do que as brigas dos pais em casa. Isso até o dia em que o garoto de 9 anos de idade desaparece misteriosamente no caminho para a escola. A busca desesperada da família e da polícia por seu paradeiro é o fio condutor da ótima minissérie ***Eric,*** novidade da Netflix. Criada pela respeitada dramaturga galesa Abi Morgan e protagonizada pelo astro inglês Benedict Cumberbatch, a produção parte do sumiço da criança para investigar temas abrangentes, do racismo à homofobia, em uma época na qual a epidemia da aids tomava o mundo, passando pelas raízes da criminalidade, entre elas a pobreza advinda da desigualdade — um drama social que afeta a todos.

De forma intuitiva e fluida, o roteiro consegue transitar entre esses temas, mas ganha força ao costurá-los pela lente do protagonista Vincent (vivido por Cumberbatch), pai de Edgar, um homem complexo, que lida com transtornos psiquiátricos desde a infância. Criador de um famoso programa infantil de marionetes na TV, ele vai mergulhar em uma espiral de culpa e paranoia com o desaparecimento do filho. Sua válvula de escape será Eric, um monstro azul desenhado por Edgar, que encarna de forma real e visível no cotidiano de Vincent. “Esse boneco gigante é a manifestação do surto psicótico do personagem, o que dá à série uma musculatura dramática nova e muito original”, disse Cumberbatch em entrevista a VEJA.

Enquanto as cenas do ator seguido por um boneco azul em Nova York dão leveza inesperada à trama, a minissérie abre espaço para dilemas paralelos comuns, mas ofuscados. Caso do policial negro e gay, vivido por McKinley Belcher III, reprimido pelo preconceito — e do favoritismo na busca pelo garoto branco de família rica enquanto o sumiço de um menino negro é ignorado. “Ao falar de crianças desaparecidas, não se trata apenas do ato físico do sumiço, mas das circunstâncias desse desaparecimento. É uma forma de examinar diferentes estados psicológicos, mas também diferentes âmbitos da nossa sociedade”, diz Abi Morgan. É um tema inescapável e um pesadelo assombroso. ■

Amanda Capuano

MAGIA EM MOVIMENTO

Grupo americano Momix desembarca no Brasil com *Alice* – espetáculo de tom teatral que traz mais uma série de inovações da prestigiada trupe de bailarinos **KELLY MIYASHIRO**



DIVULGAÇÃO

GRAVIDADE Uma das Alices "flutua" em apresentação da trupe: releitura de clássico de Carroll

ÀS VÉSPERAS de uma apresentação em Boston, em janeiro, o grupo de dança americano Momix sofreu um baque: sua bailarina Órla Baxendale, de 25 anos, morreu repentinamente de um choque anafilático causado pela ingestão de um biscoito de amendoim — ela era alérgica ao ingrediente, mas o rótulo não apontava a presença dele. Naquele momento difícil, o fundador da companhia, Moses Pendleton, 75 anos, tomou uma dura decisão: a agenda de apresentações foi mantida, mesmo com a morte da jovem, que havia entrado para a trupe oito meses antes. Na ocasião, o coreógrafo decidiu, em conjunto com a equipe, que o show deveria continuar. "A forma mais bonita de celebrar a vida de Órla — e sua perda — era dedicar a apresentação a ela, como um memorial", explicou Pendleton em entrevista a VEJA.

O resultado dessa dedicação e respeito com os dançarinos em breve poderá ser visto pelos brasileiros no espetáculo ***Alice,*** baseado no livro clássico de Lewis Carroll, que desembarca pela primeira vez por aqui em junho, quando passará por Curitiba, no dia 13, Rio de Janeiro (22 e 23), Belo Horizonte (25 e 26) e São Paulo (29). A produção ganhou elogios em países da Europa, nos Estados Unidos e parte da América Latina ao mesclar, com figurinos extravagantes, acrobacias a movimentos elaborados, entre jogos de luzes e sons instrumentais de música clássica, rock e eletrônica — mistura que se tornou o DNA do grupo.

Fundado em 1980 por Pendleton, também criador do Pilobolous, outra companhia de destaque no meio, o Mo-



SHAREN BRADFORD/DIVULGAÇÃO

FORA DA TOCA Dançarinos como coelhos: terror noturno toma forma em ato

mix atingiu seu auge na década de 1990, quando o mundo reconheceu o frescor de suas ousadas apresentações, que davam aos movimentos da dança contemporânea uma nova carga emotiva e teatral. O sucesso consolidou a marca. Antes de *Alice,* a trupe já havia colocado na estrada outras sete montagens originais. As comparações entre o Momix e o popular Cirque du Soleil, criado poucos anos depois, em 1984, no Canadá, se tornaram inevitáveis. Pendleton, porém, dispensa qualquer senso de competitividade. “Eles são mais circo e nós, mais ‘soleil’ *(solares).* E acredito que temos muito mais dança”, avalia.

De fato, o grupo americano explora as possibilidades dos movimentos do corpo enquanto a trupe canadense opera no



SHAREN BRADFORD/DIVULGAÇÃO

AO INFINITO Subida ao céu: graciosidade entre luzes e cores hipnotizantes

limite da força de seus artistas, esses comparáveis a atletas de alta performance. Talvez por isso o Momix, enfim, seja menos conhecido — mas não menos valoroso. Ao longo de quatro décadas, o grupo serve de referência para outras companhias e escolas de dança, como a Petite Danse, do Rio de Janeiro, que já formou bailarinos a serviço hoje de companhias estrangeiras, como o Royal Ballet de Londres e o San Francisco Ballet, na Califórnia. “O Momix trouxe novas possibilidades de ver a dança com criatividade e harmonia. Quem assiste aos espetáculos consegue ver além do movimento dos corpos”, opina Nelma Darzi, diretora do Petite Danse.

Em *Alice,* no centro do palco, uma das várias personagens flutua na ponta de uma escada, suspensa por fios e



GIULIO LAPONE/EFFEQUATTRO

O CRIADOR Moses Pendleton: 44 anos de estrada com os artistas

por outro dançarino na extremidade oposta, em um jogo de força e equilíbrio. Em outro momento, todos os bailarinos, vestidos com máscaras de coelho, representam o terror noturno de cair e sair da toca do animal. Já perto do final, uma personagem sobe ao céu com seu vestido esvoaçante refletindo cores fortes, que atiçam diversos sentidos da plateia. "Pegamos os personagens mais icônicos da obra de Lewis Carroll para expressá-la da nossa forma", explica o criador. Os números do Momix são até difíceis de contabilizar devido ao tempo que o grupo está ativo. Questionado sobre uma estimativa de público até aqui, Pendleton brinca: "Eu chutaria 1 trilhão". A magia está em movimento — e ela não vai parar. ■

ROTEIROS DESAFINADOS

Uma leva de cinebiografias, autorizadas por herdeiros ou pelos próprios cantores, ameniza polêmicas em tramas rasteiras — e que não honram o legado dos artistas **FELIPE BRANCO CRUZ**



DEAN ROGERS/FOCUS FEATURES

CHAPA-BRANCA Amy Winehouse: alcoolismo e comportamento autodestrutivo são edulcorados no filme

QUANDO já estava mais do que evidente que Amy Winehouse (1983-2011) era alcoólatra, seu pai, Mitch, se negou a interná-la em uma clínica de reabilitação: afinal, ela tinha shows e gravações que lhe renderiam uma grana alta. Mais tarde, Amy se viciou em heroína — droga apresentada por seu marido, Blake Fielder-Civil. As duas figuras masculinas tiveram papel essencial na vida da cantora — mas não por boas razões, como mostra o revelador documentário *Amy* (2015), vencedor do Oscar. Não é isso, porém, o que sugere a cinebiografia *Back to Black*, em cartaz nos cinemas, cujo roteiro foi autorizado por Mitch: no drama raso em torno da trágica história da cantora (interpretada por Marisa Abela), que morreu vítima de vícios, aos 27 anos, os dois são pintados como peças fundamentais no sucesso dela. Blake (Jack O'Connell) é visto como um sujeito divertido, *bon vivant* e o "muso inspirador" da inglesa. Já o pai (Eddie Marsan) é um taxista que se desdobrou pela carreira da filha.

Infelizmente, *Back to Black* integra uma leva recente de cinebiografias que se propõem a contar a história de astros musicais, só que jogando para baixo do tapete toda sorte de problemas: além de Amy, fazem parte desse roteiro desafinado Bob Marley, Whitney Houston e estrelas nacionais, como Gal Costa, Mamonas Assassinas e Sidney Magal. Em breve, Michael Jackson vai reforçar a lista. Como contam com a chancela de familiares ou dos próprios cantores, momentos polêmicos — e por vezes essenciais da biografia de um artista — são suavizados, alterados ou até

eliminados. O resultado são enredos anódinos, de tom chapa-branca e sem credibilidade.

Em *Bob Marley: One Love* (2023), por exemplo, o longa passa ao largo dos casos extraconjugais que minaram o casamento do jamaicano. Em *I Wanna Dance with Somebody — A História de Whitney Houston* (2022), o vício em drogas da cantora não ganha cenas explícitas — assim como o romance lésbico, que quase ficou fora do roteiro, não fosse a insistência da diretora Kasi Lemmons: mesmo assim, o namoro foi retratado como uma fase passageira da vida de Whitney. Amy, então, era um gênio atormentado e de talento gigantesco — detalhes essenciais que se tornaram secundários no filme. Prevista para o ano que vem, a cinebiografia de Michael Jackson, com o sobrinho Jaafar Jackson na pele do músico, promete seguir a mesma trilha questionável e ignorar as muitas acusações de abuso de menores que rondam a memória do astro.



FÁBULA Sidney Magal: vida do astro vira uma história de amor clichê

DIVULGAÇÃO



SONY PICTURES

SEGREDOS Whitney Houston: romance gay vira fase e drogas nem aparecem



IMAGEM FILMES

FANTASIA Mamonas Assassinas: longa com cenas anódinas e sem graça

No caso dos brasileiros, suas tramas de vida e criatividade foram vertidas em fábulas rasteiras. O mais recente lançamento, *Meu Sangue Ferve por Você*, sobre Sidney Magal, em cartaz nos cinemas, inventa histórias dramáticas (e bregas), como o encontro mágico dele com a esposa em um táxi. Enquanto isso, deixa de lado anedotas saborosas, como o dia em que quebraram a parede de um shopping para que Magal fugisse das fãs. A libertária Gal Costa virou menina ingênua e ativista política no filme *Meu Nome É Gal*, com Sophie Charlotte. Já os jovens alucinados e hilários dos Mamonas Assassinas perderam a personalidade no longa de 2023.



DIVULGAÇÃO

OUTRA TRILHA
Michael Jackson: caso de abuso sexual infantil omitido

A estratégia é simples e equivocada: ao mantê-los no campo dos intocáveis, tais filmes almejam perpetuar a memória e o legado dos biografados — trazendo, assim, mais lucro para os envolvidos. Mas o efeito é o contrário: *Back to Black* foi um fracasso de público. Em outra ponta, o sincerão *Bohemian Rhapsody* (2018), sobre o Queen e a luta de Freddie Mercury contra a aids, é a segunda cinebiografia mais rentável da história, com 910,8 milhões de dólares em bilheteria. O show não pode parar, mas a receita do sucesso precisa ter aquela dose indispensável de verdade. ■



COLIN HUTTON/APPLE TV+

LEVEZA Casal e filha na série: produção da Apple TV+ retrata dramas e alegrias de família incomum

TELEVISÃO

TRYING – QUARTA TEMPORADA

(disponível na Apple TV+)

Os ingleses Jason (Rafe Spall) e Nikki (Esther Smith) almejam ter filhos — e as tentativas frustradas de engravidar conduzem a primeira temporada da série. Em seguida, eles embarcam em outra odisseia: a dupla enfrenta as burocracias para adotar uma criança. Por fim, eles abrigam duas: uma menina e um menino, irmãos abandonados pelos pais. Agora, em sua quarta fase, a produção de comédia ganha novo fôlego ao dar um salto no tempo para mostrar o dia a dia da família: seis anos se passaram e as crianças são adolescentes de 16 e 12 anos (vividos por Scarlett Rayner e Cooper Turner). Em uma mistura de novelão *à la This Is Us* e ritmo de sitcom britânica, a série é exemplar genuíno do substrato chamado de *feel good*, gênero de tramas leves e felizes, que renovam a esperança do público na humanidade.

DISCO



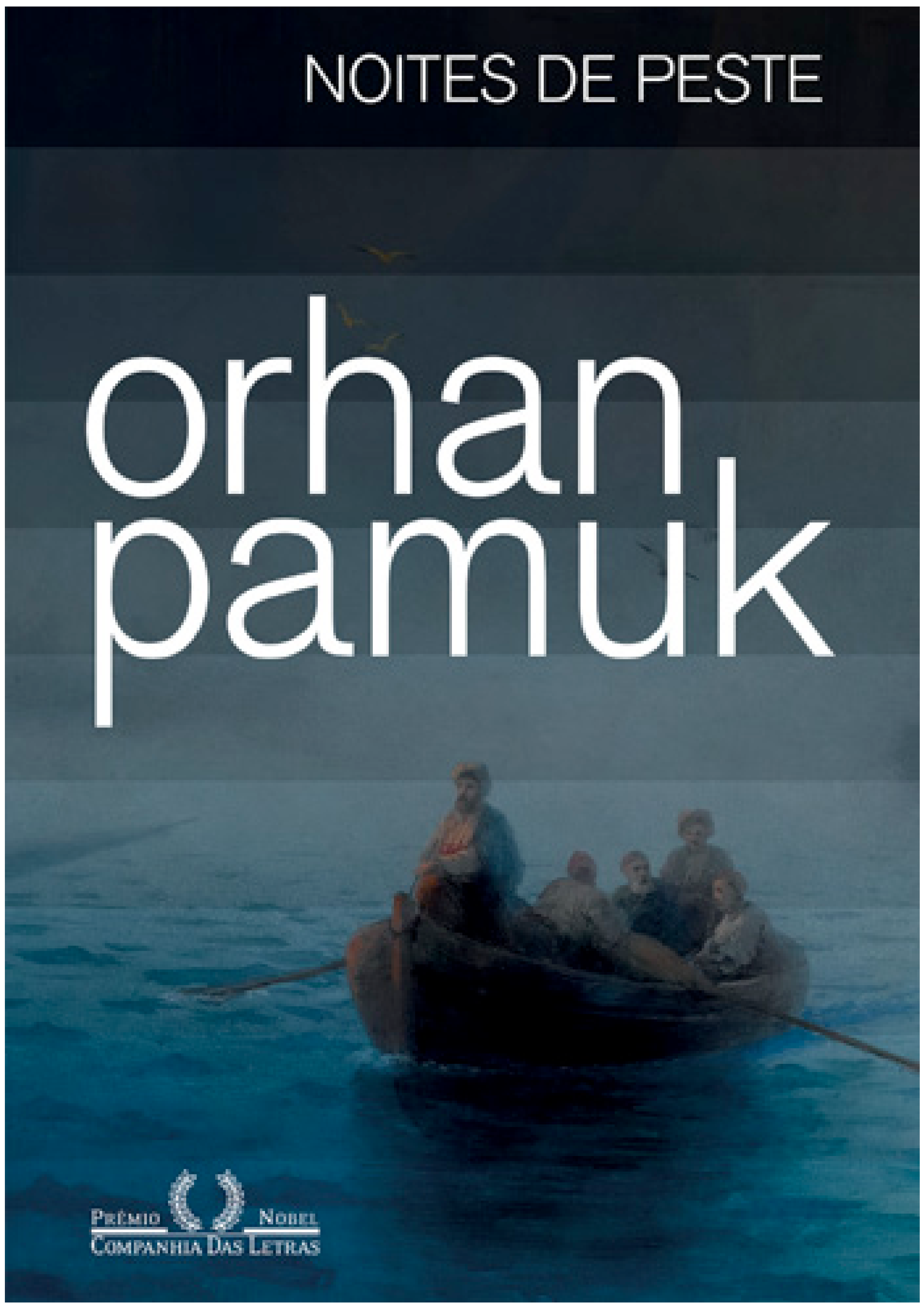
BLUE ELECTRIC LIGHT, **de Lenny Kravitz (disponível nas plataformas de streaming)**

Dono de uma fazenda no interior do Rio de Janeiro, onde se refugia quando busca sossego, o performático (e fashionista) guitarrista americano está de volta em um álbum que resgata suas raízes sessentistas. Os solos e riffs retornam revigorados e com letras que exalam energia libidinosa. Na divertida *Honey,* ele canta que "não é preciso muito para me excitar". Já em *Spirit in My Heart,* o tema é o amor na maturidade: "Você traz à tona o que há de melhor em mim, eu te amo infinitamente".

RICH POLK/NBC/GETTY IMAGES



RETORNO
Kravitz: músico lança álbum sessentista e com letras libidinosas



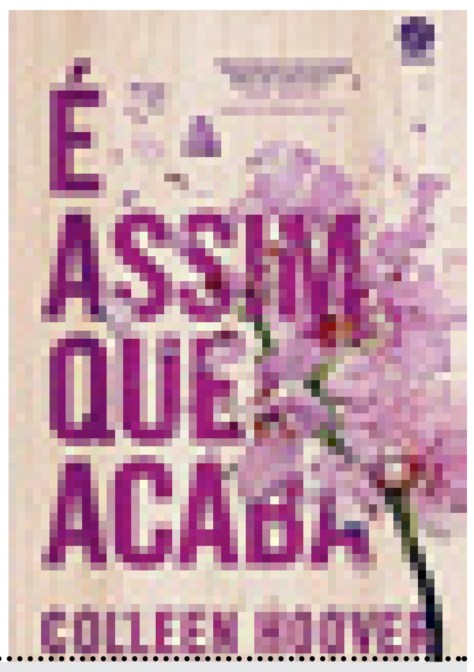
LIVRO

NOITES DE PESTE,

de Orhan Pamuk (tradução de Débora Landsberg; Companhia das Letras; 672 páginas; 169,90 reais ou 49,90 reais em e-book)

No começo do século XX, uma doença misteriosa assola uma ilha fictícia do Império Otomano. Para controlar a situação, o químico real do sultão é enviado à região, mas acaba assassinado. Escrita pelo autor turco laureado com o Nobel de Literatura, a envolvente ficção histórica acompanha a saga da princesa Pakize e de seu marido epidemiologista para entender o que se passa na ilha, que, além da enfermidade, enfrenta antagonismos religiosos e políticos que interferem no manejo da ameaça à saúde pública. ■

FICÇÃO



1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [3 | 141#] GALERA RECORD

2 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [4 | 99#] BERTRAND BRASIL

3 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [1 | 87#] RECORD

4 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [2 | 77#] GALERA RECORD

5 **VERITY**
Colleen Hoover [6 | 110#] GALERA RECORD

6 **MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**
Machado de Assis [0 | 1] PENGUIN COMPANHIA DAS LETRAS

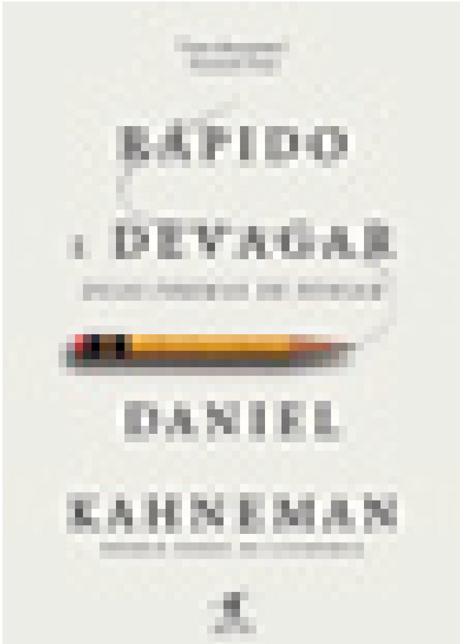
7 **A PACIENTE SILENCIOSA**
Alex Michaelides [7 | 33#] RECORD

8 **ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE**
Toshikazu Kawaguchi [0 | 10#] VALENTINA

9 **A GAROTA DO LAGO**
Charlie Donlea [0 | 171#] FARO EDITORIAL

10 **O DUQUE E EU**
Julia Quinn [0 | 18#] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO



1. **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [5 | 196#] OBJETIVA

2. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [4 | 363#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

3. **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [3 | 78#] BEST SELLER

4. **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
Vários autores [8 | 39#] CAMELOT EDITORA

5. **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [0 | 43#] VESTÍGIO

6. **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [2 | 48#] VÁRIAS EDITORAS

7. **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [1 | 17#] COMPANHIA DAS LETRAS

8. **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [0 | 45#] VÁRIAS EDITORAS

9. **O MUNDO ASSOMBRADO PELOS DEMÔNIOS**
Carl Sagan [0 | 1] COMPANHIA DE BOLSO

10. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [0 | 189#] ROCCO

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [1 | 23#] VÉLOS

2 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [5 | 95#] GENTE

3 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [3 | 50#] ALTA BOOKS

4 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [8 | 248#] CITADEL

5 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [2 | 170#] HARPERCOLLINS BRASIL

6 **O LIVRO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE SEUS PAIS TIVESSEM LIDO** Philippa Perry [4 | 9#] FONTANAR

7 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [7 | 36#] HARPERCOLLINS BRASIL

8 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [10 | 20#] ROCCO

9 **A REVOLUÇÃO DA GLICOSE**
Jessie Inchauspé [0 | 1] OBJETIVA

10 **A GENTE MIRA NO AMOR E ACERTA NA SOLIDÃO**
Ana Suy [9 | 4#] PAIDÓS

INFANTOJUVENIL



1. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
   Antoine de Saint-Exupéry [1 | 420#] VÁRIAS EDITORAS
2. **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
   Colleen Hoover [2 | 86#] GALERA RECORD
3. **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
   José Mauro de Vasconcelos [8 | 12#] MELHORAMENTOS
4. **EMOCIONÁRIO**
   Cristina Núñez Pereira [0 | 10#] SEXTANTE
5. **O LIVRO DAS VIRTUDES PARA CRIANÇAS**
   William Bennett [0 | 18#] NOVA FRONTEIRA
6. **AMÊNDOAS**
   Won-pyung Sohn [5 | 24#] ROCCO
7. **CORTE DE ESPINHOS E ROSAS**
   Sarah J. Maas [0 | 58#] GALERA RECORD
8. **O MENINO, A TOUPEIRA, A RAPOSA E O CAVALO**
   Charlie Mackesy [9 | 26#] SEXTANTE
9. **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO**
   Maidy Lacerda [0 | 4#] OUTRO PLANETA
10. **AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA** C.S. Lewis [0 | 8#] HARPERCOLLINS BRASIL

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes



JOSÉ CASADO

PERDAS E DANOS

DEPOIS DE 27 DIAS no mar, o cargueiro de 200 metros de extensão por 36 de largura aportou na semana passada em Suape, meia centena de quilômetros ao sul do Recife. A viagem do Explorer 1 é um teste de inovação tecnológica em navegação de longo curso com propulsão híbrida (combustível convencional e gás natural). Mas é, principalmente, uma operação empresarial ousada na logística e original no comércio: de uma só vez, a montadora chinesa BYD despejou 5 459 carros elétricos no mercado brasileiro.

Dias antes, um navio duas vezes menor havia ancorado com uma usina eólica inteira. São oito geradores com 24 pás e torres da altura de prédios de 48 andares, além de peças e componentes. Foi recrutada uma frota de caminhões de até dezesseis eixos para levar a carga de 400 toneladas por 250 quilômetros de estrada até a margem paraibana do Rio Seridó. É a primeira das 108 usinas completas que a China Three Gorges Corporation (CTG) está importando da chinesa Goldwin para produzir energia eólica na Serra da Palmeira pelos próximos trinta anos, em escala suficiente para abastecer 40% da Paraíba.

Os dois navios ainda descarregavam automóveis e equipamentos importados da China, enquanto em Brasília o go-

verno, o Congresso e os sindicatos industriais brigavam sobre a taxação das compras de pequeno valor (abaixo de 50 dólares, ou 250 reais) no mercado de comércio eletrônico, que é liderado por empresas chinesas.

Lula preferiu renegar o empoeirado catecismo protecionista que levou aos palanques nas últimas quatro décadas: "Como é que você vai proibir as pessoas pobres, meninas e moças que querem comprar uma bugiganga?". Flavio Roscoe, da Federação das Indústrias de Minas Gerais, retrucou. Qualificou de "absurda" a lógica eleitoral aplicada à política de comércio exterior: "Não são bugigangas, são milhões de pacotes que entram no Brasil concorrendo com produtos nacionais e tirando empregos de milhões de brasileiros".

O governo dividiu-se. Fernando Haddad (Fazenda) culpou Jair Bolsonaro e o antecessor Paulo Guedes por, supostamente, deixarem "passar a boiada" de crimes fiscais em compras na internet: "Eu fico admirado de ver como isso não foi objeto ainda de uma investigação". Rui Costa (Casa Civil) alinhou-se à proteção das empresas chinesas — a BYD, que recebeu 5 459 carros elétricos em Suape, constrói uma linha de montagem na Bahia, governada pelo PT de Costa há duas décadas e que deu a Lula 72% dos votos em 2022.

Entre a taxa zero nas vendas na internet defendida por Lula e Costa e os 60% desejados pelos industriais e pela Fazenda, o presidente da Câmara, Arthur Lira, negociou o limite de 20%, mais a tributação estadual — na prática, alguns produtos serão taxados em 60%. Bancadas do gover-

“Brasil está mais dependente e não sabe o que quer com a China e com os EUA”

no e da oposição aprovaram, mas exigiram que não houvesse registro de voto. “Não estou entendendo mais nada”, desabafou o deputado paulista Luiz Philippe de Orleans e Bragança, do Partido Liberal, descendente da família de monarcas que pincelou de modernidade a economia fechada e baseada na escravidão do antigo Império do Brasil.

O desentendimento é amplo, geral e irrestrito em Brasília. Resulta da liquefação política num ambiente de estagnação econômica e social que beira cinco décadas. O país perdeu o novo ciclo de modernização industrial, regrediu à condição de exportador de produtos primários e assumiu posição de grande dependência econômica de outra nação, comparável à de 100 anos atrás, quando só vendia café e, basicamente, para os Estados Unidos.

O Brasil está cada vez mais dependente da China. Na década passada, 15% das exportações destinavam-se ao mercado chinês. Agora, são 30%. Significa que o governo de Pequim se tornou o provedor de 1 em cada 3 dólares que irrigam as finanças e sustentam o consumo e o emprego verde-amarelo. Essa dependência brasileira de um único mercado para

um terço das exportações se agrava na altíssima concentração das vendas (77% do total) em apenas três produtos primários: soja (31%), minério de ferro (23%) e petróleo (23%).

Não é culpa do imperialismo chinês. As perdas e danos são resultado de escolhas errôneas, genuinamente nacionais. Entre elas, a preferência por subsídios estatais às velhas indústrias baseadas em combustíveis fósseis, em lugar de incentivos à inovação, pesquisa e desenvolvimento. Governo e Congresso se perdem na discussão da "taxa das blusinhas", das "bugigangas" e do "conteúdo nacional", enquanto o país segue vacilante, sem definir o que quer nas relações com a China e com os Estados Unidos. ■


CASACOR / SÃO PAULO
DE PRESENTE,
O AGORA
COMPRE
AQUI
A CASACOR
vai começar!
Garanta já
o seu ingresso!
21 . 05 — 28 . 07
CONJUNTO NACIONAL
AV PAULISTA, 2073
PATROCÍNIO MASTER
PATROCÍNIO
BANCO OFICIAL
PATROCÍNIO LOCAL
PATROCÍNIO DE TECNOLOGIA
CARRO OFICIAL
APOIO LOCAL
FORNECEDOR OFICIAL
FORNECEDOR OFICIAL
MEDIA PARTNER OFICIAL
HOTEL OFICIAL
SEGURADORA OFICIAL


CRUZEIROS INTERNACIONAIS?
PENSE NORWEGIAN.
Mais de 400 destinos pelo mundo, incluíndo: Europa, Caribe, Alasca e Ásia.
Frota premiada de 19 navios. Saídas disponíveis até 2026.
NCL
NORWEGIAN
CRUISE LINE®
MELHOR LINHA DE CRUZEIROS CONTEMPORÂNEOS
2022 CRUISE PASSENGER READERS' CHOICE
EMPRESA LÍDER EM CRUZEIROS MARÍTIMOS NA EUROPA
WORLD TRAVEL AWARDS
17 ANOS CONSECUTIVOS
AO RESERVAR, UTILIZE O CÓDIGO VEJA2024
PARA GANHAR UM PRESENTE ESPECIAL.
ATENDIMENTO EXCLUSIVO: (11) 3177-3137
OU ACESSE O SITE: WWW.NCL.COM.BR
RESERVE HOJE AS
FÉRIAS DOS SEUS
SONHOS!
©2024 NCL Corporation Ltd. Ships' Registry: Bahamas and USA 1176116 04/24